



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

MARANA DE ALMEIDA MOREIRA RIBEIRO

A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS
DENTOALVEOLARES ANTES DE [i]
NO INTERIOR BAIANO

Salvador
2018

MARANA DE ALMEIDA MOREIRA RIBEIRO

**A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS
DENTOALVEOLARES ANTES DE [i]
NO INTERIOR BAIANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim

Salvador

2018

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RIBEIRO, Marana de Almeida Moreira
A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTOALVEOLARES
ANTES DE [i] NO INTERIOR BAIANO / Marana de Almeida
Moreira RIBEIRO. -- Salvador, 2018.
111 f.

Orientadora: Marcela Moura Torres PAIM.
Dissertação (Mestrado - Língua e Cultura) --
Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras,
2018.

1. Palatalização. 2. Português brasileiro. 3.
Projeto Atlas Linguístico do Brasil. I. PAIM, Marcela
Moura Torres. II. Título.

MARANA DE ALMEIDA MOREIRA RIBEIRO

**A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTOALVEOLARES ANTES DE [i] NO
INTERIOR BAIANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Marcela Moura Torres Paim – UFBA (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Silvana Soares Costa Ribeiro – UFBA

Prof.^a Dr.^a Juliana Escalier Ludwig Gayer – UFBA

Prof.^a Dr.^a Jacyra Andrade Mota – UFBA (Suplente)

Prof.^a Dr.^a Cláudia Tereza Sobrinho da Silva – UFBA (Suplente)

Salvador
2018

A Rosa & Allan
Vanda & Leão
Minha vida

AGRADECIMENTOS

A caminhada foi longa, muitos obstáculos foram enfrentados, mas vivi, também, muitos momentos de satisfação, aprendizado e amizade. Por isso, não posso deixar de agradecer a algumas pessoas que foram excepcionais, cada um a sua maneira, por ter contribuído tanto para a conclusão de mais uma etapa de minha formação.

A começar por Ele, que tem colocado tantas oportunidades boas nesta vida, me proporcionado desafios para meu crescimento espiritual e me mostrado que a vida precisa ser vivida um dia após o outro, sem antecipações.

A minha mãe, por ser a principal incentivadora de meus projetos de vida e depositar tanta fé nessa filha que se ausenta em diversos encontros de família e que, às vezes, de modo egoísta, espera sua compreensão.

A meu companheiro de vida, que, além de marido, desempenha tantos outros papéis importantes na minha vida: conselheiro, ouvinte, revisor gráfico e o grande amor que me preenche.

A meus familiares, que compreenderam quando eu não estive presente, quando tive momentos roubados.

Ao Projeto ALiB, minha segunda casa, onde tanto aprendi e construí boas amizades. Um verdadeiro lar para todos nós. A nostalgia de ser bolsista alibiana é grande e emana da boa convivência que tive durante três anos.

Às professoras alibianas, por terem cumprido um papel essencial em nossa formação: pró Jacyra, que me orientou e tanto contribuiu para minha formação com sua dedicação e paciência; pró Suzana, por seus ensinamentos valiosos sobre a ética e o verdadeiro valor de se fazer tudo bem feito; pró Marcela, por ter me orientado no Mestrado, incentivando a não desistir e acalmando minhas angústias; pró Silvana, por transmitir exemplos de competência profissional e nos ensinar o valor do trabalho e à pró Ana, com sua alegria e praticidade, nos mostrando que é possível se dedicar ao trabalho sem abrir mão da família, além de ter contribuído na cartografia deste trabalho.

Aos grandes amigos que fiz no ALiB e que se cristalizaram em minha vida: Bianca, minha doce madrinha, em quem posso confiar, Daiane, a outra face de mim, com sua habilidade de dizer o certo na hora certa, Gracy, em quem sei que posso contar, Grazielle, uma pureza de amiga, sem medir esforços para ajudar os seus, Luiza, com sua crença nos amigos, buscando colocá-los “para cima”, e Paulo, a quem devo meus conhecimentos iniciais de sociolinguística e tanto me ajudou na época da seleção.

Àqueles que a UFBA me proporcionou conhecer e que hoje guardo um carinho especial: Jane, meu braço direito, quem me mostra luz quando só vejo sombra, uma grande amiga; Jilvan, amigo querido, exemplo de humildade, obrigada por ter produzido o *abstract*, Ione, com sua sabedoria de vida e disposição em ajudar o próximo, e Adriana, com quem partilhei saborosos momentos de conversa.

À professora Josane Oliveira, por ter me ensinado, de modo tão didático, a manusear o GoldVarb X e ter oferecido sugestões ao projeto.

À professora Juliana Gayer, por suas valiosas contribuições a este trabalho, no momento da defesa do projeto.

Aos colegas do PPGLinC, pela parceria e alegria com a qual eram conduzidas as aulas da tarde.

Ao professor Américo, enquanto esteve ocupando o cargo de coordenador do PPGLinC, tendo auxiliado na distribuição das bolsas dos novos alunos e na organização das aulas da disciplina *Seminários I*.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB – por ter financiado a pesquisa que se apresenta nesta dissertação de Mestrado.

Muito obrigada a todos que participaram dessa longa jornada enriquecedora, de suma importância para meu crescimento pessoal e profissional.

RIBEIRO, Marana de Almeida Moreira. *A palatalização das oclusivas dentoalveolares antes de /i/ no interior baiano*. 109 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

RESUMO

Este trabalho analisa a realização variável das consoantes oclusivas dentoalveolares antes da vogal alta /i/ fonológica, em vocábulos como *tio*, *mentira*, e nos casos em que essa vogal resulta da neutralização do /E/ em posição átona, como em *tarde*, *noite*, vogal derivada ou fonética, em vinte e uma localidades do interior da Bahia, a partir do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Admitindo-se como regra de aplicação a palatalização, o estudo tem como principal objetivo identificar os fatores condicionantes do fenômeno, sendo eles linguísticos ou extralinguísticos. Para isso, aglutinam-se os pressupostos teórico-metodológicos da geolinguística pluridimensional (CARDOSO, 2010) aos da sociolinguística quantitativa (LABOV, 2008 [1972]). Este estudo se apresenta como descritivista, uma vez que, a partir de um fato fônico, tenta-se descrever os fatores internos e externos à língua que o favoreceram. Do ponto de vista metodológico, os dados utilizados foram extraídos dos questionários fonético-fonológico (QFF) e semântico-lexical (QSL) do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001) aplicados no interior baiano. Para tanto, consideraram-se oitenta e quatro informantes, sendo quatro para cada localidade pesquisada, pertencentes a duas faixas etárias (uma de 18 a 30 anos e outra de 50 a 65 anos). Observa-se a distribuição do fenômeno em estudo a partir de sete mesorregiões geográficas que compreendem o estado da Bahia: Metropolitana, Vale São Franciscano da Bahia, Nordeste Baiano, Centro Norte Baiano, Extremo Oeste Baiano, Centro Sul Baiano e Sul Baiano. Para o empreendimento da análise, o *corpus* foi constituído por 2970 ocorrências, incluindo as duas possibilidades de realização encontradas no estado: a palatal e a dentoalveolar, totalizando 1818 ocorrências de vogal fonológica e 1154 de vogal derivada. Foram controladas as variáveis linguísticas: vozeamento da consoante, posição da sílaba, nasalidade da sílaba, tonicidade, vogal antecedente, consoante antecedente e natureza da vogal. As variáveis extralinguísticas controladas foram: diatopia, sexo e faixa etária. Os dados foram tratados por meio da análise quantitativa, da codificação e da submissão ao programa *Goldvarb X*. A partir das análises engendradas, verificou-se que o fenômeno está mais presente nas mulheres jovens e nas áreas que abrangem o Centro Sul e o Sul Baiano, além da região Metropolitana de Salvador e uma localidade do Centro Norte Baiano. Quanto aos aspectos linguísticos, a vogal alta fonológica se coloca como favorecedora, apresentando um percentual de 72.7% e 0.658 de peso relativo. Quando separado o fenômeno por contexto de natureza da vogal, as variáveis linguísticas selecionadas no âmbito da vogal derivada foram a tonicidade e o vozeamento, enquanto que, na vogal fonológica, a consoante antecedente e a vogal antecedente é que favoreceram a aplicação da palatalização na área considerada.

Palavras-chave: Variação. Palatalização. Dialetologia. Análise quantitativa. Bahia. Atlas Linguístico do Brasil.

RIBEIRO, Marana de Almeida Moreira. *A palatalização das oclusivas dentoalveolares antes de /i/ no interior baiano*. 109 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the variable realization of dentoalveolar occlusives consonants before phonological high vowel /i/, in words such as *tio*, *mentira*, and in cases which this vowel results from /E/ neutralization in unstressed position, as *tarde*, *noite*, a derived vowel or phonetic, in twenty-one interior localities in Bahia, based on the Project Linguistic Atlas of Brazil *corpus*. Assuming palatalization a rule of application, this study has the main goal of identify the phenomenon conditioning factors: linguistic and extralinguistics. For this, it is put together the theoretical-methodological assumptions of multidimensional geolinguistics (CARDOSO, 2010) and Quantitative Sociolinguistics (LABOV, 2008). This study is also descriptive, once, from a phonic fact, the aim is to describe internal and external factors to the language which favored it. From a methodological point of view, the data used were extracted from the Phonetic-Phonological Questionnaire (QFF) and Lexical-Semantic (QSL) from ALiB Project (COMITÊ NACIONAL, 2001) applied in the interior of Bahia. Therefore, it is considered eighty-four informants, being four for each locality consulted, from two age group (18 to 30 years old and another one 50 to 65 years old). It was observed the phenomenon distribution from seven geographical mesoregions, which is part of Bahia state: Metropolitan, Vale São Franciscano of Bahia, Northeast of Bahia, North central of Bahia, West end of Bahia, South central of Bahia and South of Bahia. For the analysis development, the *corpus* was developed by 2972 occurrences, including both realization possibilities found in the state: palatal and dental, totalizing 1818 occurrences of phonological vowel and 1154 of derived one. There were controlled the linguistic variables: voicing of the consonant, syllable position, nasality of the syllable, stress, antecedent vowel, antecedent consonant and vowel nature. The extralinguistic variables were also controlled: diatopic, sex and age group. The data were manipulated by quantitative analysis, coding and submission to *Goldvarb X* program. After generated analyzes, it was observed that the phenomenon is more related to young women and in South central and South of Bahia, besides Salvador metropolitan region and North central of Bahia. Considering linguistic aspects, the phonological high vowel has being favored, totalizing a percentual of 72.7%. When the phenomenon is separated by vowel nature context, the linguistic variables selected according to derived vowel were stress and voicing, while, in phonological vowel, the antecedent consonant and antecedent vowel favored the palatalization application in that considered area.

Keywords: Variation. Palatalization. Dialectology. Quantitative analysis. Bahia. Linguistic Atlas of Brazil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Carta Brasil	47
Gráfico 1	Palatalização de /t,d/ antes de /i/: distribuição no interior baiano (pesos relativos)	74
Figura 2	Carta linguística de palatalização na Bahia – <i>corpus</i> Projeto ALiB	79
Gráfico 2	Palatalização de /t,d/ antes de /i/: cruzamento diatopia x faixa etária (pesos relativos)	83
Gráfico 3	Palatalização de /t,d/ antes de /i/: cruzamento diatopia x sexo (pesos relativos)	87
Gráfico 4	Palatalização de /t, d/ antes de /i/: cruzamento sexo x faixa etária (pesos relativos)	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Distribuição da variação de /t/ diante de /i/ no APFB e no <i>corpus</i> do Projeto ALiB	26
Quadro 2	Atlas linguísticos regionais publicados no Brasil até 2008	36
Quadro 3	Projeto ALiB – Questionário Fonético-Fonológico (extrato)	49
Quadro 4	Projeto ALiB – Questões de Prosódia (extrato)	49
Quadro 5	Projeto ALiB – Questionário Semântico-Lexical (extrato)	50
Quadro 6	Projeto ALiB – Questionário Morfossintático (extrato)	50
Quadro 7	Rede de pontos ALiB segundo a mesorregião correspondente – localidades baianas	59
Quadro 8	Características gerais das localidades baianas consideradas no estudo	60
Quadro 9	Extrato de perguntas do QFF e do QSL	70
Quadro 10	Palatalização de /t, d/ antes de /i/: vocábulos no contexto [a, ẽ] + /t, d/ (vogal fonológica)	96
Quadro 11	Palatalização de /t, d/ antes de /i/: vocábulos no contexto /i/ + /t, d/ (vogal fonológica)	98

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Palatalização de /t, d/ antes de /i/: fatores selecionados (rodada conjunta)	73
Tabela 2	Palatalização de /t, d/ antes de /i/: faixa etária (rodada conjunta)	82
Tabela 3	Palatalização de /t, d/ antes de /i/: sexo (rodada conjunta)	86
Tabela 4	Palatalização de /t, d/ antes de /i/: natureza da vogal (rodada conjunta)	91
Tabela 5	Palatalização de /t, d/ antes de /i/: consoante antecedente (vogal fonológica)	93
Tabela 6	Palatalização de /t, d/ antes de /i/: vogal antecedente (vogal fonológica)	95
Tabela 7	Palatalização de /t, d/ antes de [i]: tonicidade (vogal derivada)	100
Tabela 8	Palatalização de /t, d/ antes de /i/: vozeamento (vogal derivada)	101

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALiB	Atlas Lingüístico do Brasil
NURC	Norma Lingüística Urbana Culta
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
EALMG	Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais
ALPB	Atlas Lingüístico da Paraíba
ALS	Atlas Lingüístico de Sergipe
ALPR	Atlas Lingüístico do Paraná
ALERS	Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil
ALISPA	Atlas Lingüístico sonoro do Pará
ALS II	Atlas Lingüístico de Sergipe II
ALMS	Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	21
2.1 O CASO EM ESTUDO	21
2.1.1 O que revela a literatura	21
2.1.1.1 <i>BISOL (1986)</i>	22
2.1.1.2 <i>CARDOSO (1993)</i>	23
2.1.1.3 <i>MOTA (1995)</i>	24
2.1.1.4 <i>APFB (1963)</i>	25
2.1.1.5 <i>PAGOTTO (2001)</i>	27
2.2 A DIALETOLOGIA.....	28
2.2.1 A Geolinguística: o método	30
2.2.2 Os estudos dialetais no Brasil	31
2.2.3 O histórico da Dialectologia brasileira	31
2.2.3.1 <i>Proposta de periodização de Nascentes (1953)</i>	31
2.2.3.2 <i>Proposta de periodização de Ferreira e Cardoso (1994)</i>	33
2.2.3.3 <i>Proposta de periodização de Mota e Cardoso (2006)</i>	34
2.3 A SOCIOLINGUÍSTICA	40
2.4 BREVE REFLEXÃO SÓCIO-HISTÓRICA.....	43
3 PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL	46
4 METODOLOGIA	52
4.1 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	53
4.2 AS VARIÁVEIS CONSIDERADAS	54
4.2.1 Variável dependente	55
4.2.2 Variáveis independentes	55
4.2.2.1 <i>Variáveis linguísticas</i>	55
4.2.2.2 <i>Variáveis extralinguísticas</i>	57
4.3 AS LOCALIDADES	58
4.4 OS QUESTIONÁRIOS	70
4.5 O TRATAMENTO QUANTITATIVO.....	71
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	73
5.1 RODADA CONJUNTA	73
5.1.1 Variável geográfica	74

5.1.1.1	<i>Localidades palatalizantes</i>	77
5.1.1.2	<i>Localidades não palatalizantes</i>	79
5.1.2	Variável faixa etária	81
5.1.2.1	<i>Cruzamento entre diatopia e faixa etária</i>	83
5.1.3	Variável sexo	85
5.1.3.1	<i>Cruzamento entre diatopia e sexo</i>	87
5.1.3.2	<i>Cruzamento entre as variáveis sociais sexo e faixa etária</i>	89
5.1.4	Variável natureza da vogal	91
5.2	RODADAS SEPARADAS	92
5.2.1	Vogal fonológica	92
5.2.1.1	<i>Consoante antecedente</i>	93
5.2.1.2	<i>Vogal antecedente</i>	94
5.2.2	Vogal derivada	99
5.2.2.1	<i>Tonicidade</i>	99
5.2.2.2	<i>Vozeamento</i>	101
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
	REFERÊNCIAS	106

1 INTRODUÇÃO

As línguas humanas são imensamente diversificadas, porém organizadas, como já é consensual entre os estudos linguísticos. Por sua vez, a língua portuguesa falada no Brasil detém fenômenos linguísticos próprios, com diferentes possibilidades de realizações. Sua origem e trajetória podem explicar certos casos vigentes na língua, mas muito ainda há de ser pesquisado e desenvolvido, já que não há explicações suficientes que deem conta de toda a variabilidade linguística existente no país.

Depreender que as línguas apresentam variações e, que em dada época, essas poderão atingir a mudança é afirmar que as pessoas falam de modo diferente, uma vez que, no português falado no Brasil (e também em outras línguas), é possível a pronúncia variada de certos traços fônicos, percebida em elocuições de pessoas que dão *bom* [ˈdʒiɐ̃] em oposição àquelas que aprenderam o *bom* [ˈdiɐ̃], por exemplo. Além disso, as coisas podem ser denominadas de diferentes maneiras, a depender de cada lugar: é o caso do enfeite que as mulheres põem na cabeça para prender os cabelos, a *tiara* ou o *diadema*. A riqueza linguística desse país que dispõe de proporções continentais pode, ainda, ser vista em outros contextos da língua, não se bastando ao nível da fonética ou do léxico.

Por outro lado, a concepção de língua como um sistema variável permite, também, que se afirme que os falantes de um mesmo país falam do mesmo modo. Ora, se, por um lado, considera-se a diversidade linguística e, portanto, diferentes modos de fala, como apontado anteriormente, como afirmar que esses mesmos falantes falam da mesma maneira?

Do ponto de vista do sistema linguístico, os falantes de uma dada língua falam da mesma maneira, já que, independentemente das variações existentes, todos eles se compreendem mutuamente. Desse modo, a fala, embora materialize as variações, é o maior instrumento de comunicação à disposição dos seres humanos, capaz de dar clareza às mensagens que se quer transmitir. Isso permite dizer que, compreendendo a unidade linguística dentro da diversidade, as pessoas falam do mesmo modo, mas com peculiaridades que identificam grupos sociais, que podem ser regionais, geracionais, sexuais (ou genéricos) ou nos diversos níveis de escolaridade. Esses fatores interrelacionam-se e configuram a identidade cultural de um povo, levando a crer, todavia, que as pessoas falam de diferentes maneiras.

Estabelecido o viés teórico-ideológico (CHAMBERS; TRUDGILL (1994); LABOV, 2008 [1972]; 2006 [2001]; CARDOSO, 2010; MOTA, 1998; BATTISTI et. al, 2007 e outros)

que se concebe na visão de língua, delinea-se, então, o recorte deste trabalho: a palatalização das consoantes oclusivas dentoalveolares diante de dois contextos: i) o da vogal fonológica /i/, em que a vogal é naturalmente palatal alta, em vocábulos como *tio*, *dia*, por exemplo e ii) o da vogal alta [i] derivada da vogal /E/, como em *tard[i]* e *noit[i]*, em localidades do interior da Bahia, com base no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

A propósito das localidades consideradas, este estudo apropriou-se da Rede de Pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, que registrou vinte e uma localidades do interior da Bahia para documentação, a saber¹: Barreiras, Santana, Barra, Carinhanha, Juazeiro, Irecê, Itaberaba, Jacobina, Alagoinhas, Euclides da Cunha, Jeremoabo, Santo Amaro, Caetité, Itapetinga, Jequié, Seabra, Vitória da Conquista, Caravelas, Ilhéus, Santa Cruz Cabrália e Valença. Ressalta-se que, embora a capital do estado, Salvador, tenha sido documentada pelo Projeto, esta pesquisa não a considerou como amostra, visto que seus dados já foram publicados nos primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO et al, 2014b).

Tendo em vista as diversas nuances da língua portuguesa falada no interior da Bahia, apresentam-se as seguintes questões norteadoras desta pesquisa: i) como ocorre a distribuição geográfica da palatalização das oclusivas dentoalveolares no interior do estado? ii) Quais são as áreas de predominância da variante palatal? iii) Quais são os fatores internos e externos à língua que favorecem a regra de palatalização em cada contexto (o da vogal fonológica e o da vogal derivada)? iv) Há diferenças significativas nos resultados quando os contextos em análise são tratados conjuntamente (como variáveis) e separados? v) É possível observar um processo de mudança em curso do fenômeno no Brasil?

Inicialmente, a partir da observação dos dados e da literatura levantada, aventava-se como hipótese que os dois contextos – de vogal derivada e de vogal fonológica – se comportassem de formas distintas, havendo maior favorecimento da regra de palatalização quando a consoante oclusiva estivesse diante de /i/ vogal fonológica.

Acredita-se que a realização palatal das consoantes oclusivas dentoalveolares possa estar em processo de implementação de mudança, quando se percebe, por exemplo, que, ao contrastar as variantes linguísticas com o fator social faixa etária, a predominância do uso da variante palatal está entre os falantes mais jovens. A variante dental, trazida como missão pelos lusitanos, é, portanto, caracterizada como a mais conservadora, tão presente na fala dos indivíduos mais velhos, enquanto a palatal é a variante inovadora e prestigiada no Brasil, com maior predominância na fala dos jovens.

¹ Apresenta-se a lista das localidades consideradas por ordem de mesorregião geográfica e, a partir dela, ordem alfabética.

É importante explicitar que este trabalho não definiu como um dos objetivos desenvolver teorias. Aqui, toma-se um fato fônico para descrevê-lo a partir da distribuição geográfica das variantes e do controle das variáveis sociais (sexo e faixa etária). Ademais, são objetivos específicos da pesquisa:

- a) verificar o comportamento das homorgânicas /t, d/ nas diferentes mesorregiões baianas;
- b) identificar os fatores internos e externos à língua que catalisam a realização variável dos fonemas oclusivos /t/ e /d/;
- c) descrever os fatores que favorecem a palatalização em cada um dos contextos (o da vogal fonológica e o da vogal derivada);
- d) verificar se há um processo de mudança linguística em curso;
- e) identificar possíveis áreas dialetais no interior do Estado da Bahia;
- f) elaborar carta linguística que apresente a distribuição geográfica das variantes.

Embora haja alguns trabalhos sobre o fenômeno da palatalização das consoantes oclusivas dentoalveolares, carece-se de mais estudos, sobretudo da Bahia, que demarquem as fronteiras linguísticas no interior do Estado para melhor explicar esse fenômeno tão comum na língua falada no Brasil. Assim, ainda há a necessidade de ampliar as pesquisas para que se compreenda, com acuidade, a realização desse fenômeno no português brasileiro, especificamente no interior da Bahia.

A pesquisa aqui proposta também se justifica porque se pretende dar continuidade ao trabalho desenvolvido durante a Iniciação Científica (IC-PIBIC), perseguindo a variação das consoantes oclusivas dentoalveolares diante de [i], cujos resultados auxiliaram para a documentação da distribuição, ainda preliminar, das variantes (dental e palatalizada) no interior baiano.

Os resultados da pesquisa sobre a palatalização das oclusivas dentoalveolares com os dados das capitais foram os primeiros passos para se descrever a diversidade do fenômeno no território brasileiro, por meio da publicação das primeiras cartas linguísticas no *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO et al., 2014b).

Ancorada na perspectiva variacionista, além de congregar os pressupostos teórico-metodológicos da dialetologia, e sabendo-se que há recursos tecnológicos para o tratamento dos dados recolhidos, optou-se por utilizar o programa de análise estatística *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), no intuito de observar os contextos internos e externos à língua que propiciavam a aplicação da regra de palatalização.

O *corpus* constituído para a análise foi formado por 2.970 ocorrências, incluindo as duas possibilidades de realização encontradas no estado: a palatal e a dental. Na separação das rodadas por contexto de natureza da vogal, totaliza-se o referido *corpus* com 1.816 ocorrências de vogal fonológica e 1.154 de vogal derivada.

A estrutura deste trabalho está segmentada em seis seções, a saber: 1) introdução; 2) fundamentos teóricos; 3) aspectos metodológicos; 4) o projeto ALiB; 5) apresentação e análise dos resultados e 6) considerações finais, além da lista de referências utilizadas.

A primeira seção estabelece a concepção de língua e dedica-se à apresentação geral do trabalho, com a delimitação das hipóteses aventadas, dos objetivos pretendidos e da estrutura do texto de modo geral.

A segunda seção apresenta os aspectos que fundamentam teoricamente a pesquisa, dividida em três partes: a primeira versa sobre considerações acerca do fenômeno em estudo, a segunda trata dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística quantitativa, bem como o legado de seu principal expoente, Willian Labov, e a terceira apresenta a história e a contribuição teórica da dialetologia, principalmente no que diz respeito à interpretação dos dados confrontados para cada localidade.

A terceira seção é dedicada ao maior empreendimento de cunho geolinguístico publicado no Brasil: o *Atlas Linguístico do Brasil*. Nessa seção, apontam-se a metodologia e as características mais gerais desse documento que irá contribuir para o conhecimento da constituição do português falado no Brasil. Optou-se por discorrer sobre o ALiB em uma seção específica para dar mais destaque a ele e valorizá-lo tal como deve ser feito nas pesquisas que se apropriam de seu acervo. O Projeto ALiB é fruto de muito esforço e dedicação de uma equipe de linguistas brasileiros, liderado por Suzana Cardoso e Jacyra Mota, e, portanto, sem esse perfil de determinação, a língua portuguesa do Brasil e todas as suas vicissitudes ainda seriam alvo de achismos e, provavelmente, estereótipos que emanam do desconhecimento da realidade. Somado a isso, esse *Atlas* dá conta de uma série de fatos linguísticos que proporcionam, dentre outros benefícios, o reconhecimento das diversas normas de uso, organizadas por vias de uma unidade sistêmica da língua.

A quarta seção trata dos aspectos metodológicos da pesquisa, bem como das etapas que nortearam sua produção. Explicita-se a constituição do *corpus*, as decisões para o tratamento dos dados, a discussão sobre as variáveis linguísticas e extralinguísticas consideradas, os questionários utilizados e uma breve história das localidades baianas investigadas.

A quinta seção discute os fatores selecionados pelo *GoldVarb X* que mais apresentaram relevância para a realização palatal das variantes /t, d/. Além disso, inserem-se análises e interpretações que circundam cada caso selecionado, correlacionando-os com o que se verifica na literatura adotada.

A sexta e última seção finaliza o trabalho, apontando, além de conclusões sobre o que foi alcançado no curso deste projeto, considerações que não têm o objetivo de esgotar o estudo, mas de indicar possíveis passos futuros que podem ser tomados para a ampliação da discussão e de maior conhecimento do objeto estudado.

Na sequência, identifica-se a lista com as referências consultadas e utilizadas para a construção deste texto.

Na oportunidade, é importante agradecer ao Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil pela permissão de uso do *corpus*, que se destaca pelo caráter inédito dos dados investigados neste trabalho.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Os fundamentos que serviram de base teórica para este trabalho se centram em vertentes da linguística que têm como objeto de investigação a variação – a dialetologia e a sociolinguística. Além destas, a própria literatura concernente ao que se considera como palatalização e principais resultados acerca de sua realidade no Brasil também atuam como referências significativas para a análise empreendida nesta dissertação.

2.1 O CASO EM ESTUDO

A palatalização de consoantes oclusivas dentoalveolares antes de /i/ vem sendo alvo de alguns estudos, e esses se concentram, majoritariamente, na região Sul do Brasil. Por essa razão, uma descrição mais ampla no que tange ao território brasileiro se faz necessária, a fim de contribuir para o conhecimento das variedades do português falado no Brasil.

Para que ocorra, então, esse fenômeno linguístico, é preciso que a consoante dentoalveolar esteja diante da vogal alta anterior, seja ela de natureza fonética [i] ou fonológica /i/, adquirindo a articulação da vogal contígua.

Como bem define Hora (1997, p. 135), a palatalização de /t, d/ “é um processo assimilatório resultante do espriamento do traço [coronal] da vogal /i/ e/ou do *glide* [y], provocando a mudança do traço [+anterior] da consoante para [-anterior].”.

No plano articulatorio, portanto, a realização da coronal (/t/ ou /d/) pode se dar com a lâmina da língua se projetando em direção aos alvéolos, formando uma realização dentoalveolar ou alveolar ([^lti]), ou com a área anterior da língua tocando a região medial do palato duro, configurando uma realização palatoalveolar – ou simplesmente palatal ([^ldʒi]).

2.1.1 O que revela a literatura

Nascentes (1953, p. 47), em *O Linguajar Carioca*, descrevendo a pronúncia de cada consoante falada no português do Brasil, afirma que “D – Seguido de y, ou de um e reduzido, palataliza-se: *compendio-compendyo, lêndea-lendya, bonde-bondye*” e relaciona esse fato com o que ocorre na língua italiana. Assim, “A Dra Nella Aita [...] o compara nestas condições, com o g prepalatal explosivo italiano.”.

A propósito do /t/, Nascentes (1953, p. 52) verifica que “T – Diante de e reduzido e de i, palataliza-se”, exemplificando com os vocábulos *pentear-pintyá, monte-montyi*. O autor conclui a descrição do /t/ pontuando que “A Dra Nella Aita [...] comparou com o que se passa no e palatal italiano esta alteração do t carioca.”.

Caracterizando esse fato fônico como marca do dialeto carioca, Nascentes (1953) corrobora com constatações feitas por Silva Neto (1979, p. 619), que atribui a palatalização ao nível social do falante e apresenta o fato como uma característica da fala do Rio de Janeiro. Hodiernamente, verifica-se que a palatalização caracteriza não somente o falar carioca, mas diferentes falares do Brasil, como se comprovou em estudos desenvolvidos por alguns pesquisadores, dentre os quais se citam a seguir.

A realização variável de /t, d/ diante de [i] é encontrada em diversas áreas linguísticas do país, tendo sido investigada por alguns estudiosos. Para a composição desta seção, selecionaram-se os estudos de Bisol (1986), Cardoso (1993), Mota (1995) e Pagotto (2001). O primeiro se justifica pelo fato de ser um trabalho emblemático de natureza sociolinguística que situa o fenômeno em outra região do país, e oferece subsídios para o conhecimento da palatalização em área mais distante da que se está investigando aqui. Os estudos de Cardoso (1993) e Mota (1995) foram selecionados por considerarem a mesma área que este, além de se apresentarem como literatura canônica quando se trata da palatalização pelo viés diatópico. A escolha do último trabalho (PAGOTTO, 2001) se justifica pelo fato de ter o autor encontrado três formas de realização para a variável dependente em diferentes regiões da capital Florianópolis: oclusiva dental [t,d], africada palatoalveolar [tʃ][dʒ] e africada alveolar [ts][dz]. Essa última não foi identificada nos dados desta pesquisa.

2.1.1.1 BISOL (1986)

Bisol (1986) desenvolveu um estudo vinculado a comunidades do Rio Grande do Sul, são elas: metropolitana, fronteiriça, alemã e italiana. A africatação, conforme a autora, é fruto da regra de palatalização das oclusivas dentais /t, d/ diante de /i/ ou da elisão de /e/ antecedida de /t, d/ e seguida de /s, z/. A partir daí surgem, então, as africadas palatoalveolares [tʃ] e [dʒ] e as alveolares [ts] e [dz].

Metodologicamente, a referida autora adotou como *corpus* quatro grupos de indivíduos sócio-culturalmente diferenciados, constante de 15 falantes monolíngues de Porto Alegre, 15 falantes da fronteira, 15 bilíngues da área de colonização alemã e mais 15 da zona de colonização italiana, todos com escolaridade básica incompleta. Do ponto de vista social, a pesquisa controlou a idade, a etnia, o sexo e o estilo. No que diz respeito aos aspectos linguísticos, controlaram-se vogal propulsora, juntura, sílaba, contexto precedente e contexto seguinte.

A análise quantitativa selecionou o contexto precedente e seguinte, a sílaba, a junção e a etnia, único fator social selecionado. Quanto ao contexto precedente e seguinte, a pesquisa estabeleceu como relevante o papel da sibilante. Para Bisol (1986, p. 165), “a preservação da oclusiva coronal no contexto da sibilante deve-se à ação conjunta de traços comuns aos segmentos fortes [t, d, s, z] que circundam a vogal fraca.”.

A propósito da sílaba, a aplicação ocorre em sílaba tônica, pretônica e postônica, respectivamente. Sobre a junção, há um maior favorecimento da regra na sílaba final. Além disso, os prefixos de-, des- e dis- inibem a palatalização, já os clíticos “de” e “te” a favorecem.

No que concerne à etnia, o dialeto gaúcho desfavorece a aplicação, já que possui um contato acentuado com outras línguas. Nesse contexto, a autora defende (1986, p. 170) que

O contato do dialeto gaúcho com línguas que não possuem a palatalização das oclusivas ou que não seguem os cânones da língua portuguesa (espanhol, italiano, alemão) vem embargando o caminho da expansão da regra, reforçando-lhe a restrição peculiar nas comunidades monolíngües e acentuando-lhe o caráter de regra adquirido nas comunidades bilíngües (BISOL, 1986, p. 170).

A pesquisa engendrada por Bisol concluiu que a palatalização ocorre categoricamente em todos os contextos no dialeto gaúcho, exceto no contexto da sibilante.

2.1.1.2 CARDOSO (1993)

Cardoso (1993) elabora uma pesquisa referente à africada palatal surda à luz do *Atlas prévio dos falares baianos*, do *Atlas lingüístico de Sergipe* e do *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. A autora delimita a área em que se registra o fenômeno, descreve os contextos em que ocorre, discute a sua natureza e examina a relação com as demais realizações africadas do português do Brasil.

Segundo a pesquisadora, a africada palatal surda ocorre quando se tem o padrão /i + t + i/ na língua, como em *feiticeiro*, por exemplo, ou quando se tem /t + i/, como em *sorvete*. Para o fonema /t/, consideram-se cinco realizações variáveis possíveis na área selecionada: oclusiva dental surda, variante apical, particularmente tensa, de /t/, variante palatalizada de /t/, variante aspirada de /t/ e africada palatal surda.

Além disso, não se documenta a existência da africada na Paraíba, restringindo-a a Sergipe, Bahia e norte de Minas Gerais. Desse modo, Cardoso (1993, p. 108) verifica que “A relação, pois, que se estabelece com as demais áreas diz respeito apenas à qualidade de natureza do som emitido mas nada tem a ver com uma identidade de origem, de natureza ou de formação.”

Nessa perspectiva, conclui a referida autora:

A africada palatal surda, que se registra, sincronicamente, em diferentes áreas do português do Brasil, não pode, de forma genérica, ser considerada uma continuidade do fonema em curso no português arcaico uma vez que se apresenta condicionada a diferentes contextos fônicos e representa, do ponto de vista etimológico, origens diferenciadas (CARDOSO, 1993, p. 110).

2.1.1.3 MOTA (1995)

Mota (1995, p. 480) desenvolve um estudo sobre as variantes palatais do português do Brasil, analisando-as sob a perspectiva da diatopia e da diastratia.

Duas amostras foram utilizadas no referido estudo: no viés da fala rural, utilizaram-se respostas de falantes analfabetos ou pouco alfabetizados, documentados no *Atlas prévio dos falares baianos*, no *Atlas lingüístico de Sergipe* e no *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. No horizonte do falar urbano, coletaram-se dezesseis inquéritos do tipo Diálogo entre informante e documentador (DID) do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (Projeto NURC/Salvador), sendo universitários todos os informantes.

No falar rural, Mota (1995, p. 478) identifica 32 transcrições de africada palatal surda no *Atlas prévio dos falares baianos* e 13 ocorrências da sonora.

A propósito da investigação pelo *Atlas lingüístico de Sergipe*, a autora não documenta africadas palatais no contexto de [tʃ] e [dʒ] diante de /i/. Já “Em Minas Gerais as africadas estão documentadas por todo o Estado, em formas como *tempestade* (carta 14), *anteontem*, *antes-de-ontem* (carta 25), *atiradeira* (carta 44).” (MOTA, 1998, p. 479).

No que diz respeito ao falar urbano, consoante os dados do Projeto NURC/Salvador, é categórica a ocorrência de variantes oclusivas palatais antes de /i/, não se registrando as variantes dentais [t] e [d] (MOTA, 1998, p. 479).

A dita autora considera que

[...] quando as realizações palatais são condicionadas pela vogal alta seguinte, as variantes perdem sua marca estrática e caracterizam a norma padrão baiana, podendo ser encontradas também em área rural – com menos frequência – ao lado da realização oclusiva dental (MOTA, 1998, p. 480).

Em consonância com as afirmações da referida autora, um estudo da palatalização no interior da Bahia (MOREIRA; MOTA, 2014) revelou que tanto no contexto de vogal fonológica, como, por exemplo em *tio* e *diarista*, quanto no contexto de vogal derivada, como em *tarde* e *noite*, a realização palatalizada parece caracterizar a fala dos baianos no interior do estado. Os dois contextos indicam uma direção para o uso da forma prestigiada do fenômeno. Esses resultados foram alcançados durante a pesquisa de Iniciação Científica, no período de

2013 a 2015. Para tanto, foram investigadas nove cidades baianas – Alagoinhas, Santo Amaro, Jacobina, Barra, Irecê, Juazeiro, Jeremoabo, Euclides da Cunha e Santana.

Portanto, efetiva-se o estudo de Mota (1995, p. 480) com a seguinte conclusão, a qual se coloca consonante com os dados aqui encontrados: “As palatais que precedem vogal alta distribuem-se por todo o Estado de Minas Gerais, subindo também pelo litoral da Bahia, sem, contudo, atingir, de modo representativo, o Estado de Sergipe.”

2.1.1.4 APFB (1963)

Seguindo o caminho de investigação de Cardoso (1993) e Mota (1995) a propósito do APFB (ROSSI, 1963), apresenta-se um levantamento das realizações variáveis de /t/ diante de /i/ no APFB, mais especificamente da carta 99 – Feiteiceiro, e no *corpus* Projeto ALiB, recortadas da questão 149 do Questionário Semântico-Lexical (COMITÊ..., 2001), em que é feita a seguinte perguntada ao informante: “*O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?*”. Com a expectativa da resposta *feitoço*, documentaram-se, neste levantamento, tais ocorrências, na intenção de se verificar a variação existente em diferentes épocas de coleta dos dados. Para esse efeito, foram consideradas as nove localidades coincidentes aos dois atlas: Barra, Itaberaba, Jacobina, Jeremoabo, Santana, Caetité, Carinhanha, Vitória da Conquista, Santa Cruz Cabrália.

É importante salientar que, na extração dos dados aqui apresentados, não estão sendo considerados os critérios sociais de perfil do informante e os contextos linguísticos que podem favorecer uma ou outra pronúncia da consoante analisada.

Além do vocábulo escolhido para cotejo entre os dois atlas citados, há outras lexias em que se pode perceber a variação de /t, d/ antes de /i/, como *prostituta*, *soutien*, *trás-ante-ontem*, *dente do siso*, *diarista* e *vilide*. Para esses casos, Mota (1998, p. 478-479) verificou uma baixa frequência de realizações palatais no *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, chegando a afirmar que

No APFB há apenas 32 transcrições de africada palatal surda, na sílaba [tʃi] *tresanteonte* (carta 8), *rodete*, *bolinete* (carta 55), *araticum* (carta 41), *sentida* (carta 43), *dente queiro* (carta 55), *cangote* (carta 565), *sutiã* (carta 68), *sapatina* (carta 71), *caçote* (carta 127), *mamote* (carta 135) e *tolete* (carta 29, nota). [...] Da africada sonora há 13 ocorrências, na sílaba [dʒi] das formas: *mandiba* (carta 29), *pevide* (carta 32), *cabide* (carta 70), *olhos de boto* (carta 76), *cabo verde* (carta 81), *velide* (carta 94), *desorde* (carta 143). (MOTA, 1998, p. 478-479 – Grifos da autora).

Nos exemplos citados pela autora, Mota (1998) encontrou apenas seis ocorrências de variantes palatais, concentradas no extremo Sul baiano, em Santa Cruz Cabrália, e no Centro

Sul baiano, em Caetité. Totalizaram-se cinco das lexias destacadas que foram realizadas como palatais, são elas: *araticum, dente queiro, rodete, sapatina e velide*.

No que tange à metodologia do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, ressalta-se que se trata de um atlas monodimensional, cuja rede de pontos é composta por 50 localidades do interior baiano, sendo dois informantes por localidade, em geral, pertencentes aos dois sexos, idades diferentes, entre 39 e 69 anos, e analfabetos (ou semianalfabetos). Totalizam-se 43 homens e 57 mulheres considerados no APFB. O questionário aplicado nas localidades consta de 182 perguntas e suas respostas recebiam um registro fonético, concomitantemente ao momento do diálogo.

Observe-se o confronto entre a pronúncia do /t/ em *feiticeiro* (registrado no APFB) e *feitiço* (extraído do *corpus* do Projeto ALiB) no quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Distribuição da variação de /t/ diante de /i/ no APFB e no *corpus* do Projeto ALiB

LOCALIDADE	REALIZAÇÃO APFB (ROSSI, 1963)	REALIZAÇÃO <i>CORPUS</i> PROJETO ALiB
BARRA	[fiti'seru]	[fej'tisu] [fej'tisu]
ITABERABA	[fiti'seru] [feti'seru]	[fe'tisu] [fej'tisu]
JEREMOABO	[fiti'seru] [fejti'seru]	[fej'tisu] [fejti'serø] [fej'tisu]
SANTANA	[fejti'seru]	x
CAETITÉ	[fejti'seru]	x
CARINHANHA	x	[fi'tisu]
VITÓRIA DA CONQUISTA	x	[fej'tisu] [fej'tisu] [fej'tisu]
SANTA CRUZ CABRÁLIA	[fiti'seru] [feti'seru]	[fej'tisu] [fej'tisu] [fej'tisu] [fej'tisu]
JACOBINA	[fejti'sejru]	[fej'tisu] [fej'tisu] [fej'tisu]

A partir das informações colocadas no quadro 1, depreende-se o fato de a língua estar em constante variação, podendo ocasionar uma mudança e, desta forma, ratifica-se a importância dos estudos dialetais por meio da documentação da língua em perspectiva horizontal. Nota-se, então, que, nas localidades consideradas, o APFB não documentou nenhuma realização palatal, enquanto que o ALiB já apresenta alguma variação do fenômeno.

Além do conservadorismo da variante utilizada pelos falantes registrados no APFB (ROSSI, 1963), verifica-se, pela leitura do quadro 1, que, na língua documentada em meados do século XX, a variante dental era norma nas localidades selecionadas. Com os dados linguísticos mais atuais, vistos no *corpus* do ALiB, nota-se que a norma linguística da área considerada já não é mais a mesma e a variante palatal vem sendo implementada gradualmente.

Reafirma-se a importância do confronto apresentado entre duas obras significativas para a história da Dialetologia brasileira: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e o *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil. O APFB (ROSSI, 1963) marca a terceira fase da Dialetologia brasileira e constitui sua importância pelo fato de ser o primeiro atlas a ser publicado com dados autênticos, coletados *in loco* e que registra a fala mais pura (próxima da realidade) de utentes do português brasileiro. Já o ALiB (CARDOSO et al., 2014a, 2014b), publicado em 2014, é o que de mais atual se tem, hoje, na Geolinguística brasileira. Compilando as dimensões linguísticas e associando-as às questões sociais, o ALiB é, indubitavelmente, o maior empreendimento em Geolinguística de apresentação e descrição da realidade linguística do Brasil, que, além de auxiliar no conhecimento de nossas variedades, fornece subsídios para a constituição histórica dessa língua tão plural, enigmática e poética que é o português falado no Brasil. Desse modo, concorda-se com as afirmações de Mota (2012) ao informar que:

Os dois momentos da geolinguística brasileira aqui destacados [APFB e ALiB], sem esquecer muitos outros que se interpõem, mostram, certamente, a contribuição de cada um deles para a formação, no Brasil, da “mentalidade dialectológica” que se buscava em meados do século passado. E se a soma de esforços de muitos pesquisadores, alguns autores de atlas regionais, possibilitou o surgimento do Projeto ALiB e o seu desenvolvimento até hoje, esse Projeto deu um impulso considerável à consolidação dos estudos dialetais no Brasil. (MOTA, 2012, p. 515)

2.1.1.5 PAGOTTO (2001)

Outro estudo selecionado para fundamentar esta pesquisa foi o de Pagotto (2001), que caminhou por entre três regiões da capital Florianópolis, a região urbana central, a Freguesia do Ribeirão da Ilha e Sertão do Ribeirão.

Quanto aos aspectos metodológicos, a referida pesquisa consta de 63 entrevistas do *corpus* do Projeto Variação Linguística da Região Sul, cujas variáveis extralinguísticas são

idade, escolaridade, sexo e localidade dos informantes. Utilizou-se o programa de regra variável Varb2000, em que se selecionaram três variáveis extralinguísticas como estatisticamente significativas: a faixa etária, a escolaridade e a localidade.

No tocante à variável faixa etária, estratificada em três níveis – faixa 1, de 15 a 23 anos, faixa 2, de 25 a 50 anos, e faixa 3, acima de 50 anos – a realização das oclusivas dentais [t, d] aumentou entre os mais velhos, as africadas palatoalveolares tiveram suas realizações reduzidas nas faixas 2 e 3, o que motiva o autor a considerar que essas variantes são mais recentes no sistema, uma vez que os mais jovens (faixa 1) lideraram esse uso.

Sobre a escolaridade, o estudo revela que as variantes oclusivas foram menos utilizadas na fala dos universitários, que preferiram as africadas, ao passo que as africadas palatoalveolares se mostraram mais presentes na fala dos informantes de nível médio e de curso universitário.

Sobre a proveniência geográfica dos informantes, a Região Urbana foi a favorecedora da palatalização de /t, d/ em Florianópolis, seguida das regiões que compreendem Ribeirão da Ilha e Sertão do Ribeirão.

Quanto aos aspectos linguísticos, foram controladas as variáveis sonoridade, contexto antecedente, natureza da vogal (fonológica ou derivada), contexto seguinte à vogal, posição da sílaba na palavra, posição da sílaba quanto ao acento da palavra, acento de frase sobre a sílaba em que se encontra a variável, posição morfológica da variável e classe de palavra.

Na variável sonoridade, a forma desvozeada liderou a regra de aplicação. O contexto precedente favorecedor foi motivado pelas consoantes fricativa palatal (ex: *castigo*) e fricativa alveolar (ex: *existe*), nesta ordem. Quanto à natureza da vogal, o fator queda da vogal em outros contextos (ex: *diferenti*), o fator ditongação (ex: *djiuma*) e o fator vogal palatal /i/ (ex: *dia*), respectivamente, se mostraram determinantes na aplicação da regra. No contexto seguinte, as fricativas labiodentais (ex: *difícil*) e as vogais posteriores nasalizadas (ex: *acordeon*) foram os condicionadores que catalisaram as formas africadas palatoalveolares.

Nessa investigação, portanto, Pagotto (2001) conclui que na área considerada as variantes oclusivas são mais aplicadas que as africadas, que os mais jovens e mais escolarizados utilizam mais as variantes africadas palatoalveolares na Região Urbana e que os fatores linguísticos catalisadores foram: vozeamento, contexto precedente, natureza da vogal e contexto seguinte.

2.2 A DIALETOLOGIA

O homem, como um agente social e histórico transformador da sociedade em que vive, possibilita que suas ações desenvolvam transformações na cultura de sua comunidade, além de influências nos aspectos políticos, socioculturais e, principalmente, linguísticos. O dinamismo desse agente permite que tal peculiaridade se apresente nas diferentes modalidades de uso da língua e esta, por sua vez, é concebida como um sistema normal e funcional.

Ancorada nessa perspectiva, a presente pesquisa insere-se no âmbito dialetológico, ciência da variação espacial, da delimitação dos espaços, do reconhecimento de áreas dialetais (COSERIU, 1965). Concebe-se a Dialectologia como um ramo da Linguística que se ocupa da relação entre o falante e os espaços ocupados por ele: o geográfico, primordialmente, e o social, sendo, pois, uma ciência pluridimensional. Ademais, é trabalho da referida ciência o foco em dimensões da variação que caracterizam a língua histórica, não a língua funcional, como bem define Coseriu (1965), admitindo o espaço geográfico como objeto de estudo da variação. Portanto, os estudos dialetais, além de mapearem a variação geográfica, colaboram significativamente para a reconstrução histórica da área investigada, ao oferecer informações importantes sobre a história de uma dada comunidade.

Neste caminho, dá-se relevo ao comprometimento social da Dialectologia em interpretar as normas linguísticas atinentes às línguas humanas, atuando na descrição de uma língua e na identificação de variedades linguísticas que emanam dos espaços geográficos, os quais são percebidos pela sua relação entre o agente transformador (o falante) e os caminhos que a história faz.

Todo esse papel dos estudos dialetológicos corrobora para que a língua e o espaço sejam indissociáveis, por isso, ela não deve ser analisada sem se considerar os contextos externos ao sistema linguístico e à realidade do falante. Assim, a Dialectologia, segundo Cardoso (2010), não deixou de considerar os fatores inerentes ao falante:

[...] idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal. (CARDOSO, 2010, p. 25)

Desse modo, a Dialectologia propõe uma visão contextualizada sobre as línguas humanas, posto que os falantes têm, no seu modo de falar, uma identidade que é peculiar ao tempo, à cultura e ao espaço sócio-geográfico que ocupa. Portanto, esse ramo dos estudos linguísticos se mostra relevante por trazer à luz a descrição de falares de diferentes regiões, oferecendo subsídios para o estudo da variação de cunho social, o que apoia as investigações engendradas pela Sociolinguística. Essa última, munida de pilares teóricos e empíricos

daquela que surgiu primeiro – a Dialetoologia (SILVA CORVALÁN, 1989) –, contribui para a linguística histórica e para os estudos em antropologia.

2.2.1 A Geolinguística: o método

Considerada o método de excelência da Dialetoologia, a Geolinguística se coloca de modo sistemático, ao apresentar a variação linguística por meio de “su sofisticada batería de técnicas de recolección de los datos, ordenamento y representación cartográfica [...] de los mismos.”² (ELIZAINCÍN, 2010, p. 17).

A Geolinguística é responsável pela recolha de dados de diferentes facetas dialetais, mas não compreende toda a Dialetoologia, assim como essa ciência não produz somente cartas e atlas linguísticos (CARDOSO, 2010). A Geolinguística se configura como método de trabalho da Dialetoologia por sua apresentação visual em cartografia, além disso, ela é concebida como um método interpretativo, uma vez que cabe ao pesquisador elaborar suas próprias hipóteses e conclusões e, para isso, necessita, a geolinguística, unir-se aos fatores sócio-históricos inerentes à língua.

Apropria-se, nesta dissertação, portanto, das afirmações de Chambers e Trudgill (1994, p. 45) quando afirmam que a geolinguística “busca crear una base empírica sobre la que extraer conclusiones acerca de la variedad lingüística que se da en un cierto lugar.”³, no intuito de reafirmar a importância do estudo que se apresenta, pois, além de descrever a variação fonética com vistas à sua distribuição geográfica, delineiam-se isoglossas (em carta linguística) do fenômeno estudado em uma área considerada – a Bahia.

À luz das definições de Chambers e Trudgill (1994, p. 139-161), concebem-se isoglossas como os limites entre duas regiões que diferem em algum traço linguístico. Neste trabalho, serão observados os limites geográficos entre as variáveis palatal e dental de realização de /t, d/ antes de /i/, delineados a partir dos pressupostos metodológicos de cartografia estipulados pela geolinguística, a qual dedica grande preocupação na precisão do traçado dessas linhas virtuais que demarcam limites também virtuais de formas linguísticas,

² Tradução livre: Considerada o método de excelência da Dialetoologia, a Geolinguística se coloca de modo sistemático, ao apresentar a variação linguística por meio de sua sofisticada bateria de técnicas de coleta de dados, ordenamento e representação cartográfica desses mesmos dados.

³ Tradução livre: A Geolinguística procura criar uma base empírica para tirar conclusões sobre a variedade linguística que ocorre em um determinado lugar.

podendo apresentar contrastes e semelhanças em espaços geográficos (isoglossas diatópicas) e socioculturais (isoglossas diastráticas) (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 12-13).

2.2.2 Os estudos dialetais no Brasil

A Dialetoologia no Brasil, como se sabe, é explorada por meio de grandes investimentos científicos por parte de linguistas-patriotas que, em algum momento, almejaram conhecer a descrição da língua portuguesa falada no Brasil de modo fundamentado e sistemático.

De acordo com Cardoso (2010, p. 131), o Visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, em 1826, descreveu um confronto entre o português brasileiro e o português europeu, considerando, entre outras afirmações, que a língua falada no Brasil era rica em palavras e expressões novas, fruto de empréstimo das línguas indígenas (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 37), como consta da Introdução do *Atlas Ethnographique du globe*, do geógrafo Adrien Balbi. O referido trabalho é considerado como a primeira manifestação de cunho dialetal no português do Brasil.

Desde então, a história dos estudos dialetais no Brasil se faz e, para fins documentais, algumas tentativas de formulação são postas para conhecimento da ciência, das quais se arrolam a seguir.

2.2.3 O histórico da Dialetoologia brasileira

O histórico da Dialetoologia brasileira sofreu três tentativas de periodização. A primeira delas, formulada por Nascentes (1953, p. 181), orienta para a existência de duas fases dos estudos dialetais no Brasil. A segunda proposta de periodização dos estudos é definida por Ferreira e Cardoso (1994), quando as autoras confirmam a proposta anterior e sinalizam para a existência de três etapas para a Dialetoologia no Brasil. A última proposta, até o presente momento, foi idealizada por Mota e Cardoso (2006), ao apontarem a retomada da ideia de implantação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, aquele que daria conta de multidimensionar a língua portuguesa falada no Brasil.

2.2.3.1 Proposta de periodização de Nascentes (1953)

Antenor Nascentes (1953) postula que a primeira fase da dialetoologia brasileira data de 1826, quando o brasileiro Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, publicou um estudo no livro de Balbi – o *Atlas Ethnographique du globe* –, até 1920, ano de

publicação da primeira descrição sistematizada de um dialeto brasileiro no livro intitulado *O dialeto caipira*, de autoria de Amadeu Amaral.

O referido trabalho, de grande representatividade para a descrição do português, propunha discorrer acerca de vicissitudes da língua falada no interior de São Paulo, buscando contrastar a fala do povo interiorano com a dos nativos da capital, sem perder de vista as relações de cunho histórico e geográfico que explicam certas variedades características daquela comunidade de fala. Amadeu Amaral (1976 [1920]) apresenta à sociedade científica uma descrição pormenorizada sobre um falar do português do Brasil, correlacionando-o com a historicidade da língua formada no território paulistano e os contatos mais marcantes que influenciaram nessa ou noutra norma. O autor (1976 [1920], p. 44) menciona algumas ideias que podem ser seguidas quanto à observação na coleta de amostra de fala, dentre as quais se verifica nas pesquisas dialetais e sociolinguísticas atuais, como o recolhimento de termos ou expressões coletados pessoalmente “na boca de indivíduos desprevenidos”, observando a realização do mesmo vocábulo em diferentes modos de sua pronúncia.

A segunda fase, para Nascentes, tem seu início em 1920, com o referido trabalho de Amaral. Já o fechamento dessa fase é estabelecido por Ferreira e Cardoso (1994). As autoras afirmam que em 1952, ano de publicação da divisão dialetal brasileira esboçada pelo próprio Nascentes, em *O linguajar carioca*, encerra-se a segunda fase da Dialetologia brasileira. Nessa publicação (NASCENTES, 1953), o dialetólogo discute noções de dialeto e falar – admitindo a dificuldade que há em se traçar distinções objetivas entre um e outro – e tenta atribuir um melhor nome à língua portuguesa falada no Brasil. Discordando de Leite de Vasconcelos, o autor não adota a ideia de que essa língua é um dialeto ultramarino do português, haja vista o progresso da ciência.

Debruçando-se sobre o povoamento pelo qual passou o Brasil, focalizando nas áreas de onde se irradiava a civilização, Nascentes (1953, p. 19) defende que as vias de comunicação, as relações comerciais e questões históricas são elementos que auxiliaram na constituição de regiões perfeitamente caracterizadas. Desse modo, o cientista lança mão de uma divisão dialetal brasileira.

Dividem-se, então, os falares do norte e os do sul, considerando que ao sul não há vogais protônicas abertas e a cadência é diferente da do norte. Embora proponha tal divisão, o autor (1953, p. 20) percebe dificuldade em fazê-la, pois, àquela altura, faltava-lhe a determinação de isoglossas precisas. Devido a tal dificuldade, a divisão de Júlio Ribeiro, em 1891, é criticada, pois sugere o agrupamento de estados linguisticamente heterogêneos.

Outras tentativas de divisão dialetal foram colocadas até que, tomados os equívocos, Nascentes propõe uma atualização. O dialetólogo separa o Brasil em dois grandes grupos – os falares do norte e os falares do sul – e divide o falar brasileiro em seis subfalares. O que caracteriza esses dois grandes grupos são a cadência e a existência de protônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos ou advérbios terminados em *–mente*. Admite-se, então, que os subfalares do norte são dois: o amazônico, que abrange o Acre, o Amazonas, o Pará e parte de Goiás e o nordestino, que vai do estado do Maranhão a Alagoas e parte de Goiás. Os subfalares do Sul são quatro: o baiano, abrangendo Sergipe, Bahia e norte, nordeste e noroeste de Minas e parte de Goiás; o fluminense, abrangendo o Espírito Santo, o Rio de Janeiro, o Distrito Federal e Minas (Mata e Leste); o mineiro (Centro, Oeste e parte do Leste); o sulista, que compreende São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (Sul e Triângulo), Goiás (Sul) e Mato Grosso. Uma parte do país foi considerada território incharacterístico.

Cardoso (2010, p. 132) defende que “o estabelecimento de apenas duas fases por Nascentes decorre de ter ele apresentado a sua proposta em 1952 e justamente a partir dessa data terem-se incrementado os estudos e a produção no campo da geolinguística no Brasil.” Para tanto, a autora propõe, juntamente com Ferreira (1994), uma nova fase para os estudos dialetais no Brasil, atribuindo-lhe, ao total, três fases.

2.2.3.2 Proposta de periodização de Ferreira e Cardoso (1994)

Iniciada em 1826, a primeira fase da Dialetologia no Brasil recobre praticamente um século. Atribuindo os mesmos marcos admitidos por Nascentes (1953), as autoras ratificam que essa fase é finalizada pela publicação da obra *O dialeto caipira*, de Amaral, em 1920. Acrescentam-se, ainda, outros trabalhos de nível lexicográfico, como dicionários, vocabulários, léxicos regionais, que marcam esse período da história dialetal brasileira. Uma das obras de grande representatividade no cenário nacional é *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*, de José Jorge Paranhos da Silva (1879), cujo autor buscou dissertar acerca da variação linguística que existia entre o português de Portugal e o português do Brasil, bem como da noção de idioma e de língua apresentada.

As ditas autoras corroboram com Nascentes quanto ao início da segunda fase – em 1920, com a publicação de *O dialeto caipira* – e ao fim da segunda fase – em 1952, quando é sistematizada a Geolinguística brasileira através da divisão dialetal de Nascentes. Essa fase é marcada pela produção de trabalhos de cunho monográfico voltados para uma área

determinada, descrevendo os fenômenos linguísticos em todos os níveis de análise da língua. Destacam-se *O Dialeto caipira* (1920), *O Linguajar carioca* (1922) e *A língua do Nordeste* (1934), cujas obras inauguraram uma metodologia do trabalho dialetal coletado *in loco*, como aconselhou Amaral (1920), fornecendo subsídios em diferentes níveis da língua.

Às três obras supracitadas, aglutinam-se outras que importam a essa segunda fase, distribuída em quatro grupos diferenciados, conforme Ferreira e Cardoso (1994). Léxicos e glossários regionais continuam sendo produzidos, dando continuidade à fase anterior. Configuram-se no primeiro grupo. No segundo grupo, encontram-se obras de caráter geral que analisam as questões numa perspectiva ampla. O terceiro grupo é composto por estudos de âmbito regional e o quarto é constituído por estudos específicos sobre a contribuição africana.

O início da terceira fase é marcado pelo Decreto de número 30.643, de 1952, do Governo Brasileiro, que tornava pública uma das finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa: a elaboração do atlas linguístico do Brasil. Somente uma determinação governamental não bastaria para a sua efetivação. Uma nova visão precisaria surgir para o tratamento da variação linguística no Brasil, o que se tornou possível devido à dedicação científica de dialetólogos como Antenor Nascentes, Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi, os quais iniciaram a Geografia Linguística no país.

O primeiro marco na Geografia Linguística brasileira se deu em 1963, com a publicação do *Atlas Prévios dos Falares Baianos*, de autoria de Nelson Rossi e colaboração de Carlota Ferreira e Dinah Isensee (atualmente, Dinah Callou). Não obstante, a prática científica comum na Dialetoлогия não deixou de existir por causa dos estudos sistemáticos no ramo da Geografia Linguística.

2.2.3.3 Proposta de periodização de Mota e Cardoso (2006)

Uma quarta fase é posta em destaque por Mota e Cardoso (2006) por considerarem a retomada do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, e o ano era 1996, quase 50 anos depois da apresentação do Decreto 30.643, de 1952. Àquela altura, já existiam sete atlas regionais publicados no Brasil, a saber: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (1963), *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais* (1977), *Atlas Lingüístico da Paraíba* (1984), *Atlas Lingüístico de*

Sergipe (1987)⁴, *Atlas Lingüístico do Paraná* (1994), *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* (2002), *Atlas Lingüístico sonoro do Pará* (2004).

Apresenta-se, a seguir, o quadro 2, que demonstra as características gerais de cada um dos atlas mencionados. Somam-se mais dois atlas que merecem destaque na apresentação dos atlas regionais publicados antes do ALiB: o *Atlas Lingüístico de Sergipe II* (2002) e o *Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul* (2007).

⁴ O ALS teve sua documentação toda preparada desde o ano de 1973, mas dificuldades de financiamento impossibilitaram sua imediata publicação, que só ocorreu anos mais tarde, em 1987.

Quadro 2 – Atlas linguísticos regionais publicados no Brasil até 2008⁵

ATLAS	AUTORIA	ANO	INFORMANTES	REDE DE PONTOS	INFORMAÇÕES GERAIS
<i>Atlas Prévio dos Falares Baianos</i>	Nelson Rossi. Colaboradoras: Dinah Maria Isensée; Carlota Ferreira; Josephina Barletta; Judith Freitas; Cyva Leite; Tânia Pedrosa.	1963	100 informantes de ambos os sexos, com idade entre 25 e 60 anos, entre analfabetos e semianalfabetos. HARAS (Homem, Adulto, Rurícula, Analfabeto e Sedentário) (ZÁGARI, 2005)	50 localidades, distribuídas pelas 16 zonas fisiográficas da Bahia.	Teve como objeto o mapeamento da área dos falares baianos, que compreende o Estado da Bahia, e apresentou como inovação, na perspectiva dos estudos dialetais, a aplicação de um teste de reconhecimento, após a aplicação do inquérito, que consiste na indagação ao informante sobre o conhecimento de determinadas expressões, obtidas em sondagem inicial.
<i>Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais</i>	Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Ribeiro, José Passini e Antônio Gaio	1977	83 informantes, homens e mulheres, com idade entre de 30 a 50 anos, analfabetos e de nível superior.	116 localidades na pesquisa direta e 302 localidades na pesquisa indireta.	Os resultados do atlas apontam para a confirmação da existência de três falares distintos no território mineiro: o falar baiano ao norte, o falar paulista no sul-sudeste e o falar mineiro no centro-leste.
<i>Atlas Lingüístico da Paraíba</i>	Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleuza Bezerra de Menezes	1984	Cerca de 200 informantes de faixa etária entre 30 e 75 anos, de ambos os sexos, com nível de instrução entre analfabeto e primário completo.	100 municípios paraibanos abarcando todas as microrregiões do Estado.	Inovação por ter entrevistado de três a dez informantes em cada uma das 25 sedes de município consideradas e o de se ter elaborado o questionário em duas partes. Além disso, com 289 questões, abarcou sete campos

⁵ Embora se tenha optado pela seleção de nove atlas publicados no Brasil antes do ALiB, sabe-se da existência de outros atlas regionais brasileiros, alguns, inclusive, são fruto de tese de doutorado: *Atlas lingüístico do Amazonas* (2004), *Atlas geolingüístico do litoral potiguar* (2007), *Micro-atlas fonético do Estado do Rio de Janeiro* (2008), *Atlas Lingüístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso* (2009), *Atlas Lingüístico da Mata Sul de Pernambuco* (2009), *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba* (2010), *Atlas Lingüístico do Ceará* (2010), *Atlas Geossolingüístico de Londrina* (2012) e o *Atlas Lingüístico de Pernambuco* (2013).

					semânticos.
<i>Atlas Lingüístico de Sergipe</i>	Nelson Rossi; Carlota Ferreira; Judith Freitas; Nadja Andrade; Suzana Cardoso; Vera Rollemberg; Jacyra Mota.	1987	Dois informantes em cada localidade, de ambos os sexos, entre 30 e 65 anos, predominando a faixa etária de 35 a 52 anos, com escolaridade entre analfabeto, semianalfabeto e alfabetizado. naturais da própria localidade ou de áreas próximas, assim como seus pais, dedicados, principalmente, à atividade agrícola.	15 localidades, distribuídas por cinco zonas fisiográficas do Estado. Sete das localidades consideradas coincidem com pontos da proposta de divisão dialetal de Nascentes.	Possui um caráter bidimensional. Houve uma padronização na formulação da pergunta e foram realizados inquéritos experimentais em toda a área. Há uma correlação estreita entre o ALS e o APFB.
<i>Atlas Lingüístico do Paraná</i>	Vanderci de Andrade Aguilera. Colaboradoras: Ivone Alves de Lima; Rita de Cássia Paulino; Elaine Cristina Fabris.	1994	130 informantes, homens e mulheres, de 27 a 62 anos, analfabetos e com primário completo.	Foram acrescentadas 41 localidades à proposta de Nascentes para o atlas nacional, totalizando 65 localidades.	Apresenta como objetivo, além da documentação cartográfica da variação lexical e da variação fonética e a delimitação de isoglossas, a organização de um glossário, no qual se registra todo vocabulário vernacular dos informantes.
<i>Atlas Lingüístico - etnográfico da Região Sul do Brasil</i>	Walter Koch, Cléo Altenhofen e Mário Klassmann	2002	Os informantes têm idade entre 28 e 58 anos e pouca escolaridade, sendo dois por localidade nas áreas rurais e três nas áreas urbanas.	275 localidades na área rural – 100 no Paraná, 80 em Santa Catarina e 96 no Rio Grande do Sul – e 19 na área urbana – 6 no Paraná, 6 em Santa Catarina e 7 no Rio Grande do Sul.	Há inovações por haver a utilização de um programa de cartografia digital e a apresentação de um glossário dos termos levantados no QSL.

<i>Atlas Lingüístico sonoro do Pará</i>	Coordenado por Abdelhak Razky	2004	40 informantes, homens e mulheres, distribuídos em duas faixas – de 18 a 30 e 40 a 70 anos – e escolaridade até a 4ª série do ensino fundamental.	10 localidades pertencentes às seis Mesorregiões do Estado do Pará.	Publicado em CD-ROM, o ALISPA dispõe de informações de cunho fonético, permitindo a audição das respostas de cada informante e tem como ferramenta a busca das cartas por localidade, por informante, por faixa etária e por sexo.
<i>Atlas Lingüístico de Sergipe II</i>	Suzana Cardoso	2005	Há dois informantes por localidade, que deveriam ter nascido na localidade, com os pais da mesma localidade, não alfabetizados ou semi-alfabetizados, com afastamento nulo ou por pouco tempo do ponto de residência.	A rede de pontos constitui-se de 15 localidades, distribuídas por todas as microrregiões do estado.	Apresentado inicialmente como tese de doutorado, o ALS-II utiliza-se do <i>corpus</i> não explorado no primeiro volume. Inova por apresentar comentários às cartas e um índice onomasiológico das formas documentadas, somado a um glossário semasiológico, configurando-se, portanto, como um atlas de segunda geração.
<i>Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul</i>	Organizado por Dercir Pedro de Oliveira	2008	128 informantes, sendo quatro por ponto de inquérito, pertencentes a ambos os sexos e com escolaridade entre analfabetos e pessoas com fundamental incompleto.	Atende a 32 localidades do estado do Mato Grosso do Sul.	É o primeiro atlas que apresenta dados da região centro-oeste do país. É composto de cartas fonéticas, semântico-lexicais e morfossintáticas. O questionário linguístico dispõe do QSL, semântico-lexical, com 506 perguntas, e o QFF, fonético-fonológico, com 46 perguntas, além de quatro perguntas sobre lendas e superstições e uma narrativa de relato pessoal.

Quadro organizado com base em CARDOSO, 2010.

Complementa-se, em Mota e Cardoso (2006), a proposta anterior (FERREIRA; CARDOSO, 1994). A referida fase é registrada pela implementação de pesquisas no campo da Geolinguística, apresentada em congressos, publicações, trabalhos de pós-graduação e em projetos de atlas linguísticos regionais.

Incorporam-se, ademais, os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística, ao abandonar a visão monodimensional, típica da dialetologia tradicional, adotando a pluridimensionalidade, por meio do controle sistemático de outras variáveis que não somente a diatópica. Como afirmam as autoras,

Do ponto de vista metodológico, essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 60 do século passado, abandonando-se a visão monodimensional – monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica etc. – que predominou na geolinguística hoje rotulada de tradicional. (CARDOSO, MOTA, 2006, p. 21)

A quarta fase tem seu apogeu com o lançamento dos dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil – Introdução e Cartas Linguísticas*, em 2014, por ocasião do *III Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística*. Vale, ainda, a ressalva de que os próximos volumes do ALiB já estão em fase de preparação, com previsão de publicação para os próximos anos.

Trata-se, portanto, do fruto colhido pelos anos de trabalho árduo dos dialetólogos brasileiros e daqueles que, mesmo inconscientemente, como o Visconde de Pedra Branca, por exemplo, deixaram um legado na descrição da Língua Portuguesa do Brasil, cuja constituição se dá a partir do contato entre línguas inicialmente ininteligíveis entre si.

Neste cenário de diversidade e heterogeneidade sócio-históricas, mereceu o país um documento capaz de apresentar sua história de formação e constituição linguísticas que servirá como recurso abrangente para as pesquisas desenvolvidas daqui a mais de cem anos. Como bem afirmou Nascentes (1953), o trabalho dialetal pode não interessar ao momento presente, mas será indispensável para a recuperação da história cem anos depois de sua elaboração.

Por ser a dialetologia uma disciplina que congrega os aspectos linguísticos aos extralinguísticos, intenta-se, aqui, apresentar uma breve alusão histórica no âmbito dos contatos linguísticos com os quais o português se envolveu, bem como da influência multiétnica que se efetivou nos começos da colonização.

2.3 A SOCIOLINGUÍSTICA

Atuam nesta pesquisa os fundamentos teóricos da Sociolinguística e da Dialetoлогия, os quais serão brevemente apresentados em subseções separadas.

O modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa tem como principal pesquisador Willian Labov, linguista americano que, na década de 60, ao lado de Gumperz, Hymes e Bright, corrobora que a variação e a mudança são inerentes às línguas humanas. Nesta vertente científica, a língua falada em situações reais de uso é alvo da investigação, que atua na observação do comportamento linguístico, enquanto os falantes se comunicam com seus interlocutores, situação mais próxima do uso espontâneo da língua.

A ciência linguística tinha como bases teóricas os pressupostos do estruturalismo saussureano, cuja variação não era considerada em suas análises, uma vez que estava alheia ao âmbito do objeto da linguística, o qual deveria ser abstraído do “caos” da realidade do uso da língua, focalizando suas investigações no estudo da *langue* (abstração), assim como no gerativismo, outra corrente linguística praticada desde a primeira metade do século XX, liderada por Noam Chomsky, que concebe a linguística como o estudo da competência linguística, aspecto interior das línguas – a Gramática Universal.

Embora se conceba Willian Labov como expoente da teoria variacionista, antes da década de 1960 alguns linguistas dedicaram importância à análise da língua, considerando a sociedade e a cultura do falante, como é o caso de Fernão de Oliveira, que, segundo Coseriu (2000, p. 58), encara a mudança como algo natural e intrínseco à sua essência e relaciona-a “[...] com a função básica da língua: como expressão do pensamento e meio de comunicação, a língua muda adaptando-se às formas do pensar e às relações recíprocas [...] dos homens.” (COSERIU, 2000, p. 59) e de Meillet (1921), ao ponderar que toda modificação na estrutura social desencadeia uma mudança nas condições nas quais a linguagem se desenvolve, portanto a história das línguas é inseparável da história da cultura e da sociedade.

No que concerne aos aspectos metodológicos, a teoria da variação trabalha com elementos que possibilitem estabelecer variáveis, para coleta e codificação de dados, por meio de ferramentas informatizadas para definir e analisar o fenômeno variável que se quer estudar. Além disso, um número considerado de dados é coletado, por vias de gravação, de certo número de informantes. Embora existam, comumente, perguntas

diretas, com o intuito de se obter determinados itens linguísticos, costuma-se, também, solicitar relatos de experiência pessoal ao informante, buscando a elocução espontânea e menos monitorada. Em geral, os informantes são nascidos e criados na comunidade inquirida ou vivem na localidade desde os 5 anos de idade. Há, ainda, o cuidado de se distribuir os entrevistados equitativamente, em células, por sexo, escolaridade, faixa etária, quando possível, e outros fatores também.

A língua é uma instituição social e por isso não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, isolada de um contexto maior, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação. Configura-se como um dos objetivos da sociolinguística a apreensão dos principais fatores que motivam a variação e qual a sua importância para a constituição da história da língua.

Nesse viés, à sociolinguística cabe a identificação, descrição e interpretação das variáveis que interferem na variação e mudança da língua, por essa razão a mudança linguística é impossível de ser compreendida sem se considerar a realidade social da comunidade em que ela está inserida, pois pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua.

Quanto à mudança nas línguas, alguns princípios concernentes aos fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística foram desenvolvidos por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). São eles: os fatores condicionantes, a transição, o encaixamento (na estrutura linguística ou na estrutura social), a avaliação e a implementação.

O problema dos fatores condicionantes (*the constraints problem*) sugere que a teoria precisa, como objetivo, determinar o conjunto de mudanças possíveis e as condições prováveis para a mudança por meio de um estudo minucioso de mudanças em progresso.

O problema da transição (*the transition problem*) demonstra que as mudanças têm uma distribuição contínua por meio de sucessivas faixas etárias da população, por essa razão o pesquisador precisa observar a mudança linguística enquanto ela ocorre. É preciso considerar que a mudança se dá à medida que um falante aprende uma forma alternativa, durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência e quando uma das formas se torna obsoleta.

O problema do encaixamento (*the embedding problem*) prevê que as mudanças linguísticas devem ser vistas como encaixadas no sistema linguístico como um todo. Para tanto, há dois tipos de encaixamento: encaixamento na estrutura linguística e

encaixamento na estrutura social. No primeiro, um conjunto limitado de variáveis num sistema altera seus valores modais gradualmente de um polo a outro e o controle da variação faz parte da competência linguística dos membros da comunidade de fala. No segundo, a estrutura linguística está encaixada no contexto mais amplo da comunidade de fala. As variações sociais e geográficas são vistas como elementos intrínsecos da estrutura e os fatores sociais pesam sobre o sistema como um todo.

O problema da avaliação (*the evaluation problem*) suscita que o linguista deve estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos (as avaliações) dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea e que o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente.

O problema da implementação (*the actuation problem*) indica que o processo global da mudança linguística pode envolver estímulos e restrições tanto da sociedade quanto da estrutura da língua. Dessa forma, o “enigma” da implementação advém do grande número de fatores que influenciam a mudança linguística, e esta é encarada com uma mudança no comportamento social.

Quanto à variação, os teóricos variacionistas adotam a concepção de língua como um sistema dinâmico, mutável e flexível, tendo o seu dinamismo evidenciado quando se compara certo nível de análise da língua em diferentes períodos da história. A ela estão atrelados a variante, as variáveis e o grupo de fatores.

O termo variante, comumente utilizado nos estudos sociolinguísticos, segundo Tarallo (2001, p. 8), quer dizer as “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade.”. No caso desta pesquisa, são as variantes [t],[tʃ] ou [d], [dʒ], por exemplo. Já o conjunto dessas variantes constitui o grupo de fatores, composto por variáveis independentes, as quais irão contribuir para a realização de uma ou outra variante. A variável dependente é, por sua vez, como o próprio termo sugere, aquela que se apresentará de uma ou outra forma, dependendo dos contextos que a condicionam.

As variantes de uma variável dependente podem se apresentar como uma variação estável, quando duas ou mais variantes coexistem durante décadas, sem que uma suplante a outra, ou como mudança em progresso, que, na concorrência de variantes, uma das formas se mantém enquanto outra desaparece, e quando a faixa etária intermediária, em uma abordagem sincrônica, se coloca preferencialmente nos usos da variante padrão.

Os conceitos apresentados a partir da distribuição geracional, inseridos anteriormente, são rigidamente criticados por Lucchesi (2015), pois, de acordo com o autor (2015, p. 59), “a correlação entre variação estável e tal distribuição geracional pode ser questionada à luz do contexto sócio-histórico em que foram realizadas as investigações clássicas da Sociolinguística, das quais emergiu tal generalização.”.

Por conseguinte, o autor (Lucchesi, 2015) discute que certas padronizações teóricas estabelecidas pela sociolinguística ortodoxa tendem a tratar a língua de modo mecânico, desconectando-a do que mais deveria ser considerado nos estudos linguísticos: a sócio-história. Desse modo, o referido pesquisador defende que as pressões sociais sofridas pelo falante durante o exercício profissional o direcionam para a alteração do seu comportamento linguístico em direção às variantes de maior prestígio social, sendo esse o principal fator condicionador para a preferência do padrão na fala dos indivíduos de meia-idade. Contexto oposto se vê na fala dos indivíduos mais velhos e mais jovens, uma vez que, na aposentadoria, as pressões sociais diluem-se, e o falante relaxa o monitoramento linguístico, assim como ocorre com os mais jovens, antes de exercerem papéis no mercado de trabalho.

Com efeito, encara-se a necessidade de haver, como propõe Lucchesi (2015), uma atualização nas metodologias de trabalho desenvolvidas a partir da sociolinguística, tornando-a mais interpretativa e menos mecanicista, passando a considerar, por via de regra, a sócio-história da comunidade de fala que se está investigando, no intuito de relativizar e proporcionar maior validade aos resultados encontrados nos estudos. A primeira medida seria, pois, a implementação de nova terminologia para a pesquisa variacionista, como situa o autor (2015, p. 60), “não se devendo mais falar em termos de uma Sociolinguística (presa à sua ortodoxia), mas em uma Linguística Sócio-Histórica.”.

2.4 BREVE REFLEXÃO SÓCIO-HISTÓRICA

Embora este estudo não tenha a pretensão de fazer um levantamento sistemático dos grupos de contato entre línguas alocados na Bahia durante o período de colonização, admite-se a importância dos processos sociais que consubstanciam o aparecimento e a manutenção de diferentes variantes fônicas na língua, como é o caso da palatalização das oclusivas dentais.

No bojo dos estudos da variação linguística, Lucchesi (2015) levanta uma crítica acerca da metodologia comumente utilizada na descrição dos resultados quantitativos. O autor (2015, p. 57) considera que “o resultado da grande maioria das análises sociolinguísticas que se têm feito desde então é o estabelecimento de relações mecanicistas e a-históricas entre as variantes em foco e os fatores sociais.”.

A esse efeito e na concepção de uma análise linguística menos generalizante e mecânica, o estudo aqui desempenhado reflete a língua dentro de seu contexto social mais amplo, tentando capturar elementos que possam justificar, por exemplo, o predomínio da variante palatal em grande parte do território baiano.

Um processo sócio-histórico precípua à descrição de certos fatos linguísticos existentes no Brasil é a conjuntura da colonização do país, a qual teve como início a chegada dos portugueses em terras baianas, mais precisamente na região de Porto Seguro. O contato linguístico entre os povos autóctones e os colonizadores foi inicialmente efetivado por meio de gestos e, posteriormente, pelo desenvolvimento de um código necessário para a comunicação, o *pidgin*. As línguas de origem indígena, por sua vez, foram utilizadas como ferramenta essencial para a colonização por intermédio da catequese, que tinha como agentes os jesuítas, da exploração e expansão de terras, pela ação dos bandeirantes.

Essa forma de comunicação com vistas à dominação contribuiu para o estabelecimento de uma língua falada

por toda a população originada no cruzamento de europeus e índios tupi-guaranis (especificamente os tupis em São Paulo e os tupinambás no Maranhão e Pará), à qual foi-se agregando um contingente de origem africana e contingentes de vários outros povos indígenas, incorporados ao regime colonial, em geral na qualidade de escravos ou de índios de missão. (RODRIGUES, 1996, p. 05).

Não obstante, no intuito de dar forças à hegemonia da língua portuguesa, a Coroa Portuguesa determinou que, a partir de 1757, o Marquês de Pombal proibiria o uso de quaisquer línguas que não a portuguesa.

A língua portuguesa trazida para o Brasil é a língua do século XVI, e este se caracteriza por ser um período de “transição” entre a Idade Média e a Idade Moderna, época em que “Portugal logra suas primeiras conquistas como nação mercantilista, abrindo-se para o mundo. Concomitantemente, os portugueses podem vislumbrar o desenvolvimento da imprensa de Gutemberg.” (SILVA, 2017, p. 17-18).

Nesse contexto histórico, embora haja coincidências entre o português do Sul de Portugal com o português falado no Brasil, considera-se que a proveniência geográfica dos colonizadores não seja um dado determinante para a justificativa de certos fatos linguísticos ocorrentes no Brasil, conforme elucida Cardoso (1993), uma vez que os falantes que difundiram o português no novo mundo foram pessoas provincianas de classes humildes e de várias regiões de Portugal.

A compreensão geral dos referidos processos que marcaram a história da língua falada no Brasil oferece subsídio para o aprofundamento da explicação da existência da palatalização das oclusivas dentoalveolares, mas o que se coloca até aqui ainda não é suficiente para se estabelecer teorias precisas, uma vez que o caminho apontado, o contato linguístico do português com as línguas indígenas e africanas e a longa permanência de uma língua geral utilizada na costa, carece de investigações mais minuciosas.

Nessa perspectiva, necessita-se de estudos que tenham encontrado respostas para algumas questões que circundam o fenômeno em foco: houve palatalização nas línguas gerais? O que se considera a respeito do fenômeno nas línguas africanas? Como se deu, de fato, a entrada do “chiado” na pronúncia do /t/ e do /d/?

Esses são alguns questionamentos que clamam por explicações à luz da sócio-história, acreditando-se que somente este direcionamento em uma pesquisa dará contribuições efetivas para a descrição da palatalização, cabendo ao pesquisador estabelecer tais indagações como objetivos específicos de sua investigação, evento que não confere à presente pesquisa.

3 PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Nesta seção, apresentam-se as características gerais do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, ao qual está vinculada esta investigação.

O Projeto ALiB possui um Comitê Nacional, que tem o papel de dirigir todas as atividades periódicas do Projeto. O Comitê é composto por integrantes que representam os atlas regionais já publicados e os em andamento no Brasil. São eles: Suzana Cardoso (Diretora Presidente) (*in memoriam*)⁶ e Jacyra Mota (Diretora Executiva) e os Diretores Científicos: Abdelhak Razky (Universidade Federal do Pará); Aparecida Isquierdo (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); Conceição Maria de Araújo (Universidade Federal do Maranhão); Fabiane Cristina Altino (Universidade Estadual de Londrina); Felício Margotti (Universidade Federal de Santa Catarina); Maria do Socorro de Aragão (Universidade Federal da Paraíba/Federal do Ceará); Marilúcia de Oliveira (Universidade Federal do Pará); Regiane Reis (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); Silvana Ribeiro (Universidade Federal da Bahia); Valter Romano (Universidade Federal de Lavras) e Vanderci Aguilera (Universidade Estadual de Londrina)⁷. Soma-se a constituição do referido Comitê com os Diretores Científicos, *in memoriam*, Mário Zágari e Walter Koch.

Destaca-se que o Projeto ALiB é um empreendimento de âmbito nacional que objetiva identificar, descrever e mapear a diversidade do português do Brasil, a fim de registrar a sua distribuição espacial e cultural. Além disso, o Projeto congrega estudos de todas as partes do Brasil, os quais apresentam descrições acerca de diversos fenômenos linguísticos correntes no país. Desse modo, seu acervo é constituído por gravações de entrevistas realizadas com 1.100 falantes de 250 localidades, para cobrir todo o território brasileiro. O Projeto foi implementado em 1996 e em 2014 foram publicados os dois primeiros volumes (introdução e apresentação de cartas linguísticas) do Atlas Linguístico do Brasil, cujas cartas linguísticas, referentes ao fenômeno da palatalização abrangem a realidade linguística das capitais (cf. CARDOSO et al., 2014b).

Embora seja este um projeto nacional, a publicação dos primeiros volumes do ALiB não invalida a execução de atlas regionais, os já publicados e os que virão. Ao

⁶ Professora Suzana Cardoso foi uma grande mentora para todos aqueles que conviveram com ela. O respeito ao próximo e a ética profissional são o seu maior legado. Sua obra dedicada ao real conhecimento do português brasileiro é de uma grandiosidade teórica que merece ser eternizada.

⁷ Formulação vigente desde 2016.

contrário, considera-se de fundamental importância o investimento em atlas com menores abrangências geográficas, pois assim serão observados os pormenores linguísticos e externos à língua atinentes a cada região. Dessa forma, o conhecimento das características do português do Brasil será assegurado, enfatizando o caráter multifacetado desse instrumento social de comunicação no Brasil, marcado por diferentes formas de uso, mas diferenças previstas por uma unidade sistêmica.

Do ponto de vista metodológico, a Geolinguística Pluridimensional não capta somente os aspectos geográficos; ela controla, também, os diferentes tipos de variação, como a diageracional, a diassexual e a diastrática, tal como é feito no Projeto ALiB.

Os informantes entrevistados pela equipe de inquiridores do Projeto somam-se 1.100, como já apresentado, e devem ser nascidos e criados na localidade investigada, com os pais também da mesma área. Distribuídos equitativamente, esses informantes, de ambos os sexos, pertenciam a duas faixas etárias: uma de 18 a 30 anos e outra de 50 a 65 anos, totalizando quatro informantes para cada localidade do interior. No tocante à escolaridade, devem ser alfabetizados, tendo o nível de ensino fundamental incompleto. Nas capitais, além dos informantes de nível fundamental, foram selecionados mais quatro, de nível universitário, totalizando, portanto, oito informantes para cada capital. Ademais, os falantes entrevistados devem possuir uma profissão definida, que não admita grande mobilidade.

Devido a questões administrativas e financeiras e dada a amplitude de execução do Projeto, levou-se em conta a dificuldade do registro de uma faixa etária intermediária, admitindo-se, então, duas, em vez de três faixas etárias. A impossibilidade da adoção de três faixas etárias emana da elevação dos custos para deslocamento e aquisição de equipamentos para coleta dos dados, tendo em vista que os recursos financeiros disponibilizados pelo Governo são, na maioria das vezes, exíguos para o fazer científico. A alternativa encontrada pelo Projeto ALiB permite, portanto, o confronto entre os usos linguísticos característicos de cada faixa etária determinada, que se colocam em pontos extremos – mais jovens e mais idosos.

A Rede de Pontos considerada no referido projeto dispõe de 250 localidades, escolhidas com base em critérios demográficos, culturais e históricos, considerando a extensão territorial de cada estado e a natureza do povoamento na delimitação do número de pontos da área. Incluem-se cidades de grande e médio porte e todas as capitais de Estado, exceto Brasília/Distrito Federal e Palmas, cidades muito novas, sem habitantes com pais nascidos na localidade, àquela altura da recolha dos dados *in loco*.

Observa-se, a seguir, a Rede de Pontos disposta na *Carta Brasil* (Figura 1), com as 250 localidades selecionadas pelo Projeto ALiB.

Figura 1: Rede de Pontos do ALiB – Brasil



Fonte: Site do Projeto ALiB. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>>.

Acesso em: 02 jun. 2018.

No que se refere ao instrumento para coleta dos dados, há, basicamente, três tipos de questionário adotados pelo Projeto: Questionário Fonético-Fonológico (QFF), acrescido de Questões de Prosódia; Questionário Semântico-Lexical (QSL); Questionário Morfosintático (QMS), além de Temas para Discurso Semidirigido, Questões Metalinguísticas e um Texto para Leitura (COMITÊ..., 2001). O primeiro consta de 159 perguntas, acrescidas as questões de prosódia, em que se apura a realização de frases afirmativas, imperativas e interrogativas; o segundo, 202 perguntas; o terceiro, 49 perguntas. Somado a esses questionários, há as questões de pragmática, com quatro perguntas, temas para Discurso Semidirigido, com relato pessoal, relato não

peçoal, comentário e descrição, Questões Metalinguísticas, composta por seis perguntas e o texto *Parábola dos sete vimes* para leitura.

No Questionário Fonético-Fonológico, espera-se que o informante responda a formas pré-estabelecidas, a fim de analisar as diversas possibilidades de realizações fonéticas de um mesmo vocábulo, conforme se verifica no quadro 3.

Quadro 3: Projeto ALiB – Questionário Fonético-Fonológico (extrato)

Nº	PERGUNTA	RESPOSTA
055.	Quando fica escuro e as pessoas vão dormir é a ____?	Noite [ˈnojtɪ]
131.	O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu?	Tio [ˈtʃiʊ]

Exemplos retirados de Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários (COMITÊ..., 2001)

Para a realização das Questões de Prosódia, o inquiridor apresenta situações hipotéticas, solicitando que o informante realize uma frase, que pode ser afirmativa, imperativa ou interrogativa, como se estivesse inserido na referida situação. Atente-se para o exemplo que segue no quadro 4.

Quadro 4: Projeto ALiB – Questões de Prosódia (extrato)

TIPO DE FRASE	SITUAÇÃO POSTA
INTERROGATIVA	“Se você quer oferecer uma bebida a um amigo, e quer saber se ele prefere vinho ou cerveja, como é que você se dirige a ele e pergunta?”
AFIRMATIVA	“Você quer dizer a algumas pessoas que estão presentes que você está muito aborrecido com o que aconteceu. Como é que você diz?”
IMPERATIVA	“Como é que uma mãe diz ao filho para que ele saia da chuva?”

Exemplos retirados de Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários (COMITÊ..., 2001)

No Questionário Semântico-Lexical, são dados ao informante os semas que caracterizam os referentes, a fim de registrar a pluralidade de itens lexicais, não

perdendo de vista a diversidade fonético-fonológica da língua portuguesa falada no Brasil, como consta no quadro 5.

Quadro 5: Projeto ALiB – Questionário Semântico-Lexical (extrato)

Nº	PERGUNTA	RESPOSTA
142.	Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?	Prostituta [prɔʃtɨ'itutɐ]
156.	Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?	Gude ['gudɨ]

Exemplos retirados de Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários (COMITÊ..., 2001)

No Questionário Morfossintático, verificam-se diferentes usos, como gênero de certas palavras, casos de concordância verbal e nominal, oposição entre os pronomes *nós x a gente* e *tu x você*, ausência ou presença de artigo diante de nome próprio e conjugação de alguns tempos verbais, conforme se lê exemplos no quadro 6.

Quadro 6: Projeto ALiB – Questionário Morfossintático (extrato)

Nº	PERGUNTA	CASOS PREVISTOS
1.	Tem filhos? Como se chamam? O que eles fazem?	Artigo diante de nome próprio
7.	Há homens e mulheres que chefiam. No caso, se é uma mulher, ela é o quê?	Gênero
24.	Quando se vê um amigo com uma mala e se quer saber para onde ele vai, como é que se pergunta?	Tu X Você
26.	O que vocês fazem no fim de semana?	Nós X A Gente
36.	O carro está lotado, mesmo assim o motorista insiste que ainda cabe alguém, Mas eu digo: “Não, eu não ____.”	Caber – Presente do indicativo

Exemplos retirados de Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários (COMITÊ..., 2001)

Algumas perguntas que compreendem o entendimento do falante sobre a língua portuguesa, bem como a sua consciência sobre os vários falares das regiões do Brasil e as diferenças que há na fala de hoje comparada à do passado são alvo das Questões Metalinguísticas. A seção dos Discursos Semidirigidos é, comumente, a mais distensa, pois, além de acontecer quase no fim do inquérito, é o momento em que o informante fala por mais tempo, sobre sua vida pessoal e as experiências de que ouviu falar.

Para o desenvolvimento da pesquisa que aqui se apresenta, delineiam-se os recortes feitos e se apresentam a seguir.

4 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa científica serão apresentados nesta seção.

A pesquisa aqui engendrada contribui para o acervo de produções do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Os resultados do estudo sobre a palatalização das oclusivas dentoalveolares com os dados das capitais foram os primeiros passos para se descrever a diversidade do fenômeno no território brasileiro, por meio da publicação das primeiras cartas linguísticas no *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO et al., 2014b)⁸. Pela primeira vez, foi feito um estudo com as regiões brasileiras em conjunto.

O aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa serviu de base para a condução da presente pesquisa, que concebe a língua em sua situação real de uso, bem como a diversidade de escolhas linguísticas realizadas por parte do falante, que, por sua vez, pertence a uma determinada comunidade de fala, objeto de investigação sociolinguística. Além disso, contou-se com os pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística Pluridimensional, aliados ao Projeto ALiB, que integra as variáveis sociais ao trabalho dialetal e oferece uma maior descrição da diversidade linguística do Brasil (CARDOSO, 2010).

O *corpus* deste estudo constitui-se de dados coletados de inquéritos aplicados no interior da Bahia, pelo Projeto ALiB. Assim, as comunidades de fala em foco são bem diversas, participantes da pluralidade linguística e cultural que emana do processo de formação sócio-histórica do Estado da Bahia tal como se percebe hoje. São elas, com o respectivo número do Ponto: Barreiras (87), Santana (92), Barra (84), Carinhanha (97), Juazeiro (81), Irecê (85), Itaberaba (90), Jacobina (86), Alagoinhas (88), Euclides da Cunha (83), Jeremoabo (82), Santo Amaro (91), Caetité (96), Itapetinga (100), Jequié (95), Seabra (89), Vitória da Conquista (98), Caravelas (102), Ilhéus (99), Santa Cruz Cabrália (101) e Valença (94). As referidas localidades consideradas na pesquisa constituem a Rede de Pontos da Bahia estabelecida pelo *Projeto Atlas Linguístico do Brasil*.

O acervo do Projeto ALiB é constituído por gravações de entrevistas realizadas com falantes, espalhados por todo o país, em 250 localidades brasileiras, como já mencionado. No entanto, essa pesquisa prevê o registro da fala de 84 informantes de ambos os sexos, quatro para cada localidade, pertencentes a duas faixas etárias: uma de

⁸ Foram documentadas, por questões metodológicas do Projeto ALiB, vinte e cinco capitais brasileiras.

18 a 30 anos e outra de 50 a 65 anos, de 21 localidades do interior baiano. A variável social escolaridade não é considerada devido ao método estabelecido pelo Projeto, que só registra indivíduos com nível universitário completo e fundamental incompleto nas capitais, enquanto que nas demais localidades há, apenas, o registro de indivíduos com o ensino fundamental incompleto.

A variável em análise é a palatalização das consoantes oclusivas dentoalveolares /t, d/ antes de [i], seja fonológico (*tia, diarista*) seja derivado (*noite, tarde*). No intuito de se apurar os fatores atinentes à influência da variante, controlaram-se fatores linguísticos e extralinguísticos que pudessem inibir ou favorecer a regra de aplicação (a palatalização). Os fatores internos à língua controlados foram: vozeamento da consoante, posição da sílaba em causa, nasalidade da sílaba, tonicidade da sílaba, vogal antecedente, consoante antecedente (final da sílaba anterior) e natureza da vogal (fonológica ou derivada). Os fatores externos à língua controlados foram: diatopia, sexo e faixa etária dos informantes.

Ressalta-se que houve diferentes rodadas na submissão dos dados ao *GoldVarbX*. Na primeira rodada, consideraram-se os contextos de natureza da vogal (fonológica e derivada) conjuntamente, sendo controladas como uma variável linguística, verificando os fatores que influenciavam na palatalização de /t, d/ diante de vogal alta, sem precisar a natureza dessa vogal. Nas rodadas seguintes, controlou-se cada contexto separadamente, a fim de se identificar e, conseqüentemente, interpretar os fatores que implicaram na realização palatal.

Nesse aspecto, observou-se que há diferenças linguísticas quando se separam as análises pela natureza da vogal que segue as consoantes em foco, enquanto que os fatores externos à língua praticamente não apresentam diferenças significativas, como se verificará na seção de análise dos dados.

4.1 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Estabelecido o recorte deste trabalho, faz-se necessário explicitar os estágios seguintes. Os passos que seguiu esta pesquisa correspondem às etapas de um trabalho de natureza variacionista:

- i) escolha da área considerada – rede de pontos da Bahia;
- ii) audição minuciosa dos inquiridos, que oferece, para a recolha de dados, subsídios para o levantamento dos dados fornecidos por cada informante;

- iii) transcrição dos dados considerados (baseou-se nas técnicas de transcrição vigentes no Projeto ALiB e sugestão da Associação Internacional de Fonética – IPA)
- iv) levantamento das ocorrências de /t, d/ antes de /i/ e identificação do tipo de realização – palatal ou dentoalveolar;
- v) submissão dos dados à codificação;
- vi) análise estatística mediante o uso do *software GoldVarbX* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e
- vii) interpretação e divulgação dos resultados alcançados.

A utilização do *GoldVarbX* permitiu a obtenção dos resultados em porcentagem e em peso relativo, confrontando, em rodadas binárias, a ocorrência de palatalização *versus* a não ocorrência (variantes dentoalveolares). Posteriormente, coube à pesquisadora analisar e divulgar os resultados, por meio de estudos diversos.

As condições para que se constituísse o *corpus* foram as seguintes: i) descartaram-se os trechos com ruídos, que apresentaram dúvida quanto à pronúncia da palavra, também quando o inquiridor respondeu antes do informante, chamado de “queima da questão”; ii) desprezaram-se os casos de palavras compostas (ex: *joão-de-barro*) e os iii) casos de possível epêntese (ex: *advogado*) e, por fim, iv) só se consideraram até duas ocorrências do mesmo vocábulo pronunciado pelo mesmo informante, a fim de evitar a repetição no levantamento.

4.2 AS VARIÁVEIS CONSIDERADAS

As variáveis controladas em uma pesquisa variacionista são aquelas levantadas para análise e interpretação, tendo em vista a sua relevância para a realização de dado fenômeno. A variável dependente é, pois, a que será testada em diferentes contextos e, como o próprio termo sugere, a que depende de um ou outro fator para sua existência. São consideradas independentes as variáveis que produzem algum efeito na regra de aplicação ou, simplesmente, no fenômeno em teste, alvo de variação.

A seguir, arrolam-se a variável dependente e as variáveis independentes registradas neste estudo.

4.2.1 Variável dependente

Foi considerada como variável dependente a palatalização das oclusivas dentoalveolares /t, d/, diante da vogal alta /i/, sendo esta uma vogal fonética ou fonológica. Assim, a consoante em exame pode ter como realização:

- a) oclusiva dentoalveolar [t], [d]: ['dẽtɪ], ['diɐ]
- b) africada palatal [tʃ], [dʒ]: [adɔ'tʃivɔ], ['taɦdʒɪ]

O estudo de cunho variacionista apresentado nesta dissertação intenta observar a distribuição das variantes que mais significam para a aplicação da regra, como os contextos linguísticos e os externos à língua, as variáveis independentes.

4.2.2 Variáveis independentes

Sabendo que a teoria da variação concebe a língua como indissociável dos elementos externos a ela e a outros fatores de natureza também linguística, observou-se o comportamento desses diferentes tipos de variáveis. Assim, são denominadas de variáveis linguísticas as variáveis independentes que estão inseridas no sistema linguístico e, quando externas ao sistema, chamam-se variáveis sociais ou extralinguísticas.

Para verificar os fatores que proporcionam a realização palatal de /t, d/, foram selecionadas dez variáveis independentes, das quais sete são de ordem linguística e três, extralinguística.

4.2.2.1 Variáveis linguísticas

Os grupos de fatores selecionados para a verificação das realizações palatais de /t, d/ antes de /i/ foram:

Grupo 1: Vozeamento

A variável vozeamento da consoante, considerada como relevante em alguns estudos sobre o mesmo fenômeno, ocorre quando as consoantes são produzidas com vibração ou não vibração das cordas vocais. Em contrapartida, quando essa vibração não ocorre, as consoantes são denominadas de surdas, ou não vozeadas. (SEARA ET AL., 2015, p. 79). Assim, na palatalização das oclusivas dentais [t, d], as consoantes podem se apresentar como vozeadas [+sonoro] ou não vozeadas [-sonoro], como se verifica a seguir.

- a) Surda: *elefante*
- b) Sonora: *diarista*

Grupo 2: Posição da sílaba em causa

A posição que a sílaba com a consoante alvo da palatalização ocupa na palavra pode favorecer o fenómeno. Controlaram-se as seguintes posições:

- a) Inicial: *dia*
- b) Medial: *mandioca*
- c) Final: *hóspede*

Grupo 3: Nasalidade da sílaba em causa

Inicialmente, pensou-se haver alguma relevância para o fato de a consoante alvo estar colocada em um contexto de nasalidade, mas essa hipótese foi plenamente refutada. Assim, as variáveis observadas foram:

- a) Oral: *ponte*
- b) Nasal: *pontinha*

Grupo 4: Tonicidade

Sabendo-se que as sílabas tônicas apresentam um comportamento diferenciado das atônicas em certos processos fônicos, aventou-se como hipótese que haveria favorecimento da regra nas sílabas átonas. Verificaram-se as seguintes posições de tonicidade:

- a) Tônica: *antigo*
- b) Átona pretônica: *tesoura*
- c) Postônica final: *dente*

Ressalta-se, ainda, que, em língua portuguesa, a vogal derivada será sempre átona e a vogal fonológica praticamente não se encontra em sílaba final de palavra.

Grupo 5: Vogal antecedente:

É possível que o contexto imediatamente anterior à consoante palatalizável ocasione um processo de assimilação, assim, esperava-se a semivogal /y/ e a vogal /i/, com o traço [+ palatal], favorecessem a realização palatal, ao passo que as demais vogais e a semivogal posterior a inibissem. Foram considerados os seguintes subfatores:

- a) /a/, [ã]: *variante*
- b) /e/: *hóspede*
- c) /i/: *ridimunho*
- d) /o/, [õ]: *ponte*
- e) /u/: *gude*
- f) Semivogal /j/: *leite*

Grupo 6: Consoante antecedente (final de sílaba anterior)

Aventou-se como hipótese que o ponto de articulação palatal da consoante antecedente à consoante palatalizável favorecesse a regra desses segmentos, por um processo de assimilação. Expõem-se, então, os subfatores selecionados:

- a) Fricativa Laríngea ou velar: [pefi'didə]
- b) Fricativa Alveolar: [isti'liɣɪ]
- c) Fricativa Palatal: [prɔʃtʃi'tutə]
- d) Não aplicável – casos de sílabas sem coda: ['dẽti]

Grupo 7: Natureza da vogal

Esperou-se que a vogal favorecedora da palatalização seria a fonológica, como se verifica nos estudos citados na fundamentação teórica desta dissertação, em oposição à vogal derivada ou fonética, inibidora do fenômeno. A hipótese foi confirmada também nos dados aqui presentes.

- a) Vogal fonológica: *dia*
- b) Vogal fonética: *noite*

É importante dar relevo ao fato de que, em segundo momento da pesquisa, essa variável não foi controlada, visto que os contextos foram analisados separadamente, em rodadas independentes.

4.2.2.2 Variáveis extralinguísticas

Concebendo-se que o falante está inserido em um contexto social diversificado, a língua falada não deve ser vista isolada dos contextos externos a ela. Desse modo, esta pesquisa controlou a proveniência geográfica do informante, o sexo e sua faixa etária.

Ressalta-se que todos os informantes da amostra possuem escolaridade fundamental incompleta, por questões metodológicas expressas na seção anterior.

Grupo 8: Diatopia

A variável diatópica é controlada com a finalidade de se verificar a presença ou a ausência dos fatos linguísticos examinados, percebendo a norma linguística de cada região. Além disso, a diatopia é o principal alvo de investigação geolinguística, que não desconsidera, pois, os demais grupos de fatores externos à língua, como já é sabido, verificando e recorrendo à distribuição geográfica das variantes.

Grupo 9: Sexo

As diferenças nos papéis sociais entre homens e mulheres viabilizam o estudo da língua de informantes de cada um desses sexos, tendo como hipótese central dos estudos variacionistas a predileção das mulheres pelas formas prestigiosas da língua, como medida para o destaque na sociedade a qual está inserida, em sociedades onde a ascensão feminina seja aceitável.

Essa variável se coloca promissora no controle das variações linguísticas porque se comporta, em alguns casos, como fator condicionante.

Grupo 10: Faixa etária

Está no axioma dos estudos quantitativos que a distribuição por faixa etária pode indicar um caso de mudança em progresso na língua. A fim de comprovar ou não a dita máxima sociolinguística à luz de diferentes fenômenos linguísticos, o Projeto ALiB adota duas faixas etárias, também consideradas nesta investigação, a saber:

- a) Faixa I: de 18 a 30 anos
- b) Faixa II: de 50 a 65 anos

4.3 AS LOCALIDADES

Delimita-se o estado da Bahia como área a ser investigada, cujas vinte e duas localidades determinadas pelo método do Projeto ALiB abrangem as sete mesorregiões baianas, conforme se ilustra no quadro 7.

Consideram-se, entretanto, vinte e uma localidades, visto que a capital, Salvador, não entrou para a amostra controlada nesta pesquisa, cujo estudo de palatalização foi apresentado nos dois primeiros volumes do ALiB (CARDOSO ET AL., 2014).

Quadro 7: Rede de pontos ALiB segundo mesorregião correspondente – localidades baianas

MESORREGIÃO BAIANA	LOCALIDADES COMPREENDIDAS
Extremo Oeste Baiano	Barreiras Santana
Vale São Franciscano da Bahia	Barra Carinhanha Juazeiro
Centro Norte Baiano	Irecê Itaberaba Jacobina
Nordeste Baiano	Alagoinhas Euclides da Cunha Jeremoabo
Metropolitana de Salvador	Santo Amaro
Centro Sul Baiano	Caetité Itapetinga Jequié Seabra Vitória da Conquista
Sul Baiano	Caravelas Ilhéus Santa Cruz Cabrália Valença

Fonte: Cardoso et al. (2014).

Apuraram-se informações concernentes às localidades inquiridas, para que se tenha um conhecimento a respeito de suas características mais gerais, que se apresentam no quadro 8⁹.

⁹ O quadro 8 foi produzido a partir de informações extraídas do site <https://cidades.ibge.gov.br/>, mas sua elaboração, assim como a seleção dos dados, é de autoria própria.

Quadro 8: Características gerais das localidades baianas consideradas no estudo

LOCALIDADE	TERRITÓRIO (KM ²)	POPULAÇÃO (2017)	BREVE HISTÓRIA
Barreiras	7.538,152	157.638	As terras do atual município de Barreiras faziam parte da imensa sesmaria de Antônio Guedes de Brito - o conde fundador do Morgado da Casa da Ponte. As terras que se prestavam à lavoura e criação foram vendidas no século XVII por seus descendentes a José Alves Martins, Domingos Afonso Serra e outros, ficando devolutas as chapadas das serras. Domingos Afonso Serra fez a Fazenda Tapera, onde criou gado. Após sua morte, a fazenda foi inventariada e vendida a diversos, quando, presume-se, surgiram as primeiras moradias. Em 1880, era a povoação um lugarejo com apenas 20 casebres de taipa ou adobe. Adquiriu foros de cidade em 1902, quando já possuía para mais de 630 casas e 2500 habitantes.
Santana	1.909,352	27.492	Os D'Ávilas foram conquistando terras e mais terras no sertão baiano seguindo o desejo de Garcia, em forma de leque: Salvador — Monte Santo — Glória — Juazeiro, aí encontrando o rio São Francisco e construindo o portal de entrada para os caminhos do gado, e explorando o rio e suas margens passando por Pilão Arcado, construindo mais um curral em Barra, chegando, por fim, em Santana, na década de 70, no século XVII, fazendo aqui uma grande fazenda para o descanso do gado. Depois, atravessou o rio São Francisco, formando mais um curral em Paratinga, dali seguiu as margens do rio cruzando

			Carinhanha e chegando em Minas Gerais. Em Santana, após meados do séc. XVIII, teve também suas missões com os franciscanos realizadas onde hoje fica a fazenda missão do senhor Mizael Brandão. Ali havia um grande curral para as doações para o Bom Jesus e onde os franciscanos catequizavam os índios e batizavam brancos e índios após pregação sobre a boa vivência entre eles.
Barra	11.422,537	54.915	A rica história do município da Barra começa por volta de 1670, quando um curral da Casa da Torre, de Dias D'Ávila, foi implantado nas barrancas do Rio Grande, exatamente onde suas águas se juntam às do rio São Francisco. A população era composta por vaqueiros, lavradores, pescadores, produtores de rapadura, de cachaça, caixeiros viajantes etc. Em 16 de junho de 1873, a vila foi promovida à cidade – Cidade Florescente da Barra do Rio Grande. No mesmo ano, reduziu-se a denominação e passou a ser chamada Barra do Rio Grande. Em 1931, ficou apenas Barra.
Carinhanha	2.529,442	30.118	As ocupações das terras de Carinhanha começaram efetivamente dois anos depois da chegada dos portugueses. O sistema de distribuição dessas terras foi por meio da Carta Régia. De posse dessas Cartas Régias, duas famílias que se tornaram poderosas pela extensão de terras conquistadas e pelos currais de gado montados pelo interior passaram a disputar com os índios confederados as terras do Vale do Rio São Francisco.
Juazeiro	6.721,198	221.773	No ano de 1596, o território era percorrido pelo

			<p>bandeirante Belchior Dias Moréa, encontrando sob as frondosas árvores do Juazeiro, os mascates e tropeiros que descansavam e ouviam as histórias dos índios Tamoqueus, Guaisquais, Galache e outras tribos da nação Cariri, primeiros habitantes dessas paragens. A pequena aglomeração iniciada como “Passagem do Juazeiro” povoava-se de casas de taipa e taperas, tendo suas terras incluídas nos domínios da Casa da Torre, dos D’Ávilas, propiciando as condições de nascimento do primeiro povoado que deu origem à cidade, ainda no século XX. Empenhados na catequese, chegaram em 1706 os Franciscanos, aldeando os índios Tamoquins, instalando, assim, a missão franciscana. Nessa consolidação, foi edificada uma capela e o convento onde hoje se situa o centro da cidade.</p>
Irecê	319,174	74.483	<p>No ano de 1624, a Bahia começou a ser invadida pelos holandeses. Naquela época, um homem se destacou, porque lutou bravamente contra os invasores. Chamava-se Antônio de Brito Corrêa, pai de Antônio Guedes de Brito. Antônio Guedes de Brito residia em Morro do Chapéu, desde o ano de 1663 e carregava no sangue a valentia do pai. Em sua época, a região do Rio São Francisco vivia atormentada por bandidos, mamelucos e negros aquilombados.</p> <p>Incumbido pelo rei de Portugal para pacificar a região do São Francisco, Antônio G. de Brito entrou em ação e em pouco tempo trouxe de volta a paz em toda a região. Como recompensa, o rei lhe deu uma</p>

			sesmaria remuneratória de 160 léguas de terras que abrangia a área de Irecê e de diversas outras cidades da região, transformando-o no maior latifundiário de toda a Bahia.
Itaberaba	2.386,39	66.806	Localiza-se na Chapada Diamantina. Registra-se uma larga população, destes, 75,53% vivem na zona urbana do município. A quantidade de adolescentes na faixa etária de 10 a 19 anos no município corresponde a 25,09% da população total, o que equivale a aproximadamente 15.320 habitantes. A principal atividade econômica da comunidade é a produção e exportação do abacaxi, no entanto, destaca-se também nas indústrias de móveis e de calçados. Assim como a Região de Itaberaba, as regiões comparadas tinham os maiores fluxos comerciais inerentes à agropecuária.
Jacobina	2.192,906	83.635	Em princípios do século XVII, a corrida de bandeirantes e portugueses às minas de ouro descobertas em terras do atual município. A notícia de exploração de minérios fez fluir, ao lugar, numerosos contingentes humanos. Iniciaram-se, também, por essa época, as atividades suplementares de criação de gado e de culturas agrícolas essenciais. À proporção que novas levas de braço chegavam para o garimpo, o arruado a margem do Itapicuru Mirim ia crescendo rapidamente, reunindo população inicial bastante densa e heterogênea. A partir de 1848, a notícia da descoberta de diamantes na Chapada Diamantina determinou o êxodo de grande número de mineiros, sempre ávidos por novas

			aventuras. Seguiu-se, então, prolongada fase de paradeiro, que provocou o declínio das atividades locais, causa da demora para a elevação da vila à categoria de cidade, o que só ocorreu em 1880.
Alagoinhas	707,38	155.979	A cidade de Alagoinhas teve seu primeiro povoamento nos fins do século XVIII, quando um padre português fundou uma capela no seu território. O nome de Alagoinhas originou-se dos rios (Sauípe, Catu, Subaúma, Quiricó), lagoas e córregos existentes na região. O poço de petróleo MG-1-BA foi descoberto em 1964. Gás natural e petróleo começaram a compor, naquele momento, a vida econômica e social de Alagoinhas. Em 1967, já eram mais de 30 poços no município. A Ferrovia e o petróleo contribuíram para o desenvolvimento do comércio de Alagoinhas. A cidade se voltou para os serviços e se tornou polo para mais de 30 municípios vizinhos. A localidade cresceu de forma desordenada, sem que houvesse um planejamento que orientasse a adequação da sua infraestrutura às necessidades da comunidade.
Euclides da Cunha	1.992,639	61.924	Os primitivos habitantes do município foram os índios caimbés, da tribo dos tupiniquins, que se instalaram inicialmente no aldeamento de Massacará, transferindo-se posteriormente para outro sítio que tomou mais tarde a denominação de fazenda Caimbés. Dedicavam-se à cultura de cereais e de cana-de-açúcar, existindo, ainda hoje, número considerável de seus descendentes, que mantêm os mesmos hábitos e costumes dos seus ancestrais.

			O município foi desbravado por colonos oriundos dos municípios circunvizinhos, principalmente de Monte Santo e de Tucano, que ali se fixaram com suas famílias, dedicando-se à lavoura e ao criatório de gado, esteios até hoje da economia municipal.
Jeremoabo	4.627,275	41.605	Jeremoabo é uma palavra indígena que significa, entre outras coisas, “plantação de abóboras”, de que havia grande cultura, mantida pelos índios. A região era primitivamente habitada pelo aborígenos muongurus e cariacás, descendentes dos tupinambás. Há notícias de que, no início do Século XVII, uma religiosa fundou aldeamento em derredor de uma ermida dedicada à Nossa Senhora de Brotas, dando lugar à catequese dos índios de Jeremoabo e das regiões vizinhas, promovida pelos padres João de Barros e Jacob Roland. Chegado à Bahia com Tomé de Souza em 1549, Garcia d’Ávila, com temperamento forte de bandeirante, exerceu grande influência no desbravamento do nordeste baiano, capturando índios e fundando currais para criação de gado bovino. Passou a denominar-se Vila de São João Batista de Jeremoabo em 1831 e, tempos depois, simplesmente Jeremoabo.
Santo Amaro	489,323	61.961	Em 1557, nasceu e cresceu à margem do Rio Taripe, nas proximidades do mar, a povoação de Santo Amaro. Ali viveram os colonizadores, por vários anos, construindo suas habitações, seus estabelecimentos, sua capela e tirando do rio e do mar peixes e crustáceos para sua subsistência. Antes de firmarem o seu domínio na região, tiveram

			os colonizadores lusos de travar sucessivas e renhidas guerrilhas com os primitivos habitantes das margens dos rios Sergi-Mirim e Subaé - os tupinambás - que, no entanto, vieram mais tarde prestar inestimáveis serviços aos colonos.
Caetité	2.651,536	52.853	Um dos primeiros povoados do Alto sertão da Bahia. A hipótese mais aceita e mais divulgada acerca de sua origem é a de que este lugar se constituiu num dos primeiros núcleos de povoamento da região. Devido a fatores climáticos, como a quantidade abundante de água e outros aspectos, o núcleo acabou ganhando importância com a chegada e permanência de inúmeras famílias. A partir de então, se estabeleceu como ponto importante de pouso e descanso aos viajantes e tropeiros que passavam pela região.
Itapetinga	1.651,153	77.533	As origens do atual Município de Itapetinga prendem-se à história de Vitória da Conquista. O primeiro homem civilizado a desbravar o solo itapetinguense foi o Sr. Bernardino Francisco de Souza que, em 1912, fez uma derrubada nas matas virgens da região, tendo construído uma casa para sua residência à margem direita do Rio Catolé, precisamente no local hoje denominado 'Fazenda Astrolina'.
Jequié	2.969,034	162.209	A cidade se desenvolveu a partir de movimentada feira que atraía comerciantes de todos os cantos da região, no final do Século XIX. Em 1927, festejou a chegada da 'Estrada de Ferro de Nazareth'. Já nesse tempo, Jequié era uma das cidades mais importante

			do Estado e teve no comerciante Vicente Grillo seu grande benfeitor.
Seabra	2.402,169	45.568	Em princípios do século XVII, florescendo as minas de ouro de Jacobina e de Minas do Rio de Contas, Portugal determinou a abertura de uma estrada que ligasse os dois núcleos. Essa, que cortava as terras hoje pertencentes ao município de Seabra, atraiu os primeiros povoadores, constituídos na maior parte de portugueses que aí se fixaram, organizando fazendas de criatório e lavoura. É da tradição oral de que o primeiro núcleo de população nasceu no local denominado Parnaíba, também situado às margens da dita estrada real, que servia de pouso aos viajantes que o chamavam Passagem de Jacobina. O topônimo é uma homenagem ao Dr. Joaquim José Seabra, ex-governador da Bahia.
Vitória da Conquista	3.705,838	348.718	A vinda dos colonizadores portugueses e mestiços à região de Vitória da Conquista está ligada à exploração de metais preciosos, principalmente ouro, e à política de ocupação do território. Além dos colonizadores e seus descendentes e dos negros, a Vila recebeu sertanejos e litorâneos.
Caravelas	2.396,609	22.740	A história de Caravelas começa com a própria História do Brasil, a qual, em linhas gerais, acampa até o ano de 1574. Caravelas foi, assim, descoberta em 1503 por Américo Vespucci ou Gonçalo Coelho. Durante o tempo em que o Brasil esteve dividido em capitânicas hereditárias, o atual município de Caravelas pertenceu a Porto Seguro, doado a Pero de Campos Tourinho, por Carta régia, de maio de 1534.

Ilhéus	1.584,693	176.341	Com a promissora cultura do cacau, Ilhéus atraiu imigrantes e forasteiros, e se consolidou como polo irradiador de desenvolvimento de toda a Região Sul da Bahia. Tornou-se o maior produtor de cacau, em nível de município, e influenciou diretamente o surgimento de cidades adjacentes, que também foram fundamentais para o <i>status</i> da lavoura cacauzeira no cenário econômico da Bahia e do Brasil. No século XX, Ilhéus conquistou obras de infraestrutura como ferrovia, abertura de estradas, porto, aeroporto, tornando-se sede de representações dos principais órgãos públicos do Estado e da União. Por volta de 1974, a cidade ganhou o Distrito Industrial do Iguape, onde foram implantadas indústrias processadoras de amêndoas de cacau para fins de exportação.
Santa Cruz Cabralia	1.459,832	28.552	A história de Santa Cruz Cabralia começa verdadeiramente quando em 1º de maio de 1500, Pedro Álvares Cabral mandou erguer a Cruz com as armas e divisas reais de Portugal. A vila de Santa Cruz foi criada em 9 de maio de 1833 e instalada a 23 de julho do mesmo ano. Manteve-se autônoma até 8 de julho de 1931, quando foi extinta e anexada ao município de Porto Seguro. Em 1933, passou a chamar-se Santa Cruz Cabralia. Em 30 de março de 1938, por força do Decreto-Lei estadual n.º10.724, a vila ganha autonomia política e categoria de cidade. A partir de 1973, com a conclusão da BR-101 e a construção da estrada ligando Porto Seguro a Santa Cruz Cabralia, a cidade começa a atrair turistas. Em

			29 de janeiro de 1981, o núcleo histórico de Santa Cruz Cabralia é tombado como Patrimônio Histórico, Cultural e Paisagístico.
Valença	1.124,657	98.749	A cidade foi assim denominada em homenagem ao Vice-Rei de Portugal, Dom Fernando José, descendente dos nobres da cidade espanhola de Valência. A história do município de Valença inicia-se por volta de 1789, quando D. Maria I de Portugal, através de uma Carta Régia, incumbiu ao Vice-Rei Luiz de Vasconcelos e Souza que promovesse o início da catequese dos índios denominados Coroados, que por aqui já constituíam um núcleo incipiente de povoamento. Os primeiros donos de terras, em sua luta de desbravadores incansáveis, contaram com o auxílio do silvícola aculturado e, em seguida, com o braço forte dos negros, que em esforço conjunto ajudou o assentamento da civilização que se instalava e também caminhava para o interior. O município herdeiro de uma vocação rural e agrícola, pois suas primeiras sesmarias datam de 1771, passou por um grande desenvolvimento e opulência à época da cultura do café, o que proporcionou à região a primeira etapa de unidade e civilização. Por conta disso, a região progrediu ativamente na segunda metade do século XIX.

Fonte: IBGE Cidades

4.4 OS QUESTIONÁRIOS

Nesta pesquisa, foram considerados os questionários fonético-fonológico (QFF) e semântico-lexical (QSL) para obtenção de vocábulos em que /t/ e /d/ são seguidos de /i/.

Apresentam-se, no quadro 9, exemplos do extrato dos questionários com perguntas para obtenção de respostas que interessaram aos contextos de /t, d/ diante de [i] < /E/ e de /i/, com a finalidade de exemplificar o fenômeno linguístico estudado.

Quadro 9: Extrato de perguntas do QFF e do QSL

QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO		
Nº	PERGUNTA	RESPOSTA ENCONTRADA
3.	Como se chama aquilo assim (mímica), onde se colocam os objetos em casa ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.?	[prat'i'lerɐ]
6.	Como se chama o objeto com que se corta tecido?	[ti'zorɐ]
30.	Como se chama aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?	[tõ'matɪ]
104.	Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o quê?	[ĩno'sɛt'i]
106.	Uma pessoa lhe conta um fato que você/ o(a) senhor(a) acha que não é verdade. Você/ o(a) senhor(a) diz que é uma _____?	[mĩ'ti'ɾɐ]
150.	Quando não se acha uma coisa, ela fica_____?	[peh'didɐ]
QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL		
7.	Como se chama o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?	[hed'i'mũjʊ]
16.	Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?	[iʃt'i'o]
50.	Como se chama aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha	[mẽdi'okɐ]

	para comer?	
61.	Como se chama o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho?	[dia'ristø]
137.	Como se chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?	['hudʲi]
182.	Como se chama a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?	[aguaf'dẽti]

4.5 O TRATAMENTO QUANTITATIVO

É consenso que o desenvolvimento tecnológico atingiu as ciências em geral, auxiliando no melhor desempenho de técnicas e ampliação de conceitos. Não obstante, considera-se que esse seja um movimento de mão dupla, sendo a ciência sinalizadora de urgências que supram suas necessidades e demandas.

No caso da dialetologia, por exemplo, sentiu-se a necessidade de atualizar suas técnicas, ampliando as dimensões controladas e admitindo o benefício de se apresentar, nos mapas, valores obtidos na pesquisa para cada localidade selecionada, como se verifica no *Atlas Linguístico de Sergipe II* e no próprio ALiB.

No tocante à sociolinguística, devido à democratização das máquinas de computador, pesquisadores como Cedergren e Sankoff, na década de 1970, puderam desenvolver um pacote de programas que fornecesse dados estatísticos de natureza linguística, o *Varbrul*. O que antes era feito manualmente, sob uma metodologia exaustiva, alcançou um estágio mais acelerado para o tratamento quantitativo dos dados pelo linguista.

Desde a referida época até os dias atuais, diferentes versões e tentativas de desenvolvimento do *software* foram postas no mercado. Dentre as diversas opções disponíveis atualmente, optou-se pelo *GoldVarb X*, versão 2005, pela facilidade no manejo, com relação a outras versões experimentadas, e pelo suporte minucioso viabilizado pela Prof^a Dr^a Josane Oliveira, em um minicurso ministrado por ela na ocasião do *II Seminário de Variação de Mudança Linguística no Sudoeste da Bahia – SEVALING*, em maio de 2017.

Na pesquisa quantitativa, embora seja necessária a apresentação de números por meio de gráficos e tabelas, não é suficiente a exposição dos números atingidos, ou

da representação gráfica destes, uma vez que sozinhos, os números não apresentam muita relevância. É essencial, pois, que os valores quantitativos apareçam atrelados às análises qualitativas de cada caso estudado. Assim como afirmam Guy e Zilles (2007), essa análise é imprescindível e é ela que permite ao linguista a concepção da sistematicidade das informações fornecidas pelo *software*.

Além disso, algumas informações simbólicas são dadas pelo programa de regra variável. Em alguns casos, aparecem *knockouts*, que acontecem sempre que há regra categórica (0% ou 100% dos dados) em algum fator, em outros, *no factors*, grupo em que nenhum dos fatores ocorreu e, em outros, *singleton group*, grupo que possui apenas um fator. Os dois últimos casos devem ser retirados da codificação, de modo que, só depois da resolução desses problemas, o arquivo de dados poderá ser submetido ao cálculo dos pesos relativos. O que se espera, portanto, é que essas mensagens não sejam simplesmente desprezadas, mas levadas para comentários no texto de publicação dos resultados, tal como é feito na apresentação dos valores absolutos (GUY; ZILES, 2007).

Neste trabalho, ocorreram problemas de diferentes naturezas apenas nas rodadas independentes. No contexto da vogal derivada, os *knockouts* registrados marcaram o desfavorecimento da palatalização no grupo da *consoante antecedente*, no fator referente à *fricativa alveolar*, com apenas duas ocorrências de um mesmo vocábulo: *hastes*. Somado a esse caso, o programa identificou cinco realizações palatais, em um total de cinco ocorrências, do fator *fricativa palatal*, também no grupo da *consoante antecedente*, configurando-se mais um *knockout*, cujos exemplos foram: poste (duas vezes), noroeste, peste e celeste.

Excluindo-se os *knockouts* do mesmo grupo, *consoante antecedente*, sobrou apenas um fator: *fricativa laríngea* ou *velar*. Restando apenas um fator, o grupo ficaria, então, com apenas uma variável, ocasionando em *singleton group*. Para evitar essa situação, excluiu-se o grupo *consoante antecedente* da rodada da vogal derivada. Pela mesma razão foi excluído o grupo *nasalidade* dessa rodada, visto que só ocorreram casos de vogais orais.

No âmbito da vogal fonológica, ocorreu apenas um problema, que foi o *knockout* no fator *Ilhéus*, do grupo *diatopia*. Para tanto, ocorreram 55 realizações de 55 ocorrências do fenômeno. Por essa razão, conclui-se que, em Ilhéus, no contexto em que /t, d/ segue a vogal fonológica, a palatalização é categórica, tendo sido, conseqüentemente, retirada da rodada.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados obtidos nesta pesquisa apresentam-se de dois modos: inicialmente, arrolam-se as discussões acerca das variáveis selecionadas pelo *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) a partir de sua ordem de seleção numa rodada conjunta, aquela que verifica a variação nos dois contextos analisados – o da vogal fonológica e o da derivada –, além da apresentação de cruzamentos de fatores, no intuito de estabelecer relações entre eles. Em seguida, com o objetivo de se verificar isoladamente os condicionadores linguísticos intervenientes de cada contexto, expõem-se os resultados alcançados em rodadas separadas.

5.1 RODADA CONJUNTA

Em primeira análise, apresentam-se os resultados gerais, destacando os fatores estatisticamente mais relevantes de cada grupo apontados pelo programa *GoldVarb X*, como se verifica na tabela que segue.

Tabela 1 – Palatalização de /t, d/ antes de /i/: fatores selecionados (rodada conjunta)

GRUPO DE FATOR	FATOR FAVORECEDOR	%	PESO RELATIVO
Diatopia	Jequié	97.4	0.921
	Santo Amaro	97.3	0.916
	Ilhéus	96.3	0.880
	Itapetinga	95.3	0.853
	Caravelas	94.6	0.823
	Santa Cruz Cabrália	93.5	0.807
	Valença	87.6	0.672
	Vitória da Conquista	85.2	0.615
	Caetité	85.5	0.611
	Itaberaba	79.7	0.530
Faixa etária	Faixa I	77.9	0.599
Vozeamento	Desvozeada /t/	74.9	0.543
Sexo	Mulher	74.5	0.560
Consoante antecedente	Fricativa Palatal /ʃ, ʒ/	82.9	0.668
Natureza da vogal	Fonológica	72.7	0.658
Tonicidade	Postônica final	74.3	0.599
Vogal antecedente	/a/	75.2	0.586

Significance = 0.004

Input 0.792

Os fatores extralinguísticos selecionados na rodada conjunta se revelaram significativos também nas rodadas separadas. Por esse fato, eles serão pormenorizados nesta seção. Além disso, apresenta-se também a variação da palatalização em cada contexto de análise, o de vogal fonológica e o de vogal derivada, a fim de se identificar o contexto favorecedor da regra, como o fazem Pagotto (2001), Kamianecy (2002), Battisti et al. (2007) e Battisti e Guzzo (2010).

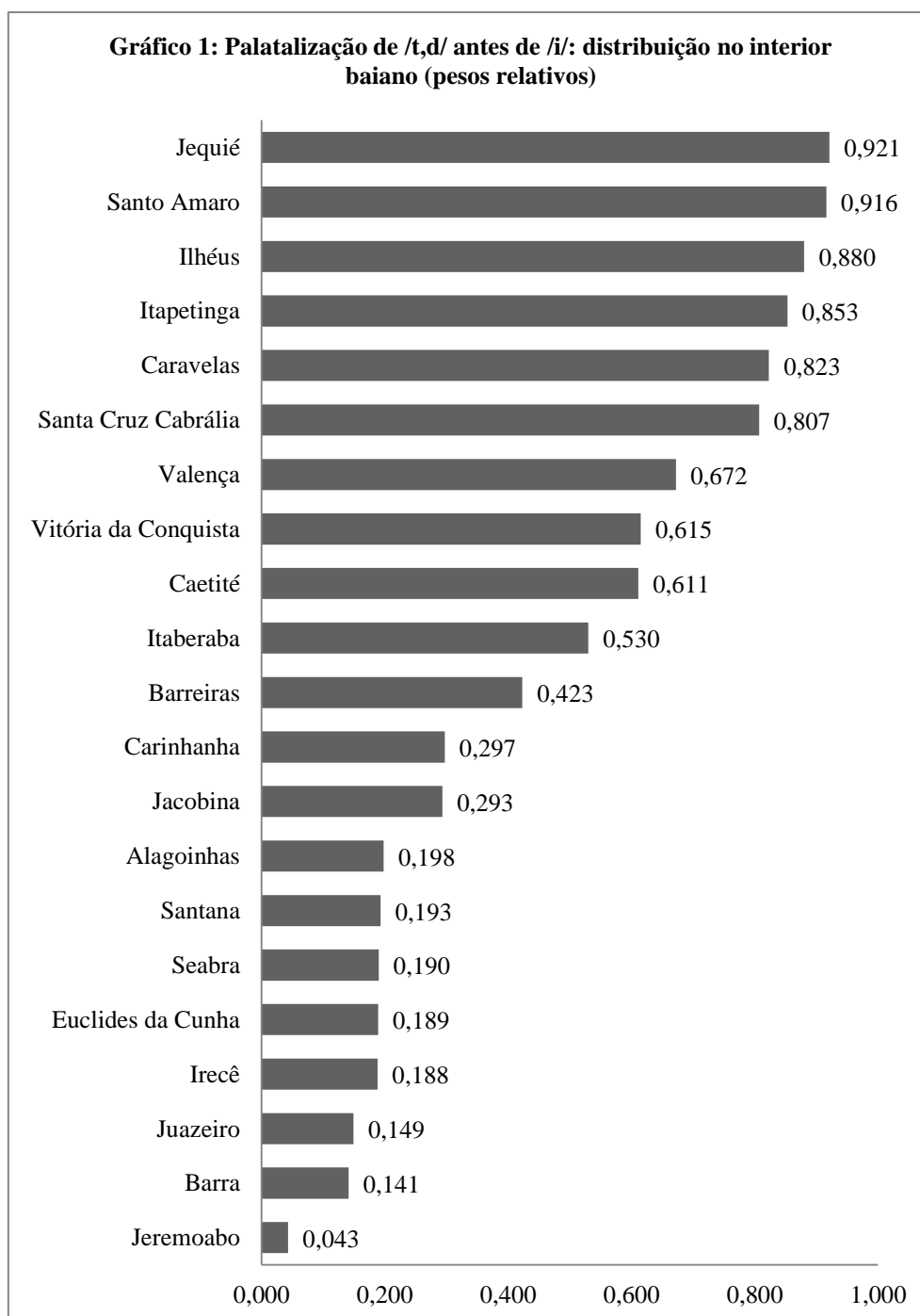
Os fatores linguísticos selecionados serão discutidos separadamente nos dois contextos considerados (o de vogal fonológica e o de vogal derivada), na busca de se atestar a validade dos resultados e explicar as variáveis favorecedoras do processo de palatalização em cada caso.

Ademais, justifica-se a separação dos contextos em análise no intuito de se verificar se na Bahia ocorre o mesmo fato que em Curitiba, por exemplo, cuja palatalização é inibida na posição átona final /E/, favorecendo a realização dentoalveolar de /t, d/. Já no contexto de vogal fonológica, identifica-se um favorecimento da regra de palatalização na capital paranaense. Em alguns casos, esse fato acontece também em sílaba pretônica, como se valida nas cartas de palatalização publicadas no ALiB (MOTA; OLIVEIRA, 2014).

5.1.1 Variável geográfica

A diatopia se apresenta como a variável mais relevante para o estudo da palatalização no interior da Bahia, o que justifica ser este um estudo de cunho dialetológico, uma vez que a variação de /t, d/ antes de /i/ na área considerada é bastante relevante para o conhecimento da constituição histórica do português do Brasil.

Apresentam-se, no gráfico 1, os resultados fornecidos pelo *GoldVarb X* para as 21 localidades pesquisadas.



Os resultados indicam que a regra da palatalização de /t, d/ diante de /i/ é favorecida em dez localidades, a saber: Jequié, Santo Amaro, Ilhéus, Itapetinga, Caravelas, Santa Cruz Cabrália, Valença, Vitória da Conquista, Caetité e Itaberaba. Com exceção de Santo Amaro, que se localiza na região metropolitana de Salvador, e de Itaberaba, que está no Centro Norte Baiano, as demais se localizam nas mesorregiões Centro Sul (Caetité, Itapetinga, Jequié e Vitória da Conquista) e Sul Baiano (Caravelas, Ilhéus, Santa Cruz Cabrália e Valença).

Quanto às “Semelhanças entre o português brasileiro e as variedades africanas e asiáticas”, Viaro (2005, p. 231) afirma que a africatação do /t, d/ diante de [i] encontra paralelos nos crioulos de base portuguesa de Príncipe (CPP), São Tomé (CPST), Angola (CPA), Ano Bom (CPAB) e no papiamento (PP) falado em Aruba, Curaçao e Bonaire. Não obstante, o autor considera que

Pode não haver relação entre as duas formas, uma vez que transformações semelhantes ocorrem em diversas línguas eslavas e no sobresselvano da Suíça, mas descartar completamente a influência do falar dos escravos da África Ocidental no Brasil também não esclarece em nada a semelhança dessa inovação em ambos os lados do Atlântico (VIARO, 2005, p. 231).

As hipóteses que giram em torno da existência das variantes palatais no português do Brasil são diversas, não se podendo afirmar, ainda, com precisão, que as razões são essas ou aquelas. O que houve na transformação da realização dental, trazida pelos portugueses como missão, para a palatal pode ter explicações étnicas, como coloca Viaro (2005). Embora seja essa uma possível justificativa, fica, ainda, a indagação sobre como e por onde foi introduzida a palatalização no Brasil, nos diferentes contextos, já que ela não deve ser proveniente de Portugal.

O referido fenômeno é forte em várias áreas. No Sul da Bahia, Costa do Dendê, por exemplo, se diz que há o registro de formas como *djendjê*. A palatalização pode estar mais presente nas áreas etnicamente marcadas, que conviveram com um contato massivo entre línguas, mas ainda não há dados suficientes para atestar as razões externas atinentes a sua existência no Brasil.

Um estudo de Mota (1995) que investiga as realizações variáveis de /t, d/ antes de /i/ indica que há algumas lexias, como *prostituta*, *soutien*, *trás-ante-ontem*, *dente do siso*, *diarista* e *vilide*, em que se pode perceber tal variação nas transcrições presentes no APFB. Para esses casos, a autora (1995, p. 478-479) verificou uma baixa frequência de realizações palatais no APFB, chegando a afirmar que

No APFB há apenas 32 transcrições de africada palatal surda, na sílaba [tʃi] das formas *tresanteonte* (carta 8), *rodete*, *bolinete* (carta 55), *araticum* (carta 41), *sentida* (carta 43), *dente queiro* (carta 55), *cangote* (carta 565), *sutiã* (carta 68), *sapatina* (carta 71), *caçote* (carta 127), *mamote* (carta 135) e *tolete* (carta 29, nota).

Da africada sonora há 13 ocorrências, na sílaba [dʒi] das formas: *mandiba* (carta 29), *pevide* (carta 32), *cabide* (carta 70), *olhos de boto* (carta 76), *cabo verde* (carta 81), *velide* (carta 94), *desorde(m)* (carta 143) (MOTA, 1998, p. 478-479 – Grifos da autora).

Nos exemplos citados, as ocorrências de variantes palatais encontradas por Mota (1995) se concentraram mais no extremo Sul baiano, em Santa Cruz Cabrália, e no Centro Sul baiano, em Caetité, áreas que se apresentam, também nos resultados desta dissertação, como palatalizantes.

5.1.1.1 Localidades palatalizantes

A Bahia é, geograficamente, o maior estado da região Nordeste e, “segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2011, a sua economia ficou colocada em primeiro lugar, com 29% do Produto Interno Bruto (PIB) dessa região, [...] ficando na sétima posição entre os 27 estados brasileiros.” (WANDERLEY ET AL., 2014, p. 83-84).

O fenômeno em estudo é considerado inovador na língua. Por essa razão, objetiva-se identificar e justificar as áreas de sua predominância na Bahia.

A realização palatalizada, de modo semicategórico, em Santo Amaro, 97.3%, única localidade selecionada pertencente à mesorregião Metropolitana de Salvador, evidencia-se pela proximidade com a capital, da qual dista em aproximadamente 50 km, onde se realiza categoricamente a variante inovadora. Ressalta-se que, até o século XX, a economia da cidade de Santo Amaro girou em torno da cana-de-açúcar, o que movimentou a região com a emigração de diferentes povos, como os escravos africanos, para a atividade econômica que se evidenciava tal promissora à colônia. Atualmente, novos cultivos começaram a ser introduzidos, como dendê, cacau e bambu, movimentando outros ciclos emigratórios tanto da capital como de outras regiões. (IBGE, 2018).

Nas localidades delimitadas pela mesorregião Centro Sul, por exemplo, notam-se características que podem explicar a existência da variante linguística inovadora, como os seguintes fatos:

- i. Caetité foi, por muito tempo, ponto de pouso e descanso aos viajantes e tropeiros que passavam pela região. Devido a fatores climáticos, como a abundância de água, a cidade ficou marcada pela chegada e a consequente permanência de inúmeras famílias. Além disso, as fazendas de gado, os engenhos, a aristocracia, na medida em que sustentava os engenhos, e a riqueza faziam parte da região.

- ii. Jequié se desenvolveu a partir de movimentada feira que atraía comerciantes de todos os cantos da região, no final do Século XIX. Já nesse tempo, esta era uma das cidades mais importante do Estado.
- iii. As origens de Itapetinga prendem-se à história de Vitória da Conquista, que está ligada à exploração de metais preciosos, principalmente ouro, e à política de ocupação do território. Além dos colonizadores e seus descendentes e dos negros, Vitória da Conquista recebeu sertanejos e litorâneos. (Fonte: IBGE Cidades, 2018).

Nas localidades que compreendem o Sul Baiano, a exemplo de Santa Cruz Cabrália, o fato histórico que predomina é o início da colonização que, a partir dela, motivou um ambiente multiétnico propício a contatos linguísticos com os índios e depois com os africanos.

A propósito de Ilhéus, cita-se, além da larga presença de engenhos com exploração de africanos no início da colonização, a expansão da lavoura cacaueteira, na segunda metade do século XIX, que situou a Vila de São Jorge dos Ilhéus como uma das mais importantes da Bahia. Com a cultura do cacau em abundância, Ilhéus atraiu imigrantes e forasteiros, e se consolidou como polo irradiador de desenvolvimento de toda a Região Sul da Bahia (IBGE, 2018). Situação semelhante se verifica em Valença, onde muitos tropeiros eram atraídos, transportando mercadorias, provenientes de Minas Gerais em direção à Corte do Rio de Janeiro. Esses sujeitos serviam de elemento de ligação e integração regional. Acredita-se, portanto, que pode ter havido também um movimento de irradiação de inovações linguísticas, como a variante palatalizada, visto que, nos dados desta pesquisa sobre o Sul Baiano, essa realização é predominante.

Ao considerar os tempos mais atuais, percebe-se a insistência do caráter inovante da mesorregião Sul baiana, o que contribui para o desenvolvimento do estado e reconfigura seu cenário econômico. Consoante Wanderley et al. (2014, p. 88),

No sul baiano, o estado conta com o principal centro de pesquisa de cacau do mundo e também com um polo de produção de cacau orgânico, a Costa do Cacau, e com biofábrica para produção de mudas de cacau, oferecendo a produção de chocolates finos e derivados; além, também, do seu polo de informática, divide o cultivo de lavouras permanentes com a mesorregião centro-sul, que produz cacau, dendê e piaçava. (WANDERLEY ET AL., 2014, p.88).

No que concerne à palatalização em Itaberaba, pode-se justificar o fenômeno na área devido a sua localização, na região da Chapada Diamantina, e à sua história de

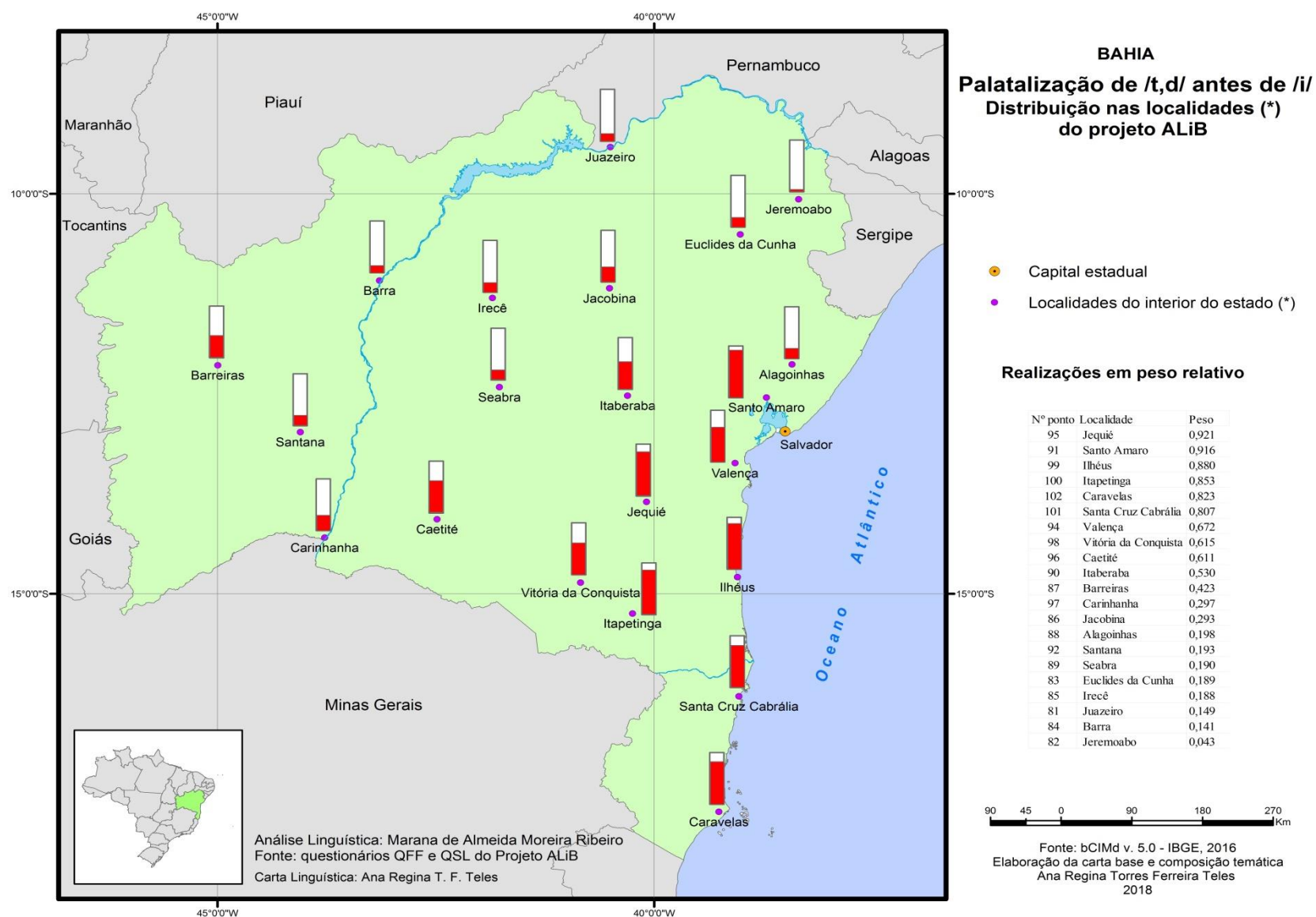
concentração africana. Assim, segundo Prudente e Abbade (2016, p. 56), “Diversos documentos existentes no Arquivo Público da cidade de Itaberaba revelam a existência, na região, de um dos mais importantes quilombos da Bahia, o quilombo do Orobó.”. Atualmente, Itaberaba possui um desenvolvimento voltado para a educação, com escolas regulares, um polo da Universidade do Estado da Bahia e outras universidades privadas com ensino presencial e à distância. Desse modo, os dados apresentados sobre essa cidade podem explicitar a existência da variante palatal.

5.1.1.2 Localidades não palatalizantes

As mesorregiões que se caracterizaram pela não palatalização são aquelas que seguem o caminho do Rio São Francisco (Vale São Franciscano da Bahia), que se concentram no oeste do estado (Extremo Oeste Baiano) ou que estão localizadas mais ao norte (Centro Norte Baiano, Nordeste Baiano), algumas localidades fazem fronteira (Juazeiro) ou são próximas (Jeremoabo, Barreiras, por exemplo) a áreas de predominância da variante dentoalveolar. Em geral, essas são áreas inibidoras do fenômeno de palatalização.

Aprecia-se, a seguir, uma carta linguística (figura 2) que demonstra a distribuição da palatalização na área considerada.

Figura 2: carta linguística de palatalização na Bahia – corpus Projeto ALiB



5.1.2 Variável faixa etária

A propósito da identidade social de faixa etária, Labov (2006 [2001]) considera que, em cada sociedade, o fator envelhecimento apresenta papéis diferentes, os quais dependerão do contexto de vida do indivíduo.

Assim, Paim (2004) chama a atenção para esse fato:

Observa-se que em cada sociedade [...], em momentos históricos diferentes, a velhice e o envelhecimento ganham especificidade, papéis e significados distintos em função do meio ser rural ou urbano, da classe social, do grupo profissional e de parentesco, da cultura, da ideologia dominante, do poder econômico e político que influenciam o ciclo da vida e o percurso de cada indivíduo, do nascimento à morte. (PAIM, 2004, p.27).

Segundo a referida autora (2004, p.26), os próprios jovens consideram “a velhice como o tempo de se pagar os pecados cometidos na juventude”, de modo que essa percepção se revela também no uso da língua, por meio de escolhas que caracterizam a fala dos mais jovens em contraste com a dos mais velhos. Dessa forma, o controle da faixa etária pelo Projeto ALiB é feito de modo a apreender especificidades linguísticas de falantes com ambos os perfis de idade.

No tocante à questão da faixa etária nos dados do Projeto ALiB, propõe-se um recorte transversal de amostra sincrônica no intuito de projetar a norma linguística dos falantes entrevistados, ao olhar do presente para o passado e apreendendo como as mudanças ocorreram no passado através das mudanças em curso. Acrescenta-se então uma dimensão diacrônica ao estudo, configurando no que a linguística concebe como o estudo em tempo aparente.

Na perspectiva de análise em tempo aparente, o linguista grava amostras de informantes de diferentes faixas etárias para observar se uma dada forma ocorre mais na fala de crianças e jovens do que na de adultos e idosos (LABOV, 2006 [2001]).

A referida variável social mostra-se de grande relevância para os estudos variacionistas, de modo que ela indicará, no estudo em tempo aparente, o que será concebido como variação estável ou mudança em progresso.

Os resultados aqui alcançados no que tange à variável faixa etária coadunam com os dados das capitais discutidos por Mota (2016). A referida autora explica que o fato de as variantes palatais prevalecerem na primeira faixa etária indica uma mudança em progresso, conforme conceitua Labov (2006 [2001]).

Nas localidades do interior baiano, é possível verificar, na tabela 2, uma prevalência da variante palatalizada entre os informantes da faixa I, com o valor de

0.599 de realizações em peso relativo, revelando que a área trabalhada apresenta o comportamento sociolinguístico semelhante ao das capitais do Brasil baseado nas cartas do ALiB (CARDOSO ET AL., 2014).

Tabela 2 – Palatalização de /t, d/ antes de /i/: faixa etária (rodada conjunta)

FAIXA ETÁRIA	OCOR./TOTAL	PESO RELATIVO
Faixa I (18 a 30 anos)	1118/1436	0,599
Faixa II (50 a 65 anos)	1002/1536	0,407

Significance = 0.004
Input 0.792

Ressalta-se que nem toda variabilidade implica mudança, mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade, o que permite conduzir a descrição do fenômeno por meio de hipóteses, não se podendo, ainda, atestar a mudança, pois coexistem a forma arcaica e a inovadora na comunidade de fala (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Para que a mudança seja garantida pela pesquisa, é necessário ainda que se verifique se a variação que ocorre é estável ou um caso de gradação etária. No primeiro caso, há uma situação em que a mudança pode não se estabelecer, havendo alternância de duas variantes ou mais, de modo que uma delas possa nunca substituir a outra. No segundo, as alterações na faixa etária não configuram mudança na comunidade, mas escolhas feitas pelo falante a depender de sua idade e ocupação social em cada momento da vida.

A partir dos referidos conceitos, uma forma de esclarecer a variabilidade do fenômeno em estudo quanto à possibilidade de haver mudança no sistema é aglutinando o estudo em tempo aparente com evidências do tempo real – meta para as etapas futuras desta pesquisa.

Assim, como afirma Paiva (2016, p. 29),

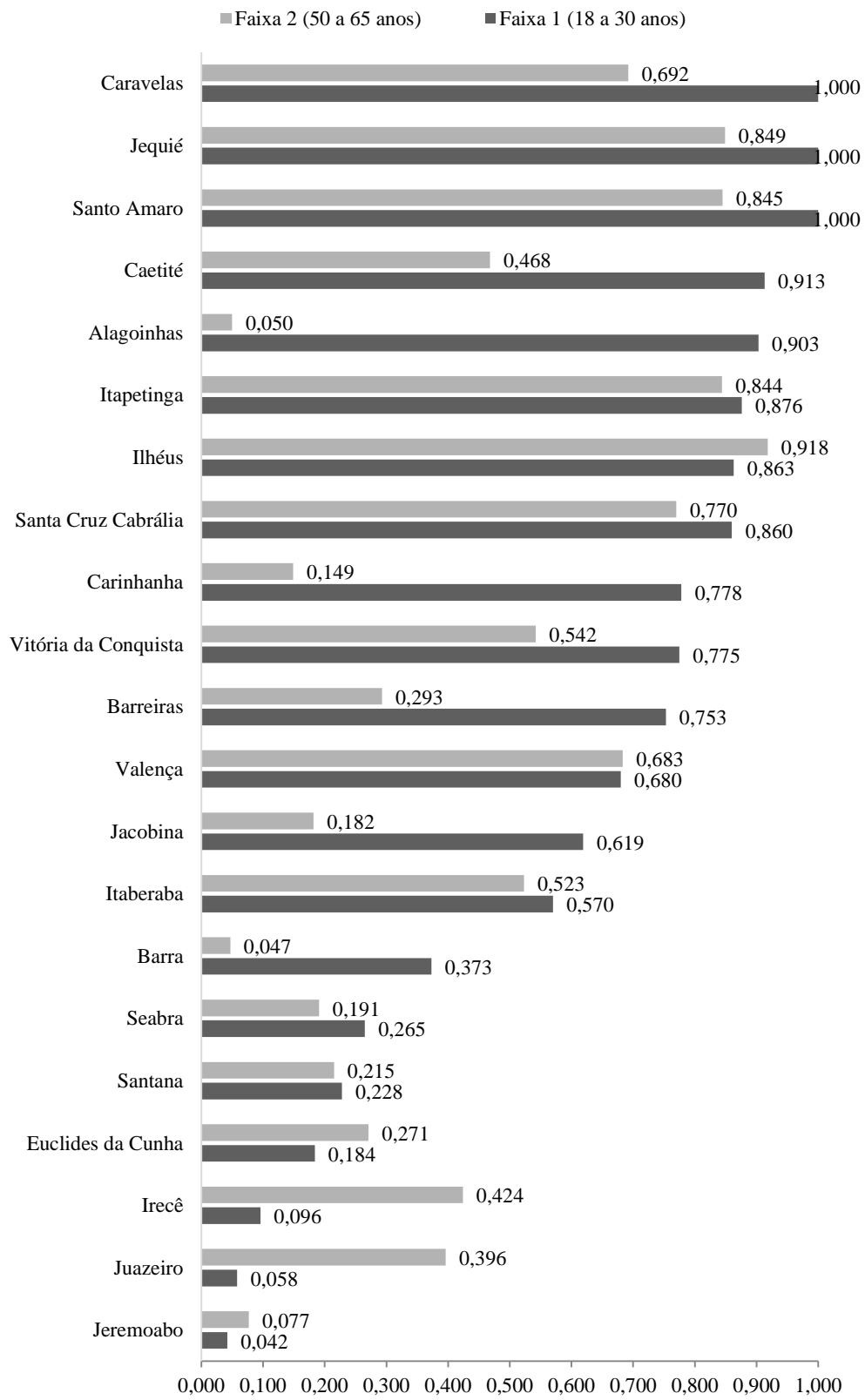
A comparação de duas sincronias através de amostras controladas permite identificar a forma como uma determinada mudança progride na língua, sua trajetória estrutural e social e, ainda, as possíveis relações entre diferentes processos de mudança. (PAIVA, 2016, p. 29).

5.1.2.1 Cruzamento entre diatopia e faixa etária

A relevância da variável social faixa etária desencadeou a necessidade de se realizar um cruzamento que apresentasse, com maior clareza, em que localidades os grupos etários se mostraram mais propensos ao fenômeno em pauta.

Arrola-se, no gráfico 2, a distribuição da faixa etária por localidade, admitindo a barra escura como representante da faixa 1 (18 a 30 anos) e a barra clara para a faixa 2 (50 a 65 anos).

Gráfico 2: Palatalização de /t,d/ antes de /i/: cruzamento diatopia x faixa etária (pesos relativos)



A hipótese geral prevista neste e em outros trabalhos considera que a palatalização, nas áreas em que ela não é predominante, estaria presente na fala de indivíduos mais jovens por se tratar de uma forma inovadora e que aponta para uma mudança do fenômeno no português falado nas áreas consideradas.

A apresentação das localidades pela faixa etária chama atenção para alguns casos, dos quais merecem destaque aqueles que evidenciaram um distanciamento significativo nos valores expressos para cada faixa etária: Carinhanha, Caetité, Alagoinhas, Barreiras, Jacobina, Irecê e Juazeiro.

No entanto, dá-se relevo aos resultados encontrados em Juazeiro e Irecê, onde, embora a variante palatal não seja norma local, ela está mais presente entre os falantes mais velhos. Na primeira, verifica-se o valor em peso relativo de 0,058 para os falantes mais jovens, contra 0,396 para os mais velhos. Na segunda, a fala dos mais jovens apresenta um peso relativo de 0,096, enquanto que a dos mais velhos totaliza um valor de 0,424.

Nas localidades supracitadas, parece que a variante dental é considerada a norma, uma vez que os valores fornecidos pelo *GoldVarb X* apontam para um desfavorecimento do fenômeno nas localidades, além do fato de quase não haver realizações palatais entre os falantes jovens.

Os resultados das localidades de Carinhanha (peso relativo= 0,778 para os jovens e 0,149 para os mais velhos), Alagoinhas (peso relativo= 0,903 para os jovens e 0,050 para os mais velhos), Barreiras (peso relativo= 0,753 para os jovens e 0,293 para os mais velhos) e Jacobina (peso relativo= 0,619 para os jovens e 0,293 para os mais velhos) chamam atenção pelo fato de se apresentarem como não palatalizantes quando controladas isoladamente, conforme gráfico 1, e de mostrarem uma distância relevante da aplicação entre os mais jovens e os mais velhos, como se vê no gráfico 2.

Esse contexto denota que, embora essas localidades não sejam palatalizantes, quando controladas por faixa etária, os mais jovens se colocam agentes da inovação, enquanto os mais velhos mantêm a variante dental característica de sua geração.

5.1.3 Variável sexo

Ao controlar a variável sexo, é necessário considerar a estrutura da comunidade que se está investigando e os papéis sociais que homens e mulheres podem exercer. Pressupõe-se que as mulheres seguirão rumo às variantes prestigiadas da língua em

sociedades onde elas necessitam se destacar no comportamento social e linguístico para ascender socialmente.

Quanto ao conservadorismo linguístico, é possível, ainda, inferir que as mulheres adotem formas inovadoras da língua somente se essa for, também, a forma prestigiada, caso contrário, a conservadora será a forma dominante na fala feminina.

Desse modo, Moreno Fernández (1998) considera que

As investigações sociolinguísticas de centros urbanos têm descoberto e descrito uma série de feitos de singular relevância sobre o sexo como variável social. Sem dúvidas, o mais importante de todos eles é que a mulher, geralmente, é mais sensível às normas prestigiosas que os homens. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 37)

Nas localidades do interior da Bahia, as mulheres se apresentam em consonância com o referido pressuposto da Sociolinguística. Como se vê na tabela 3, há mais registros da palatalização entre as mulheres em nossos dados, considerando essa a variante inovadora, com valor de 0,560 em peso relativo, contra 0,441 do registro inovador na fala dos homens.

Tabela 3 – Palatalização de /t, d/ antes de /i/: sexo
(rodada conjunta)

SEXO	OCOR./TOTAL	PESO RELATIVO
Homem	1030/1509	0,441
Mulher	1090/1463	0,560

Significance = 0.004
Input 0.792

Os estudos variacionistas têm afirmado que as mulheres se sobressaem nos contextos de variação linguística quando a aplicação da regra aponta para uma variante inovadora prestigiada (LABOV, 2006 [2001]). Embora esse pressuposto corrobore com os dados apresentados, dá-se relevo ao contraste no comportamento linguístico de ambos os sexos.

As mulheres palatalizam mais que os homens, mas o comportamento deles não se mostra avesso à inovação, uma vez que a diferença entre os valores é discreta, dado que indica uma futura proximidade nas taxas de realização da variante palatal.

Em estudo desenvolvido por Hora (1997), os homens tendem a favorecer a variante palatal, enquanto que as mulheres se apresentam como inibidoras. Tendo em vista que a comunidade considerada, João Pessoa, concebe a variante dental como padrão, o dito autor afirma que “se a comunidade estudada seguir o padrão nacional de aplicação da regra no contexto analisado, os homens deverão ser os agentes inovadores de um fenômeno cujos resultados revelam indícios de um possível processo de mudança.” (1997, p. 140).

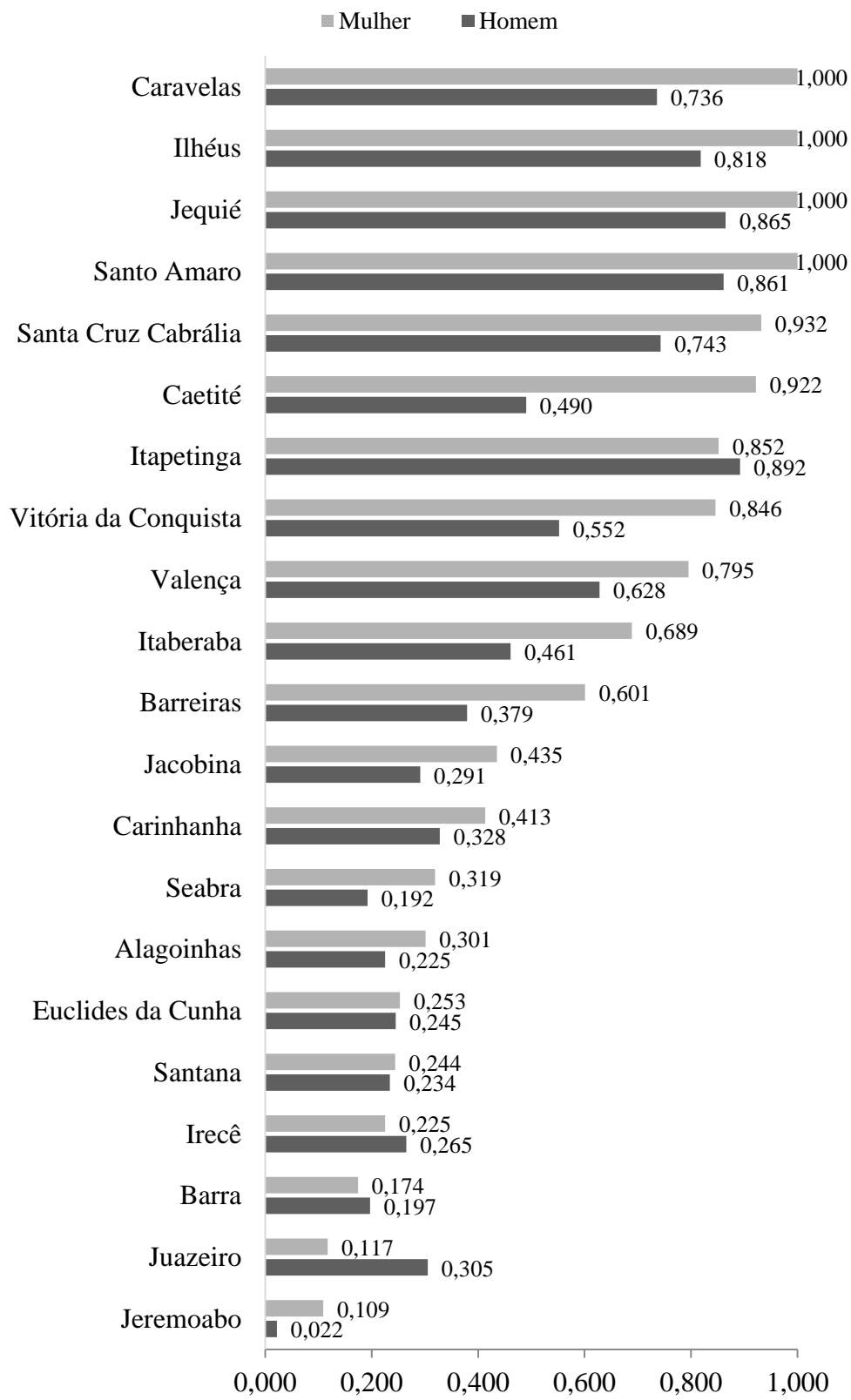
Portanto, uma forma de verificar o futuro da norma masculina quanto à realização da palatalização de /t, d/ antes de /i/ seria voltando às comunidades estudadas para coletar novos inquéritos da mesma quantidade de entrevistas, de informantes com o mesmo perfil, mas não exatamente os mesmos, configurando um estudo em tempo real do tipo tendência (LABOV, 2008 [1972]), no intuito de delinear o papel social do sexo do falante frente à variação da língua.

5.1.3.1 Cruzamento entre diatopia e sexo

Para verificar o uso da palatalização entre as 21 localidades consideradas, propõe-se um cruzamento entre a diatopia e o sexo dos informantes.

A distribuição do sexo é dada por meio de barras claras, para representar as informantes femininas, e de barras escuras, demonstrando os resultados dos informantes masculinos.

Gráfico 3: Palatalização de /t,d/ antes de /i/: cruzamento diatopia x sexo (pesos relativos)



Do cruzamento entre o sexo e as localidades, as que revelaram predominância da variante palatal entre as mulheres foram: Caravelas, Santa Cruz Cabrália, Ilhéus, Vitória da Conquista, Caetité, Jequié, Valença, Santo Amaro, Itaberaba, Seabra, Alagoinhas, Barreiras e Jacobina.

Em Caravelas, Santa Cruz Cabrália, Ilhéus, Jequié, Valença e Santo Amaro, a realização palatal predomina entre as mulheres, mas não apresenta uma distância considerável dos valores da fala masculina.

Das localidades mencionadas, destacam-se outros casos: Vitória da Conquista, Caetité, Itaberaba, Barreiras, por apresentarem uma distância larga entre os informantes femininos e masculinos, e Juazeiro, por haver predominância da palatal entre os homens.

Em Vitória da Conquista, Caetité e Barreiras, por exemplo, há prevalência da variante palatal entre as mulheres (peso relativo = 0,846, 0,922 e 0,601, respectivamente). Quando se retorna ao gráfico 2, percebe-se que as mesmas localidades são favorecidas pelos informantes pertencentes à faixa 1, o que leva à conclusão de que as agentes propulsoras da mudança, nas referidas localidades, são as mulheres jovens.

No caso de Itaberaba, especificamente, não houve muita variação no que concerne à faixa etária, mas nota-se uma preferência feminina pela variante palatal, com valor de 0,689 em peso relativo, contra 0,461 de palatalização entre os homens.

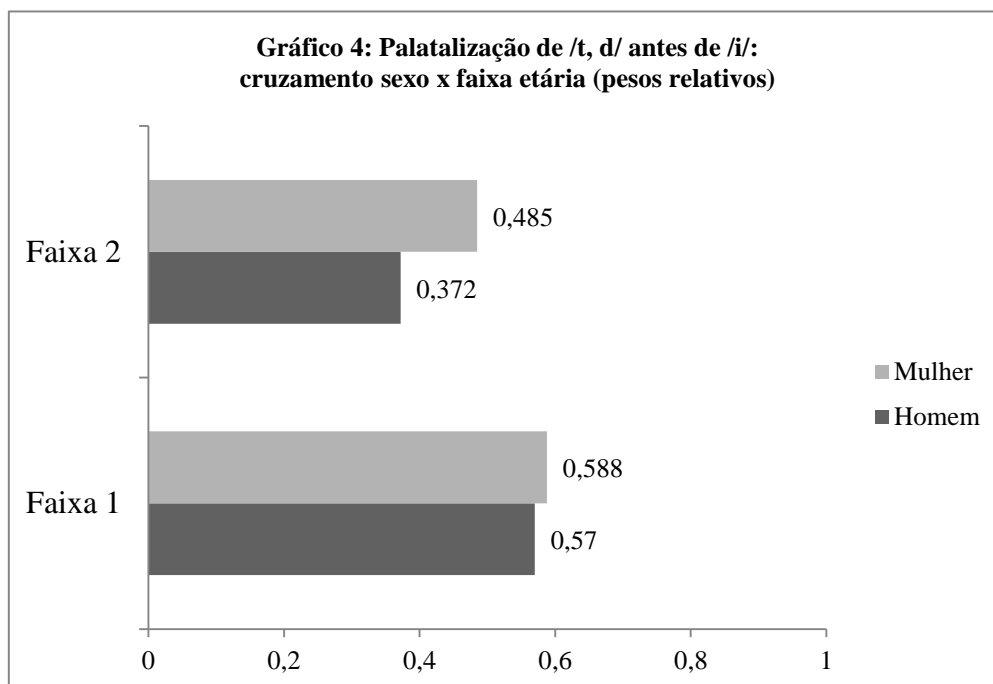
Pelo *corpus* utilizado neste trabalho, a localidade de Juazeiro se revela, mais uma vez, distante daquilo que se tem como hipótese. No gráfico 3, embora os valores não se revelem favorecedores (peso relativo de 0,117 para mulheres e 0,305 para homens), a aplicação é ainda mais presente nos homens. Retornando-se aos gráficos 2 e 3, será verificado que, na localidade citada (Juazeiro), a palatalização não caminha como nas demais cidades baianas, uma vez que tal variante se faz mais presente na fala de homens mais velhos.

5.1.3.2 Cruzamento entre as variáveis sociais sexo e faixa etária

Realizou-se uma rodada suplementar que resulta do cruzamento entre as variáveis sociais controladas na amostra, cuja intenção é identificar a variável que se demonstra favorecedora do fenômeno.

O *input* final da referida rodada foi de 0.718 e o valor de significância foi 0.000, o que ratifica a confiabilidade dos dados aqui apresentados, uma vez que o nível

máximo aceitável para as ciências humanas é de 0.050 (GUY; ZILLES, 2007). Os resultados estão dispostos no gráfico 4.



O cruzamento que se apresenta no gráfico 4 revela que não há diferenças significativas entre homens e mulheres pertencentes à mesma faixa etária, no *corpus* trabalhado, quanto à realização variável de /t, d/ antes de /i/.

Não obstante, essa diferença se coloca de modo mais nítido quando as variáveis são observadas ao lado da diatopia, conforme se verificou nos gráficos 2 e 3, por exemplo.

Verifica-se, então, que, na faixa 1, o valor em peso relativo para os homens foi de 0,570, ao lado de 0,588 para as mulheres, taxas pouco acima do neutro. Na faixa 2, a palatalização não se faz muito presente, com valor de 0,372 para os informantes masculinos e 0,485 para as informantes femininas.

No que tange à palatalização, as localidades consideradas se mostraram diferentes entre si, portanto, concorda-se, com Leite e Callou (2005, p. 38) quando afirmam que “a identidade de homem/mulher interage com outras identidades culturais, não podendo ser vista isoladamente, e sim em conjunto com outros fatores”, por essa razão foi importante a inserção dos cruzamentos entre a diatopia e os fatores sociais.

Ao olhar para os grupos etários, na maioria das localidades selecionadas, a variante palatal assume comportamento relevante, tanto quando analisada em separado, quanto quando posta em cruzamento, com predomínio da aplicação da regra na fala dos

informantes mais jovens, o que leva a concluir que, das variáveis sociais estudadas, a faixa etária é a que mais indica favorecimento da regra e, por conseguinte, aponta indícios de um processo de mudança em progresso.

5.1.4 Variável natureza da vogal

Na rodada conjunta, além da discussão das variáveis extralinguísticas, foi objetivada, ainda, a apresentação da variação de /t, d/ antes de /i/, vogal fonológica, em posição tônica ou átona, como *dia*, *mandioca*, e de [i] < /E/, vogal derivada, resultado do processo de elevação do /E/ em posição átona, como em *tarde*, *prateleira*.

A investigação de Battisti e Guzzo (2010) adotou o *status da vogal alta* como uma variável linguística, considerando os fatores *alta fonológica* (tipo) e *alta fonética* (gente). As autoras evidenciam que “o fator *alta fonológica* favorece a palatalização (peso relativo 0,86), enquanto o fator *alta fonética* mostra-se desfavorecedor (peso relativo 0,26) da aplicação da regra.”, ressaltando que a polarização dos resultados alcançados indica a relevância da variável no condicionamento do processo estudado.

O estudo da palatalização no interior da Bahia (MOREIRA; MOTA, 2014) revelou, preliminarmente, que, tanto no contexto de vogal fonológica quanto no contexto de vogal derivada, a realização palatalizada parece caracterizar a fala dos baianos no interior do estado. Os dois contextos se comportam de formas dessemelhantes, indicando uma direção para o uso da forma prestigiada do fenômeno diante da vogal fonológica, conforme se lê na tabela 4.

Tabela 4 – Palatalização de /t, d/ antes de /i/: natureza da vogal (rodada conjunta)

NATUREZA DA VOGAL	OCOR./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Vogal Fonológica	840/1156	72.7	0,658
Vogal Derivada	1280/1816	70.5	0,397

Significance = 0.004
Input 0.792

Ao considerar o favorecimento da palatalização no contexto da vogal fonológica, totalizando um valor em peso relativo de 0,658 para /i/ e 0,397 para [i] < /E/, este estudo está em consonância com os resultados encontrados de Chapecó (BATTISTI; GUZZO, 2010) e de Florianópolis, por Pagotto (2001, p. 257), que põe em evidência que a

palatalização é favorecida pelo contexto em que a vogal fonológica /i/ segue a consoante oclusiva. Quanto à natureza da vogal palatal alta que segue /t/ e /d/, é possível que, segundo o referido autor, “[...] faça alguma diferença para o processo de assimilação o fato de a vogal ter os traços fonológicos da coronal mais alta [i] ou ser o efeito fonético de uma regra de elevação”.

Desse modo, a variável natureza da vogal, controlada na presente pesquisa, se revela promissora para o estudo da palatalização das consoantes oclusivas dentoalveolares, dado reafirmado também em outras investigações, ressaltando a vogal fonológica como propulsora do processo em pauta.

5.2 RODADAS SEPARADAS

Seguem as discussões dos resultados linguísticos acerca dos contextos de vogal fonológica e vogal derivada de modo independente, a fim de se analisar cada caso mais detidamente e verificar os fatores que propiciam e os que aplacam o processo de palatalização das consoantes oclusivas dentoalveolares antes de /i/.

5.2.1 Vogal fonológica

Para a análise da realização variável de /t, d/ diante de /i/ (vogal fonológica), como em *tio*, *mentira*, *dia*, *perdida*, atingiu-se um total de 1 154 dados para as 21 localidades pesquisadas.

Na rodada submetida ao *GoldVarb X* com os dados de vogal fonológica, as variáveis independentes selecionadas foram, nesta ordem: diatopia, faixa etária, consoante antecedente, vogal antecedente e sexo. Dessas, serão discutidos aqui os resultados linguísticos, já que os extralinguísticos selecionados pelo Programa foram apresentados na seção da rodada conjunta e não houve dissonância na separação das rodadas.

A única diferença identificada entre a rodada conjunta e a independente, da vogal fonológica, foi quanto à diatopia, na localidade de Ilhéus, que apresentou 100% de palatalização no referido contexto. O sexo e a faixa etária, por sua vez, se comportaram em consonância com os resultados atingidos na rodadas conjunta: prevalência da aplicação entre mulheres jovens.

5.2.1.1 Consoante antecedente

Consoante antecedente foi a primeira variável linguística (e a terceira no resultado geral) selecionada pelo Programa *GoldVarb X*. A princípio, esperava-se que o traço palatal imediatamente anterior à consoante oclusiva favorecesse a palatalização de /t, d/, uma vez que o processo de assimilação impulsionalizaria a realização palatal.

Dessa forma, vocábulos realizados como *e[ʃ]tilingue* e *pro[ʃ]tituta* estariam encaixados naquilo que se tinha como expectativa, favorecendo a pronúncia palatal [tʃ, dʒ]. Em contrapartida, segmentos fônicos antecedentes do tipo consoante fricativa alveolar /s, z/, como em *e[s]tilingue* e *pro[s]tituta*, ou consoante fricativa glotal/laríngea [h, fi], como em *cortina* e *perdida*, tenderiam a tolher a aplicação.

O estudo de Bisol (1986), por exemplo, observou que a sibilante anterior coronal /s, z/ mantém a consoante oclusiva, inibindo a articulação palatal dos segmentos /t, d/. Assim, considera-se que a afirmação de Bisol (1986) foi ratificada pelos dados desta pesquisa, como se verifica na tabela 5.

Tabela 5 – Palatalização de /t, d/ antes de /i/: consoante antecedente (vogal fonológica)

CONSOANTE ANTECEDENTE	OCOR./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Fricativa Palatal /ʃ, ʒ/	87/106	82.1	0.746
Fricativa Glotal/Laríngea [h, fi]	52/83	62.7	0.283
Fricativa Alveolar /s, z/	8/25	32.0	0.184

Significance = 0.000
Input 0.820

Chama a atenção o fato de aparecer, nos resultados da fricativa glotal/ laríngea, uma elevada frequência dos casos demonstrada em porcentagem, 62,7%, e um valor muito baixo de peso relativo, 0.283. É possível que isso tenha havido por conta das repetições da palavra *perdida*, contabilizada setenta vezes no levantamento. Os outros exemplos pertencentes a esse contexto foram: *tardinha* (seis vezes), *esquerdinha* (duas vezes), *portinhola* (duas vezes), *verdim* (uma vez), *cortina* (uma vez) e *shortinho* (uma vez).

O valor de 0.746 em peso relativo sobre a fricativa palatal antecedente legitima a hipótese considerada de assimilação, assim como se encontra no trabalho de Pagotto (2001, p. 241). O autor afirma que há um processo de assimilação regressiva no

contexto da consoante oclusiva quando ela é antecedida por um segmento palatal, exemplificado pelo termo [vi]ʰ[tʃidʊ].

Além desse estudo, há um trabalho desenvolvido por Albano (1999) que analisa espectrogramas de indivíduos não palatalizantes, confrontando a emissão dos vocábulos *tias* e *lingüística*, como se verifica na afirmação da autora disposta a seguir.

Um exame mais atento de sujeitos não-africadores mostra, entretanto uma situação delicada. Mesmo aqueles que vêem o “chiado” como característica alheia à sua fala, não conseguem deixar de palatalizar o /t/ e, curiosamente, também o /s/, em palavras terminadas em “ístico/a” tais como *lingüística*, *místico*, *dístico*, *eucarístico*. (ALBANO, 1999, p. 33).

Considerando que o fenômeno de palatalização possui largo interesse dialetológico e sociolinguístico, a autora exemplifica a fala dos cariocas de qualquer idade como sendo um grupo africador; em contrapartida, coloca os sujeitos paulistanos com mais de 50 anos de idade como pertencentes ao grupo não-africador. Por essa razão, Albano (1999, p.34) defende que o objeto aqui discutido parece ser um caso típico de mudança em curso, já que sujeitos que, a princípio, se colocam como não-africadores só apresentam o processo em ambientes muito propícios.

A partir dos dados apresentados, vê-se a relevância da variável consoante antecedente para a assimilação do ponto de articulação palatal na consoante oclusiva, o que tem sido consenso entre as pesquisas que contemplam o fenômeno aqui estudado.

5.2.1.2 *Vogal antecedente*

A variável ‘vogal antecedente’ foi controlada com o objetivo de se verificar o efeito da assimilação na influência da articulação das consoantes oclusivas, assim como ocorre na variável consoante antecedente, que tem como favorecedora a consoante fricativa palatal.

A hipótese aventada inicialmente era a de que a vogal /i/ e a semivogal /j/, por apresentarem o traço [+ palatal], favorecessem a realização palatalizada de [tʃ, dʒ]. Tendo em vista o traço [- palatal] das demais vogais e da semivogal posterior, era esperado que elas inibissem a aplicação.

Entretanto, nos dados coletados para esta pesquisa, a vogal baixa/central [a, ẽ] se coloca como favorecedora da palatalização, com um valor de 0.710 em peso relativo, enquanto a vogal /i/ e a semivogal /j/ inibem a aplicação, apresentando um peso relativo de 0.385 e 0.416, respectivamente, conforme se lê na tabela 6.

Tabela 6 – Palatalização de /t, d/ antes de /i/: vogal antecedente (vogal fonológica)

VOGAL ANTECEDENTE	OCOR./TOTAL	%	PESO RELATIVO
[a, ɛ]	120/142	84.5	0.710
[ɛ, e, ẽ]	103/149	69.1	0.574
[u, ã]	91/117	77.8	0.528
Semivogal /j/	20/31	64.5	0.416
[o, õ]	94/139	67.6	0.389
/i/	163/237	68.8	0.385

Significance = 0.000
Input 0.820

Devido às repetições de certos vocábulos ocasionadas pelo questionário aplicado, os resultados alcançados nesta investigação foram de encontro ao que se verifica na literatura (PAGOTTO, 2001, p. 238), uma vez que é esperado que a altura de segmentos vocálicos, como as vogais [i] e [u], contíguos à variante, influencie na variação.

Nos dados das capitais apresentados nas cartas do ALiB (CARDOSO et al., 2014), por exemplo, os contextos antecedentes favorecedores foram a semivogal anterior e a semivogal posterior, com pesos relativos de 0.656 e 0.594, respectivamente. Esses resultados para essa variável apontam para um possível enviesamento, pois a semivogal posterior /w/ se limita ao contexto de /d/, não se apresentando diante de /t/, aos grupos de força, como *joão-de-barro* e *irmão de leite*, por exemplo, não em vocábulos simples e só ocorre com a preposição *de*. O que se verifica nos resultados apresentados nas cartas é, portanto, a forma *de* em palavras compostas. Esse problema poderia ter sido resolvido com rodadas em que não se considerassem essas formas, já que a preposição pode ter uma força maior do que os outros vocábulos. Portanto, conclui-se que somente a semivogal anterior /j/ favoreceu a aplicação no referido estudo, não a anterior e a posterior.

Averiguou-se mais detidamente a natureza dos dados considerados neste trabalho quanto à vogal [a, ɛ] adjacente a /t, d/. Verificou-se, então, que tais realizações se deram em contextos específicos, com ocorrências elevadas em certos vocábulos, como em *mandioca*, por exemplo.

Com vistas a uma apresentação mais clara, apresenta-se, a seguir, o quadro 10, que consta dos vocábulos considerados e suas respectivas ocorrências.

Quadro 10 – Palatalização de /t, d/ antes de /i/:
vocábulos no contexto [a, ẽ] + /t, d/ (vogal fonológica)

[a, ẽ] + /d/	
LEXIA COLETADA	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
Mandioca	99
Fadiga/ Fadigado	5
Vadia	3
Estradinha	2
Padilha	1
<i>Passadia</i>	1
[a, ẽ] + /t/	
LEXIA COLETADA	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
<i>Jatium</i> ¹⁰	4
Curativo	1
<i>Carrapatina</i>	1
<i>Largatina</i>	1
Catinga	1
Alternativo	1
Platina	1
Batatinha	1
Batida	1

Os exemplos dispostos no quadro 10 levam a crer que a natureza dos dados pode estar influenciando os resultados, uma vez que um mesmo vocábulo (*mandioca*) foi muito produtivo no contexto de /d/, sendo registrado 99 vezes. Além disso, no contexto de /t/, a exceção de *jatium*, todos os vocábulos possuem como tônica a sílaba da

¹⁰ *Jatium* é uma variante de pernilongo – inseto pequeno que faz barulho no ouvido enquanto as pessoas dormem – registrada em um informante de Ilhéus e em três informantes documentados em Santa Cruz Cabralia.

consoante oclusiva surda, que, por sua vez, está contígua a um traço nasal¹¹ subsequente em nove casos levantados, não se enquadrando no referido contexto de nasalidade as lexias *curativo*, *alternativo* e *batida*, somente.

Tendo em vista a imprecisão dos resultados da variável ‘vogal antecedente’, testou-se cruzá-la com a variável ‘tonicidade’, a fim de se verificar se o contexto de favorecimento da aplicação seria sílaba tônica antecédida por /a/. Todavia, além de atribuir valores percentuais acima de 60 em todas as condições, o Programa não selecionou o cruzamento, invalidando o teste.

Com a inexatidão dos resultados, ainda não foi possível fazer afirmações probantes a respeito da variável ‘vogal antecedente’, devendo sê-la analisada de modo mais refinado, com a exclusão de possíveis casos de enviesamento.

Há, ainda, outro fator a se destacar a respeito da variável em foco: o questionário. Os vocábulos levantados não se apresentaram de modo produtivo em alguns contextos, justamente pelo fato de que as questões colocadas ao informante direcionaram a obtenção das respostas de modo limitado, reduzindo a diversidade do levantamento. Assim, os dados considerados se restringiram à coleta de ocorrências das mesmas lexias, proferidas diversas vezes, ainda que por falantes diferentes, como era o objetivo do questionário fonético-fonológico (COMITÊ..., 2001).

Os contextos antecedentes a /t, d/ que não apresentaram diversidade de respostas foram o da semivogal anterior /j/ – registrada apenas em *feitiço/feiticeira* e *noitinha* – e o da vogal alta posterior [u] (*sutiã* e *b[u]tique*), com ausência de realizações de [u] antes de /d/.

Registraram-se as mesmas lexias nas demais vogais antecedentes a /t, d/ nos casos da vogal média anterior [ɛ, e, ê], por exemplo, com reincidência nos vocábulos *coletivo* (26 vezes), *mentira* (23 vezes) e *f[e]tiço* (10 vezes) e da vogal média posterior [o, õ], com predominância nos termos *prostituta* (41 vezes) e *adotivo* (51 vezes). Além das lexias mencionadas, outras apareceram com frequência inferior a dez repetições.

No contexto da vogal alta anterior [i, î] antecedente, chama atenção a desproporção na frequência, 68.8%, e no peso relativo, 0.385. A repetição excessiva dos mesmos vocábulos parece ter contribuído para a redução do peso relativo. Verifica-se, no quadro 11, as ocorrências dos vocábulos considerados.

¹¹ Sabe-se que a nasalidade da vogal é um tema não consensual na literatura. Alguns estudos sobre o estatuto das vogais as consideram nasais, outros, nasalizadas, no entanto, esta dissertação não objetiva entrar na discussão.

Quadro 11 – Palatalização de /t, d/ antes de /i/:
vocábulo no contexto /i/+ /t, d/ (vogal fonológica)

/i/ + /d/	
LEXIA COLETADA	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
Liquidificador	69
<i>Pidido</i>	1
/i/ + /t/	
LEXIA COLETADA	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
<i>Mintira</i>	71
<i>Istilingue</i>	54
<i>Istiow/ Istiado</i>	20
Cabritinha	7
<i>Apiritivo</i>	4
<i>Convitivite</i>	1
<i>Istique</i>	1
Pintinha	1
Sítio	1
Vítima	1
Ridículo	1
Labirintite	1
Dividida	1
Piriquitinho	1
Bonitinho	1
<i>Distilada</i>	1

A exiguidade dos vocábulos que atuam no contexto estudado e a elevada incidência de alguns termos acarretam, portanto, a conclusão de que a ‘vogal antecedente’ não se revelou uma variável potencial de favorecimento da regra, mesmo tendo sido selecionada na rodada separada.

Salienta-se que, na rodada conjunta, o grupo ‘vogal antecedente’ também foi selecionado, apontando um favorecimento de /a/, com peso relativo igual a 0.586, conforme mostrado na tabela 1, da seção anterior. Por uma questão de escolha

metodológica, optou-se por discutir os fatores linguísticos apenas nas rodadas independentes.

É importante dar relevo ao fato de que, embora o Programa de análise estatística ofereça certos resultados e selecione determinadas variáveis, é crucial que o pesquisador analise cada caso, observando os contextos envolvidos no processo de favorecimento de seu fenômeno de estudo.

5.2.2 Vogal derivada

Ao analisar a realização variável das oclusivas dentoalveolares diante de [i] (vogal derivada), como em *tarde*, *noite*, por exemplo, alcançaram-se 1 816 dados.

A separação das rodadas submetidas ao Programa de análise estatística revelou diferença de favorecimento de alguns condicionadores na realização palatal de /t, d/ diante de cada contexto observado.

No caso da vogal derivada, por exemplo, foram selecionadas as seguintes variáveis independentes, na ordem de seleção fornecida pelo *GoldVarb X*: diatopia, tonicidade da sílaba em causa, vozeamento, faixa etária e sexo. Serão discutidas, portanto, as variáveis linguísticas tonicidade e vozeamento, já que as sociolinguísticas se comportaram de modo semelhante à rodada conjunta, com prevalectimento da aplicação entre mulheres jovens das mesmas localidades: Jequié, Santo Amaro, Ilhéus, Itapetinga, Caravelas, Santa Cruz Cabrália, Valença, Vitória da Conquista, Caetitê.

A localidade que apresentou uma pequena diferença entre as rodadas foi Itaberaba, atingindo uma frequência de 76,4% e um valor em peso relativo de 0.459.

5.2.2.1 Tonicidade

Na variável independente ‘tonicidade da sílaba’ em causa, verificou-se a acentuação da sílaba que comporta a variável estudada na palavra. Assim, simplificou-se o referido contexto em três acentuações possíveis: tônica (*não aplicável*), átona pretônica (*prateleira*, *redemoinho*) e postônica final (*lote*, *tarde*).

O *GoldVarb X* selecionou a ‘tonicidade’ como a segunda variável por ordem de relevância. Esse fato chama a atenção pela distribuição dos resultados, dispostos na tabela 7.

Leia-se, na tabela 7, que, além de não haver registros de palavras com sílabas tônicas no contexto de vogal derivada, a sílaba postônica final se revela promissora quando comparada à átona pretônica, mas seu valor ainda é considerado próximo do

ponto neutro, 0.541 em peso relativo, contra 0.370 da átona pretônica. Ademais, há o registro de 1382 ocorrências de postônica final, que suplanta o contexto de átona pretônica (431 ocorrências) em pouco mais de três vezes.

Tabela 7 – Palatalização de /t, d/ antes de [i]: tonicidade (vogal derivada)

TONICIDADE	OCOR./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Postônica Final	1027/1382	74.3	0.541
Átona Pretônica	250/431	58	0.370

Significance = 0.000

Input 0.794

De acordo com os dados quantitativos da tabela 7, o que se verificou aqui é semelhante ao que foi encontrado no trabalho de Kamianecky (2003), a propósito da palatalização das oclusivas alveolares, comparando falantes de Porto Alegre, RS, e Florianópolis, SC, as sílabas átonas favoreceram a palatalização de /t, d/, com peso relativo equivalente a .55, mostrando ser a tonicidade uma variável relevante para o estudo, assim como na presente pesquisa.

No estudo desenvolvido por Battisti e Guzzo (2010) sobre a palatalização das oclusivas alveolares em Chapecó (SC), o controle da variável tonicidade apontou para a sílaba tônica em favor da aplicação, com 0,73 de peso relativo. A variável foi cruzada com *status* da vogal, o que direcionou para que as autoras obtivessem como resultado para a átona final uma frequência de 14% e de 10% para átona não final e clítico, no âmbito da vogal alta fonética. Esses resultados contrariaram as expectativas da referida pesquisa, levando as autoras à afirmação de que

Não é a tonicidade em si o que favorece a palatalização, a combinação de fatores é o que a potencializa. Mesmo diante dessa constatação, como os resultados da variável Tonicidade mostraram-se estatisticamente consistentes e a variável foi selecionada, entendemos ser possível afirmar o papel condicionador de Tonicidade em Chapecó, sendo a sílaba tônica e as átonas não finais as favorecedoras. (BATTISTI; GUZZO, 2010. p. 134).

O presente estudo contraria os resultados de Battisti e Guzzo (2010), mas corrobora com os alcançados por Kamianecky (2003).

Embora se admita a necessidade de uma análise mais apurada do grupo ‘tonicidade’, sugerem esses resultados que a sílaba postônica final favorece a aplicação e a átona pretônica desfavorece a regra.

5.2.2.2 Vozeamento

Como terceira variável selecionada na rodada da vogal derivada, o (des)vozeamento da coronal foi destacado como fator relevante para o caso em estudo.

Entende-se que a articulação de uma consoante vozeada requer mais esforço do que a articulação de uma consoante desvozeada. Na produção da desvozeada, por exemplo, os gestos articulatórios são mínimos, exigindo menos esforço do aparelho fonador humano, o que oferece menos resistência ao processo de palatalização (SILVA, 2012).

Observa-se que a consoante desvozeada /t/ é um condicionador que favorece a aplicação da regra de palatalização, com valores de 75.7% e 0.557 de peso relativo, conforme consta da tabela 8. Já a vozeada /d/ apresenta um valor inferior de peso relativo, 0.403, mas sua percentagem acima do neutro, 61.5%, leva a considerar que o fator merece ser apurado, extraindo-se as repetições, por exemplo.

Tabela 8 – Palatalização de /t, d/ antes de /i/: vozeamento (vogal derivada)

CONSOANTE	OCOR./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Desvozeada /t/	863/1140	75.7	0.557
Vozeada /d/	414/673	61.5	0.403

Significance = 0.000
Input 0.794

Analisando a palatalização de /t, d/ antes de /i/ em Florianópolis (PAGOTTO, 2001) e nos resultados de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre (ABAURRE; PAGOTTO, 2002), nota-se que o fator consoante desvozeada se comporta de modo relevante para o favorecimento da aplicação.

Corroboram-se, portanto, os resultados da presente pesquisa com os de Pagotto (2001) e Abaurre e Pagotto (2002). No primeiro estudo (PAGOTTO, 2001, p. 233), aventa-se e confirma-se a hipótese de que a consoante desvozeada apresenta um grau de africção maior do que a vozeada. No último (ABAURRE; PAGOTTO, 2002), os teóricos objetivaram descrever o modo como a regra de palatalização está sendo aplicada ou inibida, a partir de cinco capitais do Brasil.

O estudo desenvolvido por Abaurre e Pagotto (2002) verificou que a realização palatal é mais frequente nos contextos de /t/, atingindo um peso relativo de .63. Nos

contextos da consoante sonora /d/, esse valor cai para .40 em peso relativo. Os autores também afirmam que

É possível pensar que a entrada da palatalização no sistema se dê por meio da consoante surda, estendendo-se depois para as consoantes sonoras, até que o sistema como um todo esteja palatalizado. (ABAURRE; PAGOTTO, 2002, p. 574).

No trabalho de Souza e Mota (2008) com o *corpus* do Projeto ALiB para as capitais do Nordeste, foi insignificante a diferença entre consoante vozeada e desvozeada em localidades como Teresina, Aracaju, João Pessoa e Recife.

Battisti e Guzzo (2010, p. 134), ao controlarem os resultados da variável ‘qualidade da consoante-alvo’, afirmam que “a consoante-alvo desvozeada favorece a palatalização (0,58), cabendo à consoante vozeada papel desfavorecedor.”, com 0.43 de peso relativo.

Dessa forma, presume-se que, embora o grupo de fatores ‘vozeamento’ esteja apresentando a consoante desvozeada /t/ em favor da aplicação, há, implicitamente, uma tendência ao alcance da palatalização também pela consoante vozeada /d/. Talvez seja esta a razão pela qual alguns estudos, como os de Souza e Mota (2008), por exemplo, não estejam selecionando tal variável como significativa para o processo em foco.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto ALiB apresenta, seguramente, uma inovação em sua metodologia, tendo em vista os critérios bem estabelecidos para escolha dos informantes e localidades, para a documentação do inquérito e na aplicação de um questionário diversificado, que possibilita a investigação de fatos linguísticos em todos os níveis gramaticais, podendo sê-los avaliados sob uma perspectiva pluridimensional (diatópica, diageracional, diastrática, diagenérica, diafásica, diarreferencial).

Inserida nesse ambiente de grande amplitude que caracteriza o Projeto, buscando documentar a fala de 1 100 informantes de 250 localidades brasileiras, esta pesquisa de Mestrado intenta contribuir com dados para os volumes futuros do *Atlas Linguístico do Brasil*, que irá abarcar dados geossociolinguísticos dos interiores brasileiros. Salienta-se, ainda, que o *corpus* utilizado na presente investigação é inédito e teve seu uso e análise devidamente autorizados pelo Comitê Nacional do Projeto.

Nesse viés, este estudo empreendeu análises de cunho variacionista sobre a realização variável de /t, d/ antes de /i/ (como vogal fonológica ou vogal fonética), adotando a palatalização como regra de aplicação.

Tendo como objetivo principal a apresentação da palatalização na área considerada e a definição das condições que favoreceram ou inibiram a regra de aplicação, este trabalho concentra-se nas vinte e uma localidades do interior da Bahia correspondentes à Rede de Pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Como parte dos objetivos específicos estabelecidos, oferece-se, também, uma contribuição de cunho geolinguístico, ao apresentar uma carta linguística que consta da distribuição do fenômeno na área.

A metodologia aqui adotada decorre dos pressupostos variacionistas, em que se buscou caminhar por vias da história, do perfil dos informantes, dos aspectos linguísticos e extralinguísticos que podem ter motivado as ocorrências em cada localidade, tal como sugere o axioma sociolinguístico. Para tratar os dados quantitativamente, apropriou-se do programa *GoldVarb X*, que fornece informações em percentuais e em pesos relativos para posterior análise linguística.

Desse modo, constatou-se que, com base nos dados dispostos, a palatalização na Bahia revelou-se como um fenômeno diatópico, que varia conforme a procedência geográfica do falante. Assim, são dez as localidades baianas palatalizantes: Jequié, Santo Amaro, Ilhéus, Itapetinga, Caravelas, Santa Cruz Cabrália, Valença, Vitória da

Conquista, Caetité e Itaberaba. Dessas, oito pertencem às mesorregiões Centro Sul e Sul Baiano, uma na região metropolitana de Salvador e outra no Centro Norte Baiano, podendo se observar a diferença geolinguística entre o litoral e as demais áreas.

Na rodada conjunta, que controlou a natureza da vogal como variável linguística, além da diatopia, mostraram-se estatisticamente relevantes as variáveis faixa etária, vozeamento da consoante em causa, sexo dos informantes, consoante antecedente, natureza da vogal, tonicidade e vogal antecedente. Optou-se, então, por considerar as variáveis sociais, uma vez que as linguísticas seriam alvo de análises específicas, voltadas para cada contexto da vogal. Assim, constatou-se que a faixa etária mais jovem e o sexo feminino são as variáveis sociais que têm favorecido a aplicação da palatalização na Bahia, a partir do *corpus* do Projeto ALiB.

Por essa razão, acredita-se que o fenômeno em estudo pode estar caminhando rumo à mudança, uma vez que sua predominância está entre as mulheres jovens.

Nas rodadas separadas ou independentes, verificou-se que os condicionadores externos à língua são praticamente os mesmos que se verificou na rodada conjunta. Focalizando nos aspectos linguísticos que atuam na realização palatalizada em cada contexto da vogal, observaram-se algumas diferenças.

No âmbito da vogal fonológica, revelou-se como estatisticamente relevante a consoante antecedente fricativa palatal. Embora o programa utilizado no curso do trabalho, *GoldVarb X*, tenha selecionado a variável vogal antecedente, ela foi desconsiderada como relevante nas análises, uma vez que tenha apresentado altos índices de ocorrências dos mesmos vocábulos e escassez de termos que sejam condizentes com o contexto em foco.

No que diz respeito à vogal derivada ou fonética, as variáveis linguísticas favorecedoras de palatalização foram a tonicidade, fator sílaba postônica final, e o vozeamento da consoante em causa, fator consoante desvozeada.

No momento em que se encerra a pesquisa, há, ainda, de se admitir a necessidade na ampliação das pesquisas sobre fatos das línguas indígenas e africanas, uma vez que o caminho a seguir para uma melhor explicação da palatalização no Brasil pode ser o do contato entre o português e as demais línguas, que podem ter influenciado em certos casos ocorrentes no português do Brasil e não no português europeu, como a palatalização de /t, d/ antes de /i/, por exemplo.

Para um maior esclarecimento do fenômeno aqui apresentado e para que as análises não caiam no mecanicismo, há outras questões que carecem de respostas e se

colocam como um norte que pode ser tomado na continuidade do estudo: a) por que a palatalização de /t, d/ diante de /i/ (vogal fonológica) e [i] (vogal derivada) não se dá em Portugal como acontece no Brasil?; b) até que ponto há influência do contato com línguas indígenas e africanas para a existência da palatalização no Brasil?; c) como e por que a pronúncia palatal de /t, d/ diante de /i/ (vogal fonológica) e [i] (vogal derivada) ganhou prestígio no Brasil? d) por que as africadas /tʃ/ e /dʒ/ são fonemas da língua italiana, que não conviveu com línguas indígenas e africanas, e não são identificadas no português europeu?.

Só depois de respondidas as questões postas é que se poderá afirmar, com exatidão, os contextos que explicam a realização palatal de /t, d/ diante de /i/ (nos dois contextos de vogal alta), bem como o desenvolvimento de análises de modo mais acurado, que permitam um tempo maior para o empreendimento do estudo.

Assim, no intuito de contribuir com as potencialidades do Projeto ALiB, este trabalho cumpre com seus objetivos, fornecendo informações geossociolinguísticas para um maior conhecimento de um fato da língua falada no interior da Bahia, auxiliando nas etapas futuras de apresentação dos dados de todo o Brasil.

Não se deve perder de vista, todavia, a necessidade de novos estudos sobre o fenômeno, a fim de ampliar as explicações trazidas neste texto, usando uma amostra mais ampla que inclua um maior número de informantes e, se possível, uma faixa etária intermediária. Além disso, é interessante incluir uma avaliação social, enfatizando a história da comunidade de fala investigada e a produção de testes de percepção linguística para observar o prestígio ou o estigma que a variante carrega.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernardete; PAGOTTO, Emílio. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE, Maria Bernardete; RODRIGUES, Ângela C. S. (orgs.). *Gramática do português falado*. Volume VIII: novos estudos descritivos. Campinas, SP: UNICAMP, 2002.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

ALBANO, Eleonora Cavalcante. O português brasileiro e as controvérsias da fonética atual: pelo aperfeiçoamento da fonologia articulatória. *D. E. L. T. A.*, São Paulo, v. 15, p. 23-51, 1999. Número especial.

ALMEIDA, Edilene Maria de Oliveira. *Atlas Lingüístico da Mata Sul de Pernambuco-Almaspe*. 2009. 149f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Cultura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. *Micro-atlas fonético do Estado do Rio de Janeiro: uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses*. 2008. 157f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3. ed. Prefácio de Paulo Duarte. São Paulo: Hucitec em co-edição com a Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976 [1920].

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de.; BEZERRA DE MENEZES, Cleusa P. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984; v. 1, 2.

BATTISTI, Elisa; GUZZO, Natalia. Palatalização das oclusivas alveolares: o caso de Chapecó (SC). In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela. (Orgs.). *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 115-140.

BESSA, José Rogério Fontenele (coordenador). *Atlas Lingüístico do Ceará*. Vol.I – Introdução, Vol.II – Cartogramas. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BISOL, Leda. A palatalização e sua restrição variável. In: *Estudos lingüísticos e literários*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1986.

CARDOSO, Suzana. Sobre a africada [tʃ] no português do Brasil. *Journal of the International Society for Dialectology and Geolinguistics*. Wolfgang Viereck, 1993. p. 92-111.

CARDOSO, Suzana. *Atlas Lingüístico de Sergipe II*. Salvador: EDUFBA, 2005.

CARDOSO, Suzana. Caminhos da dialetologia brasileira. *Revista ABRALIN*, 2009.

- CARDOSO, Suzana. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, Suzana. Atlas Linguístico do Brasil. Introdução. v.1. Londrina: EDUEL, 2014 (a).
- CARDOSO, Suzana. Atlas Linguístico do Brasil. Cartas. v.1. Londrina: EDUEL, 2014 (b).
- CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Petter. *La Dialectología*. Madrid: Visor Libros, 1994.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.
- COSERIU, Eugenio. *La geografía lingüística*. Cuadernos del Instituto Lingüístico Latino-Americano, Montevideo, 1965.
- COSERIU, Eugenio. Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira. In: OLIVEIRA, Fernão de. *Grammatica da linguagem portuguesa*. Edição crítica, semidiplomática e anastática. Por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000.
- CUBA, M. A. *Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso*. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2009.
- CRUZ, Maria Luiza. *Atlas Linguístico do Amazonas*. Vol I e II. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de doutoramento, 2004.
- ELIZAINCÍN, Adolfo. Socio y Geolinguística: nueva alianza en los estúdios sobre el uso lingüístico. *Estudios lingüísticos e literários*, n. 41, Salvador, 2010. p. 13-28.
- ENCARNAÇÃO, Márcia Regina Teixeira da. *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba* - municípios do Litoral Norte de São Paulo. 2010. 741f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- FERREIRA, Carlota et al. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- GUY, Gregory; ZILLES, Ana. *Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HORA, Dermeval da. A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ e as restrições sociais. *Graphos*, João Pessoa, v.2, n.1, 1997. p. 135-141.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: *Cidades*. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

KAMIANECKY, Fernanda. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis: Uma Análise Quantitativa*. 2002. 114f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

KOCH, Walter; Klassmann, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRGS/Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002. v. 1, v. 2.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. Rio de Janeiro: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, William. *Principios del cambio lingüístico*. v.2: Factores sociales. Tradução de Pedro Martín Butragueño. Madri: Gredos, 2006 [2001].

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste: Alagoas e Nordeste*. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2008[1934]. 176 p.

MEILLET, Antoine. Linguistique Historique et Linguistique Générale. In: *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1921.

MOREIRA, Marana de Almeida; MOTA, Jacyra Andrade. A palatalização de /t/ e /d/ diante de [i] em Santo Amaro, Alagoinhas e Jacobina (BA) com base no *corpus* do Projeto ALiB. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ALTINO, Fabiane Cristina; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *Atlas Lingüístico do Brasil: descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores* (edição eletrônica). Londrina (PR): EDUEL, 2014, v. III, p. 0-0.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

MOTA, Jacyra Andrade. Variantes palatais do português do Brasil. CONGRESSO INTERNACIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA. Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani. Università di Palermo, [18-24 settembre 1995], 1998. In: *Atti del...* v. 5, p. 475- 484.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana. (Orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006.

MOTA, Jacyra Andrade. Dois momentos da geolingüística no Brasil: APFB e ALiB. In: LOBO, Tânia et. al. (Orgs.). *ROSAE: Linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012.

MOTA, Jacyra Andrade; OLIVEIRA, Josane Moreira. Cartas fonéticas F 06 C1, F 06 C2 E, F 06 C2 G, F 06 C2 S, F 06 C3 E, F 06 C3 G, F 06 C3 S. In: CARDOSO, Suzana et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v. 2 (Cartas Linguísticas 1). Londrina: EDUEL, 2014(b).

MOTA, Jacyra Andrade. Por onde caminha a palatalização no Português do Brasil. In: AGUILERA, Vanderci; DOIRON, Maranúbia. (Orgs.). *Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus: uma homenagem a Michel Contini*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2016, p. 40-65.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

OLIVEIRA, Dercir. Pedro de (Org.). *Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul*. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

PAGOTTO, Emilio Gozze. Variação e (´) identidade. 2001. 454f. Tese (Doutorado em Letras) – IEL/Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

PAIM, Marcela Moura Torres. *A emergência de identidade social de faixa etária na cidade de Salvador*. Dissertação em Letras e Linguística. Universidade Federal da Bahia. UFBA, 2004.

PAIVA, Maria da Conceição de. Mudança em tempo real e em tempo aparente. In: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JUNIOR, Celso (Orgs.). *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 23-32.

PEREIRA, M. das Neves. *Atlas Geolingüístico do Litoral Potiguar*. 2007. 423 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PRUDENTE, Clese Mary; ABBADE, Celina. A discreta presença africana na toponímia da Bahia. *Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura*. São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 47-59, 2016.

RAZKY, Abdelhak. (Org.) *Atlas lingüístico sonoro do Pará*. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. CDRoom.

RODRIGUES, Aryon. *As línguas gerais sul-americanas*. Laboratório de línguas indígenas, Brasília. Disponível em:
<http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/9136/1/ARTIGO_LinguasGeraisSulAmericanas.pdf>. 1996. Acesso em: 05 mar. 2018.

ROMANO, Valter Pereira. *Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente*. 2012. 366f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

ROSSI, N. et al. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SÁ, Edmilson José de. *Atlas Linguístico de Pernambuco*. 2013. 149f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. 2005.

SILVA CORVALÁN, Carmén. *Sociolingüística: teoría y análisis*. Madrid: Alhambra, 1989.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

SILVA, Jane Keli Almeida da. *Vocabulário gramatical quinhentista: para uma análise contrastiva da metalinguagem em Fernão de Oliveira e João de Barros*. 2017. 1.v. 204f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2012.

SOUZA, Milena Pereira de; MOTA, Jacyra. O que podi ou podji esta língua: as consoantes oclusivas /d, t/ diante da vogal alta /i/ em dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil. In: *Atas do Congresso ALFAL*, 2008, Montevideu.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2001.

VIARO, Mário Eduardo. Semelhanças entre o português brasileiro e as variedades africanas e asiáticas. In: SILVA, Luiz Antônio da. *A língua que falamos: português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005.

WANDERLEY, Lívio Andrade.; SANTOS, Nanety Cristina Alves dos; PORTUGAL, Wellyngton Barbosa. Um estudo de dinamismos setoriais por mesorregiões do estado da Bahia no intervalo entre 2006 e 2012 através do modelo Shift-Share Analysis. *Nexos Econômicos*, Salvador, v. 8, 2014. p. 81-121.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Empirical Foundations for Theory of Language Change*. In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística]. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

ZÁGARI, Roberto L. et. al. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. A. (Org.). *A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005. p. 45-72.